



Caderno de Estudos

# **LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS LIBRAS**

**Prof.<sup>a</sup> Kátia Solange Coelho Rafaeli**

**Prof.<sup>a</sup> Maria Dalma Duarte Silveira**

Editora GRUPO UNIASSELVI  
2009



Copyright © Editora GRUPO UNIASSELVI 2008

Elaboração:

Prof.<sup>a</sup> Kátia Solange Coelho Rafaeli

Prof.<sup>a</sup> Maria Dalma Duarte Silveira

Revisão, Diagramação e Produção:

Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI

Ficha catalográfica elaborada na fonte pela Biblioteca Dante Alighieri  
Grupo UNIASSELVI – Indaial.

419

R136c

Rafaeli, Kátia Solange Coelho.

Caderno de estudos : libras / Kátia Solange Coelho Rafaeli [e] Maria Dalma Duarte Silveira, Centro Universitário Leonardo da Vinci. – Indaial : ASSELVI, 2009. x ; 170 p. : il.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7830-138-1

1. Linguagem de sinais - Surdos. 2. Educação especial – LIBRAS. 3. Língua brasileira de sinais. I. Silveira, Maria Dalma Duarte. II. Centro Universitário Leonardo da Vinci. *Núcleo de Ensino a Distância*. III. Título.

## APRESENTAÇÃO

Prezado(a) acadêmico(a)!

É com alegria que estamos chegando até você! Seja bem-vindo(a) à disciplina de Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS.



Língua de Sinais

Para que você alcance um nível razoável em seu desempenho comunicativo, precisará ter o desejo e oportunidade de se comunicar em LIBRAS. Por isso, as orientações metodológicas deste Caderno de Estudos servirão para nortear o processo de ensino/aprendizagem desta língua.

A construção deste Caderno de Estudos foi um grande desafio. Exigiu de nós um esforço no sentido de sistematizar os aspectos teórico e metodológico dessa disciplina, que é extremamente visual.

Possui como um dos seus principais objetivos oportunizar condições de igualdade ao educando surdo no ensino regular e ter acesso ao conhecimento mundialmente disseminado na sua própria língua materna, inclusive àquele que não teve a oportunidade de adquirir a língua de sinais no seu convívio familiar.

Cabe salientar que estudar LIBRAS vai além da leitura deste Caderno de Estudos, pois a Língua Brasileira de Sinais não é um conjunto de gestos soltos e isolados, mas uma língua que possui suas características próprias como qualquer outra língua oral. Sabemos que não esgotaremos o assunto a ser estudado aqui, mas esperamos poder contribuir na construção, divulgação e compreensão desta língua enquanto alicerces para o desenvolvimento integral do educando surdo.

Vamos ao estudo...

**Prof.<sup>a</sup> Kátia Solange Coelho Rafaeli**

**Prof.<sup>a</sup> Maria Dalma Duarte Silveira**



Oi!! Eu sou o UNI, você já me conhece das outras disciplinas. Estarei com você ao longo deste caderno. Acompanharei os seus estudos e, sempre que precisar, farei algumas observações. Desejo a você excelentes estudos!

**UNI**

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| <b>PLANO DE ESTUDO DA DISCIPLINA</b> .....                                   | ix |
| <b>UNIDADE 1: LIBRAS: ASPECTOS LEGAIS, HISTÓRICOS E CULTURAIS</b> .....      | 1  |
| <b>TÓPICO 1: AQUISIÇÃO DA LÍNGUA</b> .....                                   | 3  |
| 1 INTRODUÇÃO .....   | 3  |
| 2 SURDEZ .....   | 3  |
| 3 AQUISIÇÃO DA PRIMEIRA LÍNGUA (L1) .....                                    | 7  |
| 4 AQUISIÇÃO DA SEGUNDA LÍNGUA (L2) .....                                     | 9  |
| RESUMO DO TÓPICO 1 .....   | 11 |
| AUTOATIVIDADE .....  | 12 |
| <b>TÓPICO 2: A EDUCAÇÃO DE SURDOS E A LEGISLAÇÃO</b> .....                   | 13 |
| 1 INTRODUÇÃO .....   | 13 |
| 2 RETROSPECTO HISTÓRICO .....  | 13 |
| 2.1 RETROSPECTO MUNDIAL .....  | 13 |
| 2.2 EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL .....                                       | 16 |
| 3 LEGISLAÇÃO .....   | 18 |
| 4 ÓRGÃOS .....   | 30 |
| 4.1 INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS – INES .....                    | 30 |
| 4.2 FEDERAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO DOS SURDOS –<br>FENEIS ..... | 32 |
| RESUMO DO TÓPICO 2 .....   | 34 |
| AUTOATIVIDADE .....  | 35 |
| <b>TÓPICO 3: CULTURA, IDENTIDADE, TECNOLOGIA E A COMUNIDADE SURDA</b> ....   | 37 |
| 1 INTRODUÇÃO .....   | 37 |
| 2 CULTURA .....  | 37 |
| 3 CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE .....   | 39 |
| 4 COMUNIDADES SURDAS .....   | 40 |
| 5 COMPORTAMENTO E TECNOLOGIA .....   | 41 |
| 5.1 TELEFONE PARA SURDOS .....   | 41 |
| 5.2 CELULAR PARA SURDOS .....  | 42 |
| RESUMO DO TÓPICO 3 .....   | 44 |
| AUTOATIVIDADE .....  | 45 |
| AVALIAÇÃO .....  | 46 |
| <b>UNIDADE 2: LIBRAS E SUAS ESTRUTURAS</b> .....                             | 47 |
| <b>TÓPICO 1: A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS</b> .....                | 49 |
| 1 INTRODUÇÃO .....   | 49 |

|  |    |
|--|----|
| <b>2 PARÂMETROS</b> .....  | 49 |
| 2.1 CONFIGURAÇÃO DE MÃOS (CM) .....  | 50 |
| 2.2 PONTO DE ARTICULAÇÃO (PA) .....  | 51 |
| 2.3 MOVIMENTO (M) .....  | 51 |
| 2.3.1 Expressão facial/corporal .....  | 53 |
| 2.3.2 Orientação/direção .....   | 54 |
| <b>3 SINAIS</b> .....  | 55 |
| <b>RESUMO DO TÓPICO 1</b> .....  | 57 |
| <b>AUTOATIVIDADE</b> .....   | 58 |
| <br>   |    |
| <b>TÓPICO 2: DATILOLOGIA E NUMERAÇÃO</b> .....   | 59 |
| <b>1 INTRODUÇÃO</b> .....  | 59 |
| <b>2 O QUE É A DATILOLOGIA</b> .....   | 59 |
| <b>3 ALFABETO MANUAL</b> .....   | 59 |
| <b>4 NUMERAIS</b> .....  | 62 |
| 4.1 EXPRESSÃO PARA O ANO SIDERAL .....   | 63 |
| 4.2 VALORES MONETÁRIOS, PESOS E MEDIDAS .....  | 66 |
| <b>RESUMO DO TÓPICO 2</b> .....  | 67 |
| <b>AUTOATIVIDADE</b> .....   | 68 |
| <br>   |    |
| <b>TÓPICO 3: ESTRUTURAÇÃO DE SENTENÇAS EM LIBRAS</b> .....   | 71 |
| <b>1 INTRODUÇÃO</b> .....  | 71 |
| <b>2 SISTEMA DE TRANSCRIÇÃO PARA LIBRAS</b> .....  | 71 |
| <b>3 VERBOS</b> .....  | 74 |
| <b>4 CLASSIFICADOR</b> .....   | 75 |
| <b>5 ADVÉRBIOS DE TEMPO</b> .....  | 75 |
| <b>6 ADJETIVOS</b> .....   | 76 |
| <b>7 PRONOMES</b> .....  | 77 |
| 7.1 PRONOMES PESSOAIS .....  | 77 |
| 7.2 PRONOMES DEMONSTRATIVOS E ADVÉRBIOS DE LUGAR .....   | 81 |
| 7.3 PRONOMES POSSESSIVOS .....   | 82 |
| 7.4 PRONOMES INTERROGATIVOS .....  | 83 |
| 7.4.1 Que, quem, onde .....  | 83 |
| 7.4.2 Qual, como, para-que e por-que .....   | 83 |
| 7.4.3 Quando, dia, que-hora, quantas-horas .....   | 85 |
| 7.5 PRONOMES INDEFINIDOS .....   | 86 |
| <b>LEITURA COMPLEMENTAR</b> .....  | 87 |
| <b>RESUMO DO TÓPICO 3</b> .....  | 92 |
| <b>AUTOATIVIDADE</b> .....   | 93 |
| <b>AVALIAÇÃO</b> .....   | 94 |
| <br>   |    |
| <b>UNIDADE 3: ATIVIDADES EDUCATIVAS: POSSIBILIDADES DE AÇÃO DOCENTE<br/>NO ENSINO DOS SURDOS</b> ..... | 95 |

|  |     |
|--|-----|
| <b>TÓPICO 1: ATIVIDADES EDUCATIVAS</b> .....                 | 97  |
| <b>1 INTRODUÇÃO</b> .....                                    | 97  |
| <b>2 AÇÕES NO TRABALHO COM O SURDO</b> .....                 | 97  |
| <b>RESUMO DO TÓPICO 1</b> .....                              | 100 |
| <b>AUTOATIVIDADE</b> .....                                   | 101 |
| <br>   |     |
| <b>TÓPICO 2: ATIVIDADES EDUCATIVAS – MATEMÁTICA E LÍNGUA</b> |     |
| <b>PORTUGUESA</b> .....                                      | 103 |
| <b>1 INTRODUÇÃO</b> .....                                    | 103 |
| <b>2 ATIVIDADES DIVERSAS</b> .....                           | 103 |
| 2.1 ALFABETO MÓVEL .....                                     | 109 |
| <br>   |     |
| <b>TÓPICO 3: JOGOS</b> .....                                 | 111 |
| <b>1 INTRODUÇÃO</b> .....                                    | 111 |
| <b>2 JOGOS</b> .....   | 111 |
| 2.1 A PULGA SURDA .....                                      | 111 |
| 2.2 O JOGO DAS MÃOS .....                                    | 112 |
| 2.3 TESTE DA CAIXINHA .....                                  | 112 |
| 2.4 COLEÇÃO DE AUTÓGRAFOS .....                              | 113 |
| 2.5 TELEFONE SEM FIO .....                                   | 113 |
| 2.6 SINAIS .....   | 114 |
| 2.6.1 Cores .....  | 114 |
| 2.6.2 Frutas .....   | 118 |
| 2.6.3 Animais .....  | 124 |
| 2.6.4 Brinquedos .....                                       | 130 |
| 2.6.5 Vestuário .....  | 134 |
| 2.6.6 Datas comemorativas .....                              | 140 |
| 2.6.7 Família .....  | 146 |
| 2.6.8 Escola .....   | 152 |
| 2.6.9 Semana .....   | 157 |
| 2.6.10 Meses do ano .....                                    | 159 |
| 2.6.11 Boas maneiras .....                                   | 163 |
| <b>AVALIAÇÃO</b> .....                                       | 167 |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....                                     | 169 |



# PLANO DE ESTUDO DA DISCIPLINA

## EMENTA

Cultura surda e cidadania brasileira. Educação dos surdos: aspectos históricos e institucionais. Características da linguagem de sinais. Situações de aprendizagem dos surdos. Aquisição de uma segunda língua.

## OBJETIVOS DA DISCIPLINA

Esta disciplina tem os seguintes objetivos:

- apresentar o conceito e a importância da língua de sinais;
- propiciar a compreensão sobre a cultura e a tecnologia surda;
- fornecer elementos teórico-metodológicos para a compreensão da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS);
- apresentar legislação que fundamenta essa disciplina;
- pontuar os aspectos de construção de identidade surda;
- identificar os parâmetros dos sinais;
- conhecer os principais sinais utilizados na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) pelos surdos;
- reconhecer a importância da aquisição da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS);
- demonstrar situações de aprendizagem;
- apresentar as contribuições da sociedade à educação de surdos.

## PROGRAMA DA DISCIPLINA

### UNIDADE 1 – LIBRAS: ASPECTOS LEGAIS, HISTÓRICOS E CULTURAIS

TÓPICO 1 – AQUISIÇÃO DA LÍNGUA

TÓPICO 2 – A EDUCAÇÃO DE SURDOS E A LEGISLAÇÃO

TÓPICO 3 – CULTURA, IDENTIDADE, TECNOLOGIA E A COMUNIDADE SURDA

### UNIDADE 2 – LIBRAS E SUAS ESTRUTURAS

TÓPICO 1 – A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS

TÓPICO 2 – DATILOLOGIA E NUMERAÇÃO

TÓPICO 3 – ESTRUTURAÇÃO DE SENTENÇAS EM LIBRAS

**UNIDADE 3 – ATIVIDADES EDUCATIVAS: POSSIBILIDADES DE AÇÃO DOCENTE NO ENSINO DOS SURDOS**

TÓPICO 1 – ATIVIDADES EDUCATIVAS

TÓPICO 2 – ATIVIDADES EDUCATIVAS – MATEMÁTICA E LÍNGUA

TÓPICO 3 – JOGOS

## UNIDADE 1

# LIBRAS: ASPECTOS LEGAIS, HISTÓRICOS E CULTURAIS

## OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

A partir desta unidade você será capaz de:

- compreender a aquisição da segunda língua;
- identificar a legislação pertinente à Língua Brasileira de Sinais;
- conceituar o que é surdez;
- compreender a construção da cultura e da identidade do surdo;
- verificar a evolução da educação dos surdos;
- identificar as tecnologias voltadas ao atendimento dos surdos;
- identificar e compreender os órgãos criados para o atendimento da comunidade surda.

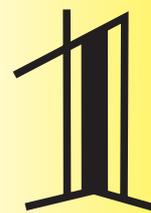
## PLANO DE ESTUDOS

Esta primeira unidade está dividida em três tópicos. Você encontrará, no final de cada um deles, atividades que contribuirão para a compreensão dos conteúdos explorados.

**TÓPICO 1 – AQUISIÇÃO DA LÍNGUA**

**TÓPICO 2 – A EDUCAÇÃO DE SURDOS E A LEGISLAÇÃO**

**TÓPICO 3 – CULTURA, IDENTIDADE, TECNOLOGIA E A COMUNIDADE SURDA**



L  
Í  
N  
G  
U  
A  
  
B  
R  
A  
S  
I  
L  
E  
I  
R  
A  
  
D  
E  
  
S  
I  
N  
A  
I  
S  
-  
L  
I  
B  
R  
A  
S

## UNIDADE 1

### TÓPICO 1

#### AQUISIÇÃO DA LÍNGUA

#### 1 INTRODUÇÃO

Iniciamos esta unidade lembrando que, no Caderno de Educação Especial, você estudou a história da educação especial, os fundamentos da educação inclusiva, o que é deficiência etc., por isso não iremos retomar esses conceitos que são fundamentais para a compreensão da importância da educação inclusiva. Estamos partindo do princípio de que já foram trabalhados e são por você compreendidos. Na Unidade 3, tópico 2, do Caderno de Estudos de Educação Especial, já se trabalhou sobre deficiência auditiva. Vamos agora, ao início desse Caderno de Estudos relembrar, o conceito sobre surdez.



Volte ao Caderno de Educação Especial escrito pela Prof<sup>a</sup>. Luciana Monteiro e releia com atenção o que foi trabalhado.

#### 2 SURDEZ

Quando se fala em deficiência auditiva, faz-se necessária a compreensão do que é surdez, para que possamos compreender as implicações desta deficiência.

Iniciamos as nossas reflexões acerca deste tema destacando o que pontua Rodrigues (2008):

[...] segundo a FENEIS (Federação Nacional dos Surdos), o surdo-mudo é a mais antiga e incorreta denominação atribuída ao surdo, e infelizmente ainda utilizada em certas áreas e divulgada nos meios de comunicação. Para eles o fato de uma pessoa ser surda não significa que ela seja muda. A mudez é outra deficiência. [...] O surdo é o indivíduo em que a audição não é funcional para

todos os sons e ruídos ambientais da vida; que apresenta altos graus de perda auditiva, prejudicando a aquisição da linguagem e impedindo a compreensão da fala através do ouvido.

Com esta reflexão surge o nosso primeiro alerta em relação à surdez: nem todo surdo é mudo e nem todo mudo é surdo. Precisamos conhecer a deficiência para que possamos compreendê-la.

Segundo Fernandes (2003), surdez é a privação parcial ou total do sentido de ouvir. Essa incapacidade pode ser de origem congênita, causada por viroses maternas, doenças tóxicas desenvolvidas durante a gravidez, predisposição genética etc., ou adquirida, isto é, a pessoa pode nascer surda ou adquirir posteriormente através de uma doença ou acidente.

A intensidade de perda auditiva é medida conforme a intensidade necessária para amplificação do som, essa medida se dá comumente através de decibéis.

As leis números 10.048, de 8 de novembro de 2000, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, estabelecem normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, definem a deficiência auditiva como “[...] perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz”.

Decibel (dB) é a unidade de amplificação utilizada para medir a potência do som. Essa classificação se dá através da correspondência da potência do som que pode ser distinguida do silêncio. Veja a seguir um exemplo da classificação por decibéis:

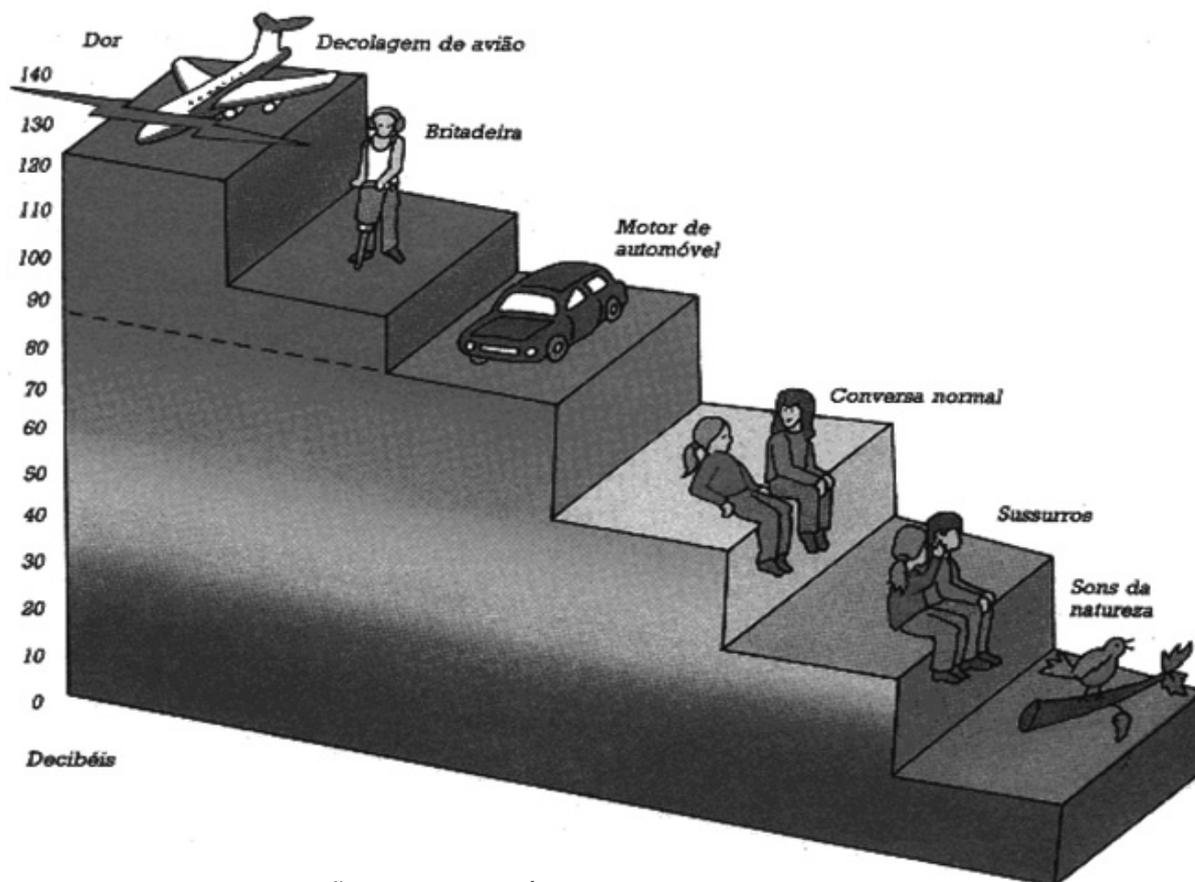


FIGURA 01 - CLASSIFICAÇÃO POR DECIBÉIS

FONTE: Disponível em: <[http://www.ines.gov.br/ines\\_livros/4/4\\_005.HTM](http://www.ines.gov.br/ines_livros/4/4_005.HTM)>. Acesso em: 20 nov. 2008.



Hertz (Hz) é a unidade que determina o comprimento da onda sonora e envolve a frequência do som, ou seja, a capacidade de perceber sons graves e agudos. Assim, a audição normal é aquela que se situa entre 0 a 20 dB e entre 250 a 4.000 Hertz. Para determinar a perda em um teste audiométrico, geralmente são usadas as frequências 500 Hz, 1000 Hz, 2000 Hz e 4000 Hz.

FONTE: Disponível em: <[http://www.ines.gov.br/ines\\_livros/4/4\\_006.HTM](http://www.ines.gov.br/ines_livros/4/4_006.HTM)>. Acesso em: 20 nov. 2008.

Conforme o INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos –, no livro “Educação Especial: deficiência auditiva”, do ponto de vista educacional e com base na classificação do Bureau Internacional d’Audiophonologie - BIAP, e na Portaria Interministerial nº 186, de 10/03/78, considera-se:

Parcialmente Surdo

a) **Portador de Surdez Leve** - aluno que apresenta perda auditiva de até quarenta decibéis. Essa perda impede que o aluno perceba igualmente todos os fonemas da palavra. Além

disso, a voz fraca ou distante não é ouvida. Em geral, esse aluno é considerado como desatento, solicitando, frequentemente, a repetição daquilo que lhe falam. Essa perda auditiva não impede a aquisição normal da linguagem, mas poderá ser a causa de algum problema articulatório ou dificuldade na leitura e/ou escrita.

**b) Portador de Surdez Moderada** - aluno que apresenta perda auditiva entre quarenta e setenta decibéis. Esses limites se encontram no nível da percepção da palavra, sendo necessária uma voz de certa intensidade para que seja convenientemente percebida. São frequentes o atraso de linguagem e as alterações articulatórias, havendo, em alguns casos, maiores problemas linguísticos. Esse aluno tem maior dificuldade de discriminação auditiva em ambientes ruidosos. Em geral, ele identifica as palavras mais significativas, tendo dificuldade em compreender certos termos de relação e/ou frases gramaticais complexas. Sua compreensão verbal está intimamente ligada à sua aptidão para a percepção visual.

Surdo

**a) Portador de Surdez Severa** - aluno que apresenta perda auditiva entre setenta e noventa decibéis. Este tipo de perda vai permitir que ele identifique alguns ruídos familiares e poderá perceber apenas a voz forte, podendo chegar até quatro ou cinco anos sem aprender a falar. Se a família estiver bem orientada pela área educacional, a criança poderá chegar a adquirir linguagem. A compreensão verbal vai depender, em grande parte, de aptidão para utilizar a percepção visual e para observar o contexto das situações.

**b) Portador de Surdez Profunda** - aluno que apresenta perda auditiva superior a noventa decibéis. A gravidade dessa perda é tal que o priva das informações auditivas necessárias para perceber e identificar a voz humana, impedindo-o de adquirir naturalmente a linguagem oral. As perturbações da função auditiva estão ligadas tanto à estrutura acústica, quanto à identificação simbólica da linguagem. Um bebê que nasce surdo balbucia como um de audição normal, mas suas emissões começam a desaparecer à medida que não tem acesso à estimulação auditiva externa, fator de máxima importância para a aquisição da linguagem oral. Assim, também não adquire a fala como instrumento de comunicação, uma vez que, não a percebendo, não se interessa por ela, e não tendo "*feedback*" auditivo, não possui modelo para dirigir suas emissões.



Você pode acessar os livros digitais disponibilizados pelo INES através do site [http://www.ines.gov.br/ines\\_livros](http://www.ines.gov.br/ines_livros)

Com o objetivo de identificar e possibilitar uma maior acessibilidade a serviços, identificação de espaços, equipamentos etc., foi institucionalizado o símbolo internacional de acesso. Essa sinalização deve estar fixada de forma visível em locais públicos, principalmente entre entradas, áreas e vagas de estacionamento de veículos, embarque/desembarque, equipamentos exclusivos para o uso de pessoas portadoras de deficiência. No Brasil, a Lei nº 8.160, de 08 de janeiro de 1991, dispõe sobre a caracterização de símbolo que permita a identificação de pessoas portadoras de deficiência auditiva.

Esse é o símbolo internacional de surdez.



FIGURA 02 - SÍMBOLO INTERNACIONAL DE SURDEZ

FONTE: Disponível em: <<http://pfdc.pgr.mpf.gov.br/informativos-pfdc/edicoes-2007/.../Anexo%20Inf%2016%20simbolo%20internacional%2>>. Acesso em: 20 nov. 2008.

### 3 AQUISIÇÃO DA PRIMEIRA LÍNGUA (L1)



A primeira língua será representada pela sigla (L1) e a segunda língua através de (L2). Essa representação é adotada pelos livros que serviram de referência para a construção deste Caderno de Estudos.

Como você aprendeu sua língua nativa?

Geralmente essa aquisição acontece ouvindo os pais, irmãos, enfim toda a família. Adquirimos a linguagem através da comunicação oral. O questionamento é: e o surdo, como vai adquirir sua linguagem, se nasce em uma família que não sabe a língua nativa do surdo? As crianças surdas, filhas de pais surdos, geralmente fazem a aquisição da linguagem através da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Esse processo se dá como primeira língua (L1), porém

algumas pesquisas mostram que as crianças surdas, filhas de pais ouvintes, devido ao fato de não serem expostas à Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), desenvolvem sistemas de sinais naturais para se comunicar com a família, ocasionando uma falta de identificação. Ou seja, se não participarem da comunidade de surdos adultos ou da própria cultura surda, poderão ficar sem linguagem, não adquirindo a linguagem nem dos surdos e nem a dos ouvintes.

Alguns estudos mostram que a aquisição da língua de sinais se processa igualmente à aquisição da língua oral-auditiva, obedecendo à maturação da criança, que vai internalizando a língua a partir do meio histórico sociocultural em que vive. Essa construção da aquisição da língua se constitui das seguintes fases:

**Primeira fase:** a criança surda produz sequências de gestos que fonologicamente se assemelham aos sinais, como o balbucio da criança ouvinte.

**Segunda fase:** a criança surda começa a relacionar o objeto com o sinal, produzindo assim suas primeiras palavras, produzindo sinais com erros nos parâmetros da configuração das mãos ou ponto de articulação, como a criança ouvinte que ainda não pronuncia corretamente as palavras nesta fase.

**Terceira fase:** a sintaxe da língua de sinais pela criança surda começa a partir de 2 anos e meio de idade, mas as palavras são usadas sem concordância, então, a ordem das palavras constituirá sua primeira sintaxe.

A partir dessa terceira fase, a criança surda começa a adquirir a morfologia de uma língua de sinais, a aquisição de subsistemas morfológicos mais complexos, que se dá até aproximadamente os 5 anos de idade.

Observa-se, a partir de alguns aspectos, que o processo de construção da aprendizagem de uma língua de sinais é semelhante à aquisição de qualquer outra língua. Como destaca Lima (2006, p.3), deve ser

[...] concebida como uma atividade constitutiva com a qual se pode tecer sentidos; vista como uma atividade cognitiva pela qual se pode expressar sentimentos, ideias, ações e representar o mundo; visualizada como uma atividade social através da qual se pode interagir com outros seres sociais e que apresenta características essencialmente dialógicas.

Destacamos um ponto fundamental: quanto mais cedo uma criança surda inicia este processo de aquisição da língua, mais natural ele será.

## 4 AQUISIÇÃO DA SEGUNDA LÍNGUA (L2)

Para Vygotsky (2001), os instrumentos de escrita são dirigidos ao mundo externo, com isto passam a conduzir o homem para o objeto de sua atividade. Neste momento, a natureza é transformada como signo, assim, além de construir a relação entre os seres humanos, ainda influi psicologicamente na conduta do próprio sujeito, capaz de alterá-la e configurá-la como meio de atividade interna dirigida. Ao transpormos estas afirmações para a alfabetização de crianças surdas, Silva (2001, p. 53) nos remete que “[...] a língua que o surdo tem como legítima e usa, não é a mesma que serve como base ao sistema escrito, por ser um sistema visuomanual, portanto muito diferente do oral”.

Os ouvintes se alfabetizam pelo som, porém as crianças surdas se alfabetizam pelo visual; elas precisam representar pela escrita sua fala, que é a língua de sinais, que possui características visuo-espaciais, processa seus pensamentos através de sinais, passando a escrita para outra língua, em nosso caso, o português.

A compreensão da leitura não é uma tarefa fácil para o educando surdo. Embora não apresente dificuldade para codificar os símbolos gráficos, a dificuldade se apresenta quando não consegue atribuir sentido ao que lê, por falta de significado ao signo. No exercício de produzir a leitura, é como se o surdo lesse um parágrafo e aparecessem várias palavras em outra língua, ficando o texto sem sentido e compreensão.

O domínio insuficiente de vocabulário, tanto da primeira como da segunda língua, se configura a maior dificuldade da escrita e da leitura do educando surdo.

A prática pedagógica do professor se apresenta como fundamental para a compreensão textual do aluno, assim como no trabalho com os ouvintes. É muito importante que os vocábulos não sejam trabalhados de forma solta, descontextualizada, fragmentada, pois é necessária uma ação docente integrada e contextualizada para auxiliar o educando a ter a compreensão do contexto.

Outro fator importante que os educadores devem levar em consideração é o eixo norteador para o processo da aquisição da alfabetização, independente se a criança é surda ou ouvinte. O que diferencia esse processo é que, em relação ao aluno surdo, ele deve ser alfabetizado na sua língua materna (LIBRAS). Magda Soares (2003, p. 37), uma das grandes pesquisadoras brasileiras sobre alfabetização, pontua que: “[...] os diferentes usos da escrita dependem das crenças, dos valores e das práticas culturais, e da história de cada grupo”, reforçando assim a alfabetização na língua materna, bem como o respeito às características específicas de cada grupo.

A alfabetização do surdo pode seguir três eixos, como descreveremos a seguir:

**1 oralidade:** para o educando surdo, a oralidade também pode e deve ser exercitada, através de momentos em que o aluno possa se expressar na sua própria língua, relatando fatos do seu dia a dia.

**2 leitura:** fazer uma prática constante em vários tipos de textos, entre eles, textos literários, científicos, informativos, jornal, revista, folheto de propagandas etc.

**3 escrita:** é a maneira mais eficaz de demonstrar a sua sequência lógica de pensamentos. Para o educando surdo, o movimento de escrever é o maior desafio e onde se apresenta a maior dificuldade, pois ele pensa em uma língua e tem que se expressar graficamente em outra.

Esses eixos têm que ser constantes em todas as situações que envolvam o processo de ensino e aprendizagem, pois devem estar impregnados de interesse, sentido e significado do educando. O professor é um mediador desse processo, e pode estar proporcionando situações-problema e de constantes questionamentos, como: O que é? Para que serve? Como é feito? Que lugar? É diferente de quê? É parecido com quê? Com essas indagações, deve-se levar o educando a construir suas próprias ideias e desenvolver seu senso crítico.

Discussões dessas últimas décadas vêm redefinir o conceito de alfabetização, assim como habilidades que as crianças devem desenvolver por meio dela. Não se pode esquecer que a alfabetização e todas as discussões relacionadas a ela devem ser também consideradas quando se trabalha com a alfabetização da criança surda. Ou seja, o processo não pode e não deve ser puramente mecânico, ele deve ser compreendido como um processo complexo, que envolve um indivíduo que pensa e necessita desenvolver ferramentas de integração e convivência na sociedade. Queremos, com essa discussão, alertar para que a alfabetização do surdo não seja reduzida a poucos vocábulos, empobrecendo seu processo de aprendizagem.

**RESUMO DO TÓPICO 1**

**Nesse tópico você viu que:**

- Surdez é a privação parcial ou total do sentido de ouvir, podendo ser congênita ou adquirida.
- Conforme o INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos, sob o ponto de vista educacional, considera-se parcialmente surdo o portador de surdez leve e moderada; e surdo o portador de surdez severa e profunda.
- O Símbolo Internacional de Surdez tem por objetivo identificar e possibilitar uma maior acessibilidade a serviços, identificação de espaços, equipamentos etc.
- A aquisição da linguagem pelo surdo através de LIBRAS se dá como primeira língua (L1).
- Os ouvintes se alfabetizam pelo som, porém as crianças surdas se alfabetizam pelo visual, elas precisam representar pela escrita sua fala, que é a língua de sinais, que possui características visuo-espaciais.
- A alfabetização do surdo não pode ser reduzida a poucos vocábulos, empobrecendo seu processo de aprendizagem.



Após ler o Tópico 1 deste Caderno, faça um exercício de escrita e redija um breve texto, sintetizando os principais aspectos levantados neste Tópico.

## UNIDADE 1

### TÓPICO 2

#### A EDUCAÇÃO DE SURDOS E A LEGISLAÇÃO

##### 1 INTRODUÇÃO

Neste tópico buscamos dar a você, acadêmico(a), uma visão geral de como se configurou o processo de construção da Língua de Sinais e educação dos surdos no Brasil e no mundo. Neste processo de construção, dois aspectos apresentam-se como fundamentais na consolidação desta proposta. O primeiro foi o surgimento de órgãos e entidades que auxiliam no fortalecimento da comunidade surda, o segundo aspecto é a legislação que vem garantir os direitos adquiridos pelos surdos no decorrer dos tempos.

##### 2 RETROSPECTO HISTÓRICO

###### 2.1 RETROSPECTO MUNDIAL

Fazer um retrospecto histórico da Educação de Surdos se faz necessário para compreendermos o percurso dessa caminhada e até a configuração que possui hoje.

Os surdos já foram adorados no Egito, pois eram considerados como interlocutores entre os deuses e os faraós, porém eram lançados ao mar na antiguidade pelos chineses; na Grécia eram vistos como “seres” incompetentes, sendo assim marginalizados. Os romanos não reconheciam o direito do surdo de pertencer à sociedade, pois eram “imperfeitos”. Em Constantinopla, eles até podiam fazer algumas atividades, tais como: pajens das mulheres, serviço de corte ou bobos de entretenimento.

Até o final da Idade Média, sob o prisma religioso, os pais que possuíam um filho surdo

estariam pagando por pecados anteriormente cometidos. As crianças surdas eram consideradas diferentes das crianças ouvintes; sob essa perspectiva da Igreja, elas possuíam alma mortal, pois não podiam pronunciar os sagrados sacramentos.

Várias são as pessoas que, de alguma forma e em determinados momentos históricos, com maior ou menor intensidade, contribuíram para a construção da história do surdo e da Língua de Sinais. Algumas personalidades se destacaram na construção dessa história e buscamos, através do quadro a seguir, exemplificar brevemente quem foram e suas contribuições.

| Época               | Personalidade                 | Fatos  |
|---------------------|-------------------------------|--|
| Idade Moderna       | Pedro Ponce de León           | Fundou uma escola para surdos em Madri, ensinava os filhos surdos de pessoas nobres da sociedade da época. Desenvolveu um alfabeto manual que auxiliava na soletração das palavras.  |
|                     | Juan Pablo Bonet              | Utilizava o método oral, estudando e escrevendo sobre as metodologias para ensinar o surdo a ler e a escrever.   |
|                     | John Bulwer                   | Adepto da língua gestual, produziu um método para comunicar-se com os surdos.  |
|                     | John Wallis                   | Estudioso sobre a surdez, dedicou-se mais ao ensino da escrita.  |
|                     | George Dalgarno               | Foi o idealizador do sistema de datilologia.   |
|                     | Konrah Amman                  | Defensor da leitura labial.  |
|                     | Charles Michel de L'Épée      | Muitos o consideram o criador da língua gestual, apesar de se saber que a língua já existia anteriormente. Criou o Instituto Nacional de Surdos-Mudos em Paris (primeira escola de surdos do mundo), reconheceu o surdo como ser humano, assumiu o método como uma educação coletiva, pontuou que ensinar o surdo a falar antes de aprender a língua gestual seria uma "perda de tempo". |
|                     | Jacob Rodrigues Pereira       | Usava os gestos, mas defendia o método oral.   |
|                     | Thomas Braidwood              | Fundou uma escola de surdos na Europa (Edimburgo).   |
|                     | Samuel Heinicke               | Ensinou vários surdos a falar e criou o método oral, conhecido atualmente.   |
| Idade Contemporânea | Roch Ambroise Cucurron Sicard | Criador de vários institutos de surdos na França.  |
|                     | Pierre Desloges               | Foi defensor da língua gestual e publicou o primeiro livro escrito por um surdo.   |
|                     | Jean Itard                    | Médico, dedicou-se ao estudo da deficiência auditiva, usava em suas pesquisas métodos tais como: descarga elétrica, perfuração de tímpanos, entre outros.  |
|                     | Jean Massieu                  | Primeiro professor de surdos.  |

|  |                          |  |
|--|--------------------------|--|
|  | Thomas Hopkins Gallaudet | Abriu a escola de Hartford, usava a língua gestual e o alfabeto manual.  |
|  | Edward Miner Gallaudet   | Criador da Universidade Gallaudet.   |
|  | Alexander Graham Bell    | Defensor do oralismo, era contra o casamento entre os surdos.  |
|  | Helen Keller             | Ficou cega e surda aos 7 anos de idade, criou mais de 60 sinais para se comunicar com seus familiares. Tornou-se uma grande escritora e falava várias línguas. |

QUADRO 01 – HISTÓRIA DOS SURDOS

FONTE: Disponível em: adaptado de <<http://pt.wikipedia.org/HistóriadoSurdos>>. Acesso em 24 nov. 2008.



Existe uma luta entre os estudiosos e educadores de surdos que se iniciou desde os primeiros registros sobre os surdos, luta esta que possui, de um lado, os que defendem o método do oralismo, ou seja, que o trabalho com os surdos deve seguir o caminho do ensino da fala, e veem a surdez como algo possível de correção. De outro lado, existe quem defende o método gestual, em que o surdo deve comunicar-se através dos gestos. Essa discussão ainda se encontra presente nos dias atuais.

Na história dos surdos existe um marco importante, que foi a realização de dois congressos realizados em Milão para discutir e deliberar sobre a educação dos surdos:

- O primeiro foi realizado em 1872 e definiu que o meio para a comunicação do pensamento humano é a língua oral; se os surdos fossem devidamente orientados, poderiam ler os lábios e, conseqüentemente, falar, e que a língua oral traria um maior desenvolvimento intelectual, moral e linguístico.
- O segundo, em 1880, provocou uma grande transformação na história dos surdos, pois foi conduzido por um grupo de ouvintes que tomou a decisão de excluir definitivamente da educação dos surdos a língua gestual. O oralismo tornou-se o método oficial de educação dos surdos. Deliberaram também que os governos deveriam tomar providências para que todos os surdos tivessem educação; o método mais oportuno para os surdos se apropriarem da fala é o método intuitivo (primeiro a fala, depois a escrita); a idade para admitir uma criança surda na escola é entre os 8-10 anos; nenhum educador de surdos deve ter mais de 10 alunos; deviam ser reunidas as crianças surdas recém-admitidas nas escolas, onde deveriam ser educadas através da fala; essas mesmas crianças deveriam ser separadas das crianças que já haviam recebido educação gestual, a fim de que não fossem contaminadas; os alunos antigos também deveriam ser ensinados segundo este novo sistema oral.

O objetivo dos congressos era definir o melhor método de aquisição da linguagem pelo

surdo, conforme Soares (2005, p.35): “[...] nenhum deles demonstrou a preocupação em fazer com que o surdo pudesse adquirir a instrução, tal como era compreendido para os normais”.



Gerolamo Cardano (1501-1576), matemático, médico e astrólogo italiano, é apontado como um dos primeiros educadores de surdos. Seus estudos iniciais referiam-se mais às questões de fisiologia, porém foi a partir de seus estudos que teria afirmado que a escrita poderia representar os sons da fala ou representar ideias do pensamento e, por isso, a mudez não se constituía em impedimento para que o surdo adquirisse conhecimento. Foi o primeiro a afirmar que a surdez não afetava a inteligência.

## 2.2 EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL

A educação dos surdos no Brasil seguiu os passos que mundialmente se apresentavam para esta questão. Inicialmente a preocupação se dava em trabalhar com os aspectos da fala, os esforços surgiam no sentido de possibilitar ao surdo “falar”. Não se percebe um movimento e nem uma preocupação com a aquisição do saber desses indivíduos. Soares (2005) pontua que no relatório apresentado ao então Instituto Nacional de Surdos-Mudos, na defesa da oralização dos surdos, Dr. Menezes Vieira dizia: “[...] em relação à educação do surdo, era a adoção do método oral puro, pois, para ele, o aprender a falar era mais importante que o aprender a ler e escrever, já que o Brasil era um país de analfabetos” (p. 44).

Essa caminhada em torno da educação no Brasil durou longos anos – e ainda acontece nos dias atuais –, vários foram os pareceres emitidos propondo melhores metodologias para o ensino dos surdos, fomentando discussões sobre que níveis de escolarização o surdo deveria ter, e qual a capacidade deles.

O francês Eduard Huet foi um dos grandes personagens na história brasileira em relação à educação dos surdos. Emigrou para o Brasil em 1855, fundando, com o apoio de D. Pedro II, o Imperial Instituto de Surdos e Mudos, atual INES; começou alfabetizando crianças de sete anos, utilizando como metodologia de ensino a língua de sinais.

Dr. Armando Lacerda assume o Instituto Nacional do Surdo-Mudo em 1930 e, em 1934, publica a Pedagogia Emendativa do Surdo-Mudo, documento este que, segundo Soares (2005), tinha como conteúdo principal aqueles que serviriam para a comunicação diária/cotidiana do surdo, obtendo um certo volume linguístico. No ano de 1950 assume a presidência do Instituto a professora Ana Rímoli, que implanta o primeiro Curso Normal de Formação de Professores para

Surdos no Brasil, como medida de incentivo ao Ensino Médio. A importância da implantação do curso se deu, segundo Soares (2005), no sentido de fundamentar modificações e ampliações dentro do próprio Instituto, sendo nesta época oficializado o uso do método oral pelo mesmo.

Em 1957 acontece a Campanha de Educação de Surdos Brasileiros, que, conforme Soares (2005, p.92), "[...] pretendia fazer o surdo falar", e com isso torná-lo útil e produtivo. A campanha mostrou-se inadequada, porém contribuiu para o crescimento no atendimento de serviços ao surdo. Nesta época, a escola (Instituto) não apresentava preocupação com as questões relacionadas ao conteúdo e aquisição do saber, ainda estava baseada no assistencialismo.

A história da educação dos surdos percorreu um longo caminho, com vários impasses educacionais, discussões ideológicas, condicionantes históricos que acabaram por determinar as ações educativas adotadas. Assim como no mundo, a educação de surdos, aqui no país, passou por fases distintas.

No quadro a seguir apresentaremos três abordagens que, conforme Lima (2006), influenciaram significativamente a educação dos surdos. A primeira fase apresentava uma abordagem oralista, a segunda apresentava uma abordagem de comunicação total e a terceira, que se encontra em processo de construção, é a abordagem bilíngue.

|                                       |  |
|---------------------------------------|--|
| <b>Abordagem oralista</b>             | É o processo pelo qual se pretende capacitar o surdo na compreensão e na produção de linguagem oral e que parte do princípio de que o indivíduo surdo, mesmo não possuindo o nível de audição para receber os sons da fala, pode se constituir em interlocutor por meio da linguagem oral. Essa abordagem ainda continua sendo usada em alguns educandários no mundo todo. Ela tem por objetivo fazer com que o aluno surdo assimile a linguagem oral, tornando o surdo um "falante", buscando superar as diferenças que separam os ouvintes dos não ouvintes. Nesta abordagem o espaço escolar torna-se um laboratório de fonética, na qual são utilizadas técnicas de terapia de fala para que o aluno supere seu déficit (surdez). O professor atua mais como um terapeuta do que como um educador. |
| <b>Abordagem da comunicação total</b> | Nesta abordagem admite-se a utilização de uma língua gestual, porém vista somente como um passo de transição para a língua oral.   |
| <b>Abordagem bilíngue</b>             | A abordagem bilíngue surge como uma metodologia de ensino que tem sido utilizada por escolas que se propõem tornar acessíveis ao surdo duas línguas, no espaço escolar: a língua de sinais (L1) e a língua portuguesa (L2), em sua modalidade oral e/escrita.  |

QUADRO 02 – ABORDAGENS NA EDUCAÇÃO DE SURDOS

FONTE: Adaptado de Lima (2006)

Após muitos anos de discussão, estudos e reformulações, os aspectos educacionais foram se reformulando, modificando-se no sentido de compreender que o desenvolvimento pleno do educando surdo passa, necessariamente, pelo domínio do saber mundialmente construído.



Prepare a pipoca e confira em qual abordagem o filme se enquadra.

### Filhos do Silêncio



Um dos filmes mais aclamados pela crítica na década de 80, *Filhos do Silêncio* recebeu quatro indicações para o Oscar® da Academia e ganhou o de Melhor Atriz para Marlee Matlin. Baseado no sucesso da Broadway, conta a história de amor de John Leeds (William Hurt), um professor de deficientes idealista e uma decidida moça surda, chamada Sarah (Marlee Matlin). No início, Leeds vê Sarah como um desafio à sua didática. Mas logo o relacionamento dos dois transforma-se num romance tão passional, que rompe a barreira do silêncio que os separa.

## 3 LEGISLAÇÃO

Na busca da garantia dos direitos dos surdos, e na luta pelo reconhecimento dos diferentes aspectos culturais e sociais da comunidade surda, a legislação foi uma aliada na repercussão e legitimidade destes direitos. A comunidade surda tem se organizado no sentido de garantir legalmente estes direitos como espaço de construção e solidificação de sua identidade.

Vários foram os decretos e leis importantes que, em determinadas épocas históricas, regulamentaram esses direitos. Neste Caderno de Estudos abordaremos o Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamentou a Lei 10.436/02, que definiu formas institucionais para o uso e a difusão da Língua Brasileira de Sinais (L1) e da Língua Portuguesa (L2), visando o acesso das pessoas surdas à educação, bem como reconhece como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.



A Lei 10.436/02, no seu Art. 1º, Parágrafo único, define a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, como a forma de comunicação e expressão em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

O Decreto nº 5.626, de 22/12/05, trata da inclusão da LIBRAS como disciplina curricular nos cursos de formação de professores e nos cursos de Fonoaudiologia, da formação do professor de LIBRAS e do instrutor de LIBRAS, da formação do tradutor e intérprete de LIBRAS/ Língua Portuguesa, da garantia do direito à educação e saúde das pessoas surdas ou com deficiência auditiva e do papel do poder público e das empresas no apoio ao uso e difusão da LIBRAS.



Para a certificação dos docentes, tradutores e intérpretes da LIBRAS, e cumprimento da Lei 10.436/2002, o Ministério da Educação – MEC instituiu o Prolibras, Programa de Certificação Nacional, que tem por objetivo realizar, por 10 anos, os exames anuais para a certificação de proficiência em LIBRAS, bem como a certificação de proficiência em tradução e interpretação da LIBRAS.

Pela sua importância à comunidade surda, segue na íntegra o Decreto nº 5.626, de 22/12/05.

### DECRETO Nº 5.626, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005

Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso das atribuições que lhe confere o art. 84, inciso IV, da Constituição, e tendo em vista o disposto na Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e no art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000,

DECRETA:

CAPÍTULO I

DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 1º Este Decreto regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

Art. 2º Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras.

Parágrafo único. Considera-se deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz.

## CAPÍTULO II DA INCLUSÃO DA LIBRAS COMO DISCIPLINA CURRICULAR

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

§ 1º Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério.

§ 2º A Libras constituir-se-á em disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional, a partir de um ano da publicação deste Decreto.

## CAPÍTULO III DA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LIBRAS E DO INSTRUTOR DE LIBRAS

Art. 4º A formação de docentes para o ensino de Libras nas séries finais do ensino fundamental, no ensino médio e na educação superior deve ser realizada em nível superior, em curso de graduação de licenciatura plena em Letras: Libras ou em Letras: Libras/Língua Portuguesa como segunda língua.

Parágrafo único. As pessoas surdas terão prioridade nos cursos de formação previstos no *caput*.

Art. 5º A formação de docentes para o ensino de Libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental deve ser realizada em curso de Pedagogia ou curso normal superior, em que Libras e Língua Portuguesa escrita tenham constituído línguas de instrução, viabilizando a formação bilíngue.

§ 1º Admite-se como formação mínima de docentes para o ensino de Libras na educação

infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, a formação ofertada em nível médio na modalidade normal, que viabilizar a formação bilíngue, referida no *caput*.

§ 2º As pessoas surdas terão prioridade nos cursos de formação previstos no *caput*.

Art. 6º A formação de instrutor de Libras, em nível médio, deve ser realizada por meio de:

I - cursos de educação profissional;

II - cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior; e

III - cursos de formação continuada promovidos por instituições credenciadas por secretarias de educação.

§ 1º A formação do instrutor de Libras pode ser realizada também por organizações da sociedade civil representativa da comunidade surda, desde que o certificado seja convalidado por pelo menos uma das instituições referidas nos incisos II e III.

§ 2º As pessoas surdas terão prioridade nos cursos de formação previstos no *caput*.

Art. 7º Nos próximos dez anos, a partir da publicação deste Decreto, caso não haja docente com título de pós-graduação ou de graduação em Libras para o ensino dessa disciplina em cursos de educação superior, ela poderá ser ministrada por profissionais que apresentem pelo menos um dos seguintes perfis:

I - professor de Libras, usuário dessa língua com curso de pós-graduação ou com formação superior e certificado de proficiência em Libras, obtido por meio de exame promovido pelo Ministério da Educação;

II - instrutor de Libras, usuário dessa língua com formação de nível médio e com certificado obtido por meio de exame de proficiência em Libras, promovido pelo Ministério da Educação;

III - professor ouvinte bilíngue: Libras - Língua Portuguesa, com pós-graduação ou formação superior e com certificado obtido por meio de exame de proficiência em Libras, promovido pelo Ministério da Educação.

§ 1º Nos casos previstos nos incisos I e II, as pessoas surdas terão prioridade para ministrar a disciplina de Libras.

§ 2º A partir de um ano da publicação deste Decreto, os sistemas e as instituições de ensino da educação básica e as de educação superior devem incluir o professor de Libras em seu quadro do magistério.

Art. 8º O exame de proficiência em Libras, referido no art. 7º, deve avaliar a fluência no uso, o conhecimento e a competência para o ensino dessa língua.

§ 1º O exame de proficiência em Libras deve ser promovido, anualmente, pelo Ministério da Educação e instituições de educação superior por ele credenciadas para essa finalidade.

§ 2º A certificação de proficiência em Libras habilitará o instrutor ou o professor para a função docente.

§ 3º O exame de proficiência em Libras deve ser realizado por banca examinadora de amplo conhecimento em Libras, constituída por docentes surdos e linguistas de instituições de educação superior.

Art. 9º A partir da publicação deste Decreto, as instituições de ensino médio que oferecem cursos de formação para o magistério na modalidade normal e as instituições de educação superior que oferecem cursos de Fonoaudiologia ou de formação de professores devem incluir Libras como disciplina curricular, nos seguintes prazos e percentuais mínimos:

- I - até três anos, em vinte por cento dos cursos da instituição;
- II - até cinco anos, em sessenta por cento dos cursos da instituição;
- III - até sete anos, em oitenta por cento dos cursos da instituição; e
- IV - dez anos, em cem por cento dos cursos da instituição.

Parágrafo único. O processo de inclusão da Libras como disciplina curricular deve iniciar-se nos cursos de Educação Especial, Fonoaudiologia, Pedagogia e Letras, ampliando-se progressivamente para as demais licenciaturas.

Art. 10. As instituições de educação superior devem incluir a Libras como objeto de ensino, pesquisa e extensão nos cursos de formação de professores para a educação básica, nos cursos de Fonoaudiologia e nos cursos de Tradução e Interpretação de Libras - Língua Portuguesa.

Art. 11. O Ministério da Educação promoverá, a partir da publicação deste Decreto, programas específicos para a criação de cursos de graduação:

- I - para formação de professores surdos e ouvintes, para a educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, que viabilize a educação bilíngue: Libras - Língua Portuguesa como segunda língua;
- II - de licenciatura em Letras: Libras ou em Letras: Libras/Língua Portuguesa, como segunda língua para surdos;
- III - de formação em Tradução e Interpretação de Libras - Língua Portuguesa.

Art. 12. As instituições de educação superior, principalmente as que ofertam cursos de Educação Especial, Pedagogia e Letras, devem viabilizar cursos de pós-graduação para a formação de professores para o ensino de Libras e sua interpretação, a partir de um ano da publicação deste Decreto.

Art. 13. O ensino da modalidade escrita da Língua Portuguesa, como segunda língua para pessoas surdas, deve ser incluído como disciplina curricular nos cursos de formação de professores para a educação infantil e para os anos iniciais do ensino fundamental, de nível médio e superior, bem como nos cursos de licenciatura em Letras com habilitação em Língua

Portuguesa.

Parágrafo único. O tema sobre a modalidade escrita da língua portuguesa para surdos deve ser incluído como conteúdo nos cursos de Fonoaudiologia.

#### CAPÍTULO IV

### DO USO E DA DIFUSÃO DA LIBRAS E DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA O ACESSO DAS PESSOAS SURDAS À EDUCAÇÃO

Art. 14. As instituições federais de ensino devem garantir, obrigatoriamente, às pessoas surdas, acesso à comunicação, à informação e à educação nos processos seletivos, nas atividades e nos conteúdos curriculares desenvolvidos em todos os níveis, etapas e modalidades de educação, desde a educação infantil até a superior.

§ 1º Para garantir o atendimento educacional especializado e o acesso previsto no *caput*, as instituições federais de ensino devem:

I - promover cursos de formação de professores para:

- a) o ensino e uso da Libras;
- b) a tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa; e
- c) o ensino da Língua Portuguesa, como segunda língua para pessoas surdas;

II - ofertar, obrigatoriamente, desde a educação infantil, o ensino da Libras e também da Língua Portuguesa, como segunda língua para alunos surdos;

III - prover as escolas com:

- a) professor de Libras ou instrutor de Libras;
- b) tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa;
- c) professor para o ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para pessoas surdas; e
- d) professor regente de classe com conhecimento acerca da singularidade linguística manifestada pelos alunos surdos;

IV - garantir o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos surdos, desde a educação infantil, nas salas de aula e, também, em salas de recursos, em turno contrário ao da escolarização;

V - apoiar, na comunidade escolar, o uso e a difusão de Libras entre professores, alunos, funcionários, direção da escola e familiares, inclusive por meio da oferta de cursos;

VI - adotar mecanismos de avaliação coerentes com aprendizado de segunda língua, na correção das provas escritas, valorizando o aspecto semântico e reconhecendo a singularidade linguística manifestada no aspecto formal da Língua Portuguesa;

VII - desenvolver e adotar mecanismos alternativos para a avaliação de conhecimentos

expressos em Libras, desde que devidamente registrados em vídeo ou em outros meios eletrônicos e tecnológicos;

VIII - disponibilizar equipamentos, acesso às novas tecnologias de informação e comunicação, bem como recursos didáticos para apoiar a educação de alunos surdos ou com deficiência auditiva.

§ 2º O professor da educação básica, bilíngue, aprovado em exame de proficiência em tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa, pode exercer a função de tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa, cuja função é distinta da função de professor docente.

§ 3º As instituições privadas e as públicas dos sistemas de ensino federal, estadual, municipal e do Distrito Federal buscarão implementar as medidas referidas neste artigo como meio de assegurar atendimento educacional especializado aos alunos surdos ou com deficiência auditiva.

Art. 15. Para complementar o currículo da base nacional comum, o ensino de Libras e o ensino da modalidade escrita da Língua Portuguesa, como segunda língua para alunos surdos, devem ser ministrados em uma perspectiva dialógica, funcional e instrumental, como:

I - atividades ou complementação curricular específica na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental; e

II - áreas de conhecimento, como disciplinas curriculares, nos anos finais do ensino fundamental, no ensino médio e na educação superior.

Art. 16. A modalidade oral da Língua Portuguesa, na educação básica, deve ser ofertada aos alunos surdos ou com deficiência auditiva, preferencialmente em turno distinto ao da escolarização, por meio de ações integradas entre as áreas da saúde e da educação, resguardado o direito de opção da família ou do próprio aluno por essa modalidade.

Parágrafo único. A definição de espaço para o desenvolvimento da modalidade oral da Língua Portuguesa e a definição dos profissionais de Fonoaudiologia para atuação com alunos da educação básica são de competência dos órgãos que possuam estas atribuições nas unidades federadas.

## CAPÍTULO V

### DA FORMAÇÃO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS - LÍNGUA PORTUGUESA

Art. 17. A formação do tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa deve efetivar-se por meio de curso superior de Tradução e Interpretação, com habilitação em Libras - Língua Portuguesa.

Art. 18. Nos próximos dez anos, a partir da publicação deste Decreto, a formação de tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa, em nível médio, deve ser realizada por

meio de:

I - cursos de educação profissional;

II - cursos de extensão universitária; e

III - cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior e instituições credenciadas por secretarias de educação.

Parágrafo único. A formação de tradutor e intérprete de Libras pode ser realizada por organizações da sociedade civil representativas da comunidade surda, desde que o certificado seja convalidado por uma das instituições referidas no inciso III.

Art. 19. Nos próximos dez anos, a partir da publicação deste Decreto, caso não haja pessoas com a titulação exigida para o exercício da tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa, as instituições federais de ensino devem incluir, em seus quadros, profissionais com o seguinte perfil:

I - profissional ouvinte, de nível superior, com competência e fluência em Libras para realizar a interpretação das duas línguas, de maneira simultânea e consecutiva, e com aprovação em exame de proficiência, promovido pelo Ministério da Educação, para atuação em instituições de ensino médio e de educação superior;

II - profissional ouvinte, de nível médio, com competência e fluência em Libras para realizar a interpretação das duas línguas, de maneira simultânea e consecutiva, e com aprovação em exame de proficiência, promovido pelo Ministério da Educação, para atuação no ensino fundamental;

III - profissional surdo, com competência para realizar a interpretação de línguas de sinais de outros países para a Libras, para atuação em cursos e eventos.

Parágrafo único. As instituições privadas e as públicas dos sistemas de ensino federal, estadual, municipal e do Distrito Federal buscarão implementar as medidas referidas neste artigo como meio de assegurar aos alunos surdos ou com deficiência auditiva o acesso à comunicação, à informação e à educação.

Art. 20. Nos próximos dez anos, a partir da publicação deste Decreto, o Ministério da Educação ou instituições de ensino superior por ele credenciadas para essa finalidade promoverão, anualmente, exame nacional de proficiência em tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa.

Parágrafo único. O exame de proficiência em tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa deve ser realizado por banca examinadora de amplo conhecimento dessa função, constituída por docentes surdos, linguistas e tradutores e intérpretes de Libras de instituições de educação superior.

Art. 21. A partir de um ano da publicação deste Decreto, as instituições federais de ensino da educação básica e da educação superior devem incluir, em seus quadros, em todos os níveis, etapas e modalidades, o tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa, para viabilizar o acesso à comunicação, à informação e à educação de alunos surdos.

§ 1º O profissional a que se refere o *caput* atuará:

- I - nos processos seletivos para cursos na instituição de ensino;
- II - nas salas de aula para viabilizar o acesso dos alunos aos conhecimentos e conteúdos curriculares, em todas as atividades didático-pedagógicas; e
- III - no apoio à acessibilidade aos serviços e às atividades-fim da instituição de ensino.

§ 2º As instituições privadas e as públicas dos sistemas de ensino federal, estadual, municipal e do Distrito Federal buscarão implementar as medidas referidas neste artigo como meio de assegurar aos alunos surdos ou com deficiência auditiva o acesso à comunicação, à informação e à educação.

## CAPÍTULO VI

### DA GARANTIA DO DIREITO À EDUCAÇÃO DAS PESSOAS SURDAS OU COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA

Art. 22. As instituições federais de ensino responsáveis pela educação básica devem garantir a inclusão de alunos surdos ou com deficiência auditiva, por meio da organização de:

- I - escolas e classes de educação bilíngue, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngues, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental;
- II - escolas bilíngues ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade linguística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de Libras - Língua Portuguesa.

§ 1º São denominadas escolas ou classes de educação bilíngue aquelas em que a Libras e a modalidade escrita da Língua Portuguesa sejam línguas de instrução utilizadas no desenvolvimento de todo o processo educativo.

§ 2º Os alunos têm o direito à escolarização em um turno diferenciado ao do atendimento educacional especializado para o desenvolvimento de complementação curricular, com utilização de equipamentos e tecnologias de informação.

§ 3º As mudanças decorrentes da implementação dos incisos I e II implicam a formalização, pelos pais e pelos próprios alunos, de sua opção ou preferência pela educação sem o uso de Libras.

§ 4º O disposto no § 2º deste artigo deve ser garantido também para os alunos não usuários da Libras.

Art. 23. As instituições federais de ensino, de educação básica e superior devem proporcionar aos alunos surdos os serviços de tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa em sala de aula e em outros espaços educacionais, bem como equipamentos e tecnologias que viabilizem o acesso à comunicação, à informação e à educação.

§ 1º Deve ser proporcionado aos professores acesso à literatura e informações sobre a especificidade linguística do aluno surdo.

§ 2º As instituições privadas e as públicas dos sistemas de ensino federal, estadual, municipal e do Distrito Federal buscarão implementar as medidas referidas neste artigo como meio de assegurar aos alunos surdos ou com deficiência auditiva o acesso à comunicação, à informação e à educação.

Art. 24. A programação visual dos cursos de nível médio e superior, preferencialmente os de formação de professores, na modalidade de educação a distância, deve dispor de sistemas de acesso à informação como janela com tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa e subtítuloção por meio do sistema de legenda oculta, de modo a reproduzir as mensagens veiculadas às pessoas surdas, conforme prevê o Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004.

## CAPÍTULO VII DA GARANTIA DO DIREITO À SAÚDE DAS PESSOAS SURDAS OU COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA

Art. 25. A partir de um ano da publicação deste Decreto, o Sistema Único de Saúde - SUS e as empresas que detêm concessão ou permissão de serviços públicos de assistência à saúde, na perspectiva da inclusão plena das pessoas surdas ou com deficiência auditiva em todas as esferas da vida social, devem garantir, prioritariamente aos alunos matriculados nas redes de ensino da educação básica, a atenção integral à sua saúde, nos diversos níveis de complexidade e especialidades médicas, efetivando:

- I - ações de prevenção e desenvolvimento de programas de saúde auditiva;
- II - tratamento clínico e atendimento especializado, respeitando as especificidades de cada caso;
- III - realização de diagnóstico, atendimento precoce e do encaminhamento para a área de educação;
- IV - seleção, adaptação e fornecimento de prótese auditiva ou aparelho de amplificação sonora, quando indicado;
- V - acompanhamento médico e fonoaudiológico e terapia fonoaudiológica;

VI - atendimento em reabilitação por equipe multiprofissional;

VII - atendimento fonoaudiológico às crianças, adolescentes e jovens matriculados na educação básica, por meio de ações integradas com a área da educação, de acordo com as necessidades terapêuticas do aluno;

VIII - orientações à família sobre as implicações da surdez e sobre a importância para a criança com perda auditiva ter, desde seu nascimento, acesso à Libras e à Língua Portuguesa;

IX - atendimento às pessoas surdas ou com deficiência auditiva na rede de serviços do SUS e das empresas que detêm concessão ou permissão de serviços públicos de assistência à saúde, por profissionais capacitados para o uso de Libras ou para sua tradução e interpretação;

X - apoio à capacitação e formação de profissionais da rede de serviços do SUS para o uso de Libras e sua tradução e interpretação.

§ 1º O disposto neste artigo deve ser garantido também para os alunos surdos ou com deficiência auditiva não usuários da Libras.

§ 2º O Poder Público, os órgãos da administração pública estadual, municipal, do Distrito Federal e as empresas privadas que detêm autorização, concessão ou permissão de serviços públicos de assistência à saúde buscarão implementar as medidas referidas no art. 3º da Lei nº 10.436, de 2002, como meio de assegurar, prioritariamente, aos alunos surdos ou com deficiência auditiva matriculados nas redes de ensino da educação básica, a atenção integral à sua saúde, nos diversos níveis de complexidade e especialidades médicas.

## CAPÍTULO VIII

### DO PAPEL DO PODER PÚBLICO E DAS EMPRESAS QUE DETÊM CONCESSÃO OU PERMISSÃO DE SERVIÇOS PÚBLICOS, NO APOIO AO USO E DIFUSÃO DA LIBRAS

Art. 26. A partir de um ano da publicação deste Decreto, o Poder Público, as empresas concessionárias de serviços públicos e os órgãos da administração pública federal, direta e indireta devem garantir às pessoas surdas o tratamento diferenciado, por meio do uso e difusão de Libras e da tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa, realizados por servidores e empregados capacitados para essa função, bem como o acesso às tecnologias de informação, conforme prevê o Decreto nº 5.296, de 2004.

§ 1º As instituições de que trata o *caput* devem dispor de, pelo menos, cinco por cento de servidores, funcionários e empregados capacitados para o uso e interpretação da Libras.

§ 2º O Poder Público, os órgãos da administração pública estadual, municipal e do Distrito Federal, e as empresas privadas que detêm concessão ou permissão de serviços públicos buscarão implementar as medidas referidas neste artigo como meio de assegurar às pessoas surdas ou com deficiência auditiva o tratamento diferenciado, previsto no *caput*.

Art. 27. No âmbito da administração pública federal, direta e indireta, bem como das empresas que detêm concessão e permissão de serviços públicos federais, os serviços prestados por servidores e empregados capacitados para utilizar a Libras e realizar a tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa estão sujeitos a padrões de controle de atendimento e a avaliação da satisfação do usuário dos serviços públicos, sob a coordenação da Secretaria de Gestão do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, em conformidade com o Decreto nº 3.507, de 13 de junho de 2000.

Parágrafo único. Caberá à administração pública no âmbito estadual, municipal e do Distrito Federal disciplinar, em regulamento próprio, os padrões de controle do atendimento e avaliação da satisfação do usuário dos serviços públicos, referido no *caput*.

#### CAPÍTULO IX DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 28. Os órgãos da administração pública federal, direta e indireta, devem incluir em seus orçamentos anuais e plurianuais dotações destinadas a viabilizar ações previstas neste Decreto, prioritariamente as relativas à formação, capacitação e qualificação de professores, servidores e empregados para o uso e difusão da Libras e à realização da tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa, a partir de um ano da publicação deste Decreto.

Art. 29. O Distrito Federal, os Estados e os Municípios, no âmbito de suas competências, definirão os instrumentos para a efetiva implantação e o controle do uso e difusão de Libras e de sua tradução e interpretação, referidos nos dispositivos deste Decreto.

Art. 30. Os órgãos da administração pública estadual, municipal e do Distrito Federal, direta e indireta, viabilizarão as ações previstas neste Decreto com dotações específicas em seus orçamentos anuais e plurianuais, prioritariamente as relativas à formação, capacitação e qualificação de professores, servidores e empregados para o uso e difusão da Libras e à realização da tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa, a partir de um ano da publicação deste Decreto.

Art. 31. Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 22 de dezembro de 2005; 184º da Independência e 117º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Fernando Haddad

Este texto não substitui o publicado no DOU de 23.12.2005.

## 4 ÓRGÃOS

A comunidade surda vem, ao longo dos anos, conseguindo várias conquistas, e o papel das organizações governamentais e não governamentais nesse contexto tornou-se fundamental, pois elas dão apoio, estrutura e organizam as comunidades surdas. Apresentaremos a seguir duas destas instituições, reconhecidas nacionalmente.

### 4.1 INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS – INES

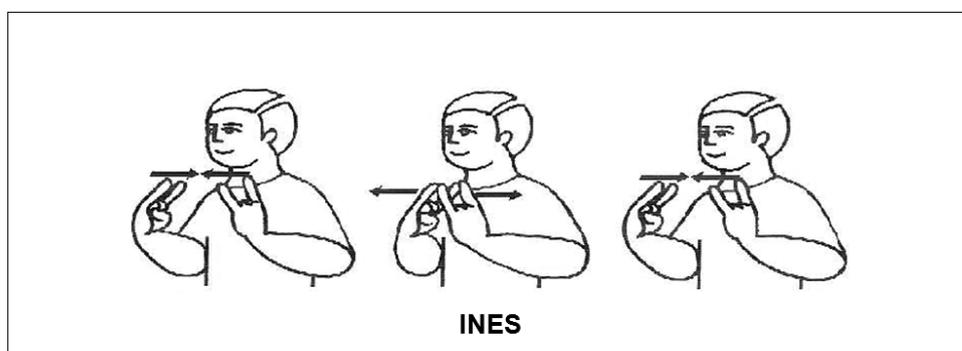


FIGURA 03 – SINAL DO INES  
FONTE: Capovilla (2001, p.755)

O Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES é o órgão do Ministério da Educação que possui, conforme seus documentos informam,

[...] a missão institucional de produção, o desenvolvimento e a divulgação de conhecimentos científicos e tecnológicos na área da surdez em todo o território nacional, bem como subsidiar a Política Nacional de Educação, na perspectiva de promover e assegurar o desenvolvimento global da pessoa surda, sua plena socialização e o respeito às suas diferenças.

Este instituto também é um Centro de Referência Nacional na área da surdez, presta assessoria técnica nas áreas que envolvam questões tais como: prevenção à surdez, audiologia, fonoaudiologia, orientação familiar, orientação para o trabalho e qualificação profissional, artes plásticas, dança, biblioteca infantil, Língua de Sinais, informática educativa etc. No Centro de Referência encontra-se o colégio de aplicação, onde são atendidos alunos surdos, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.

Agora você conhecerá cronologicamente um pouco da história do INES.

1857: toda esta história começou em 26 de setembro de 1857, durante o Império de D. Pedro II, quando o professor francês Eduard Huet fundou, com o apoio do imperador, o Imperial Instituto de Surdos-Mudos. Huet era surdo. Na época, o Instituto era um asilo, onde só eram aceitos surdos do sexo masculino. Eles vinham de todos os pontos do país e muitos eram abandonados pelas famílias.

1931: foi criado o externato feminino, com oficinas de costura e bordado. Com isso, o INES consolida o seu caráter de estabelecimento profissionalizante, instituído em 1925.

1951: os anos 50 foram marcados por uma série de ações importantes, como a criação do primeiro curso normal para professores na área da surdez (1951). Neste ano, o INES recebeu a visita de Helen Keller, cidadã americana, surda e cega, cuja trajetória de vida é um exemplo até os dias de hoje. Em 1952 foi fundado o Jardim de Infância do Instituto e nos anos seguintes criou-se o curso de Artes Plásticas, com o acompanhamento da Escola Nacional de Belas Artes. Em 06 de junho de 1957, o Instituto passou a denominar-se Instituto Nacional de Educação de Surdos. Neste mesmo ano foi criado o Centro de Logopedia do Instituto, o primeiro do Brasil.

Anos 70 e 80: na década de 70 foi criado o Serviço de Estimulação Precoce para atendimento de bebês de zero a três anos de idade. No início dos anos 80, com a criação do Curso de Especialização para professores na área da surdez, o INES investe na capacitação de recursos humanos, com a finalidade não só de capacitar, como de gerar agentes multiplicadores nesta área, uma vez que o curso, atualmente chamado de Curso de Estudos Adicionais, recebe professores de todo o país que, ao retornarem às origens, disseminam os conhecimentos adquiridos no INES.

1985: através do convênio UNESCO/CENESP, em 1985 foi criado no INES o Centro de Diagnóstico e Adaptação de Prótese Otofônica e um laboratório de Fonética (atual Divisão de Audiologia).

1990: é criado o informativo técnico-científico *Espaço*, cujos artigos são voltados para a educação do aluno surdo. A partir de 1993, o INES adquiriu nova personalidade com a mudança de seu Regimento Interno, através de ato ministerial. O Instituto passa a ser um centro nacional de referência na área da surdez. Com esta nova atribuição são realizadas ações que subsidiam todo o país.

FONTE: Disponível em: <<http://www.ines.gov.br/>>. Acesso em: 30 nov. 2008.



Esse é o símbolo do INES.



Mais informações sobre o instituto, consulte a página <http://www.ines.gov.br/>

## 4.2 FEDERAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO DOS SURDOS – FENEIS

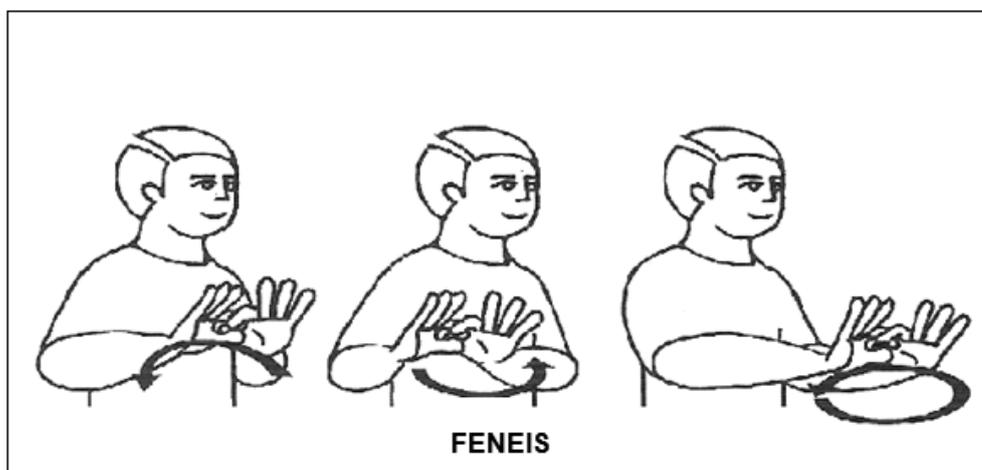


FIGURA 04 – FENEIS

FONTE: Capovilla e Raphael (2001, p. 660)

Outra instituição que tem grande influência na comunidade surda e na sociedade de forma geral é a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – FENEIS, que está ligada à Federação Mundial de Surdos. A entidade possui como objetivo a defesa e a luta pelos direitos culturais, sociais e linguísticos da comunidade surda. É uma instituição filantrópica e sem fins lucrativos, e apresenta um trabalho de cunho social, assistencial e educacional.

Seu início acontece com a união de várias entidades que trabalhavam com surdos. Desta união surge a FENEIDA (Federação Nacional de Educação dos Deficientes Auditivos). Em 16 de maio de 1987, em Assembléia Geral, a nova diretoria reestruturou o estatuto da instituição, que passou a se chamar Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – FENEIS, que atualmente possui escritórios regionais e filiados em todo território brasileiro.

Segundo o seu Estatuto, no Art. 5, a FENEIS tem como principal finalidade:

I- promover e assessorar a educação e a cultura das pessoas portadoras de surdez/deficiência auditiva;

II- incentivar o uso dos meios de comunicação social apropriados à pessoa surda, especialmente em LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais;

III- apoiar e colaborar com as filiadas, as Associações de Surdos, de Pais e Amigos de Surdos, escolas e clínicas especializadas, objetivando uma ação conjunta no sentido de melhorar os recursos educativos e de integração dos surdos;

IV- incentivar a criação e o desenvolvimento de novas instituições, nos moldes das modernas técnicas de atendimento, visando ao diagnóstico, à prevenção, à estimulação precoce, à educação, à profissionalização e à integração da pessoa portadora de surdez;

V- estender o seu âmbito de ação às organizações nacionais e internacionais, para maior troca de experiências e ampliações de recursos técnicos e materiais;

VI- apresentar sugestões aos órgãos oficiais e poderes públicos, visando ao aperfeiçoamento do atendimento da pessoa portadora de surdez, servindo, inclusive, como órgão de assessoramento;

VII- organizar e participar de congressos, seminários, cursos ou correlatos, em nível internacional, nacional, regional, estadual ou municipal, com fins de promover o intercâmbio e aprimoramento dos assuntos que envolvem a problemática da pessoa portadora da surdez;

VIII- estimular a realização de pesquisas, estudos e estatísticas referentes à surdez, favorecendo a formação e o aperfeiçoamento de recursos humanos especializados;

IX- realizar convênios com entidades públicas e/ou privadas, escolas técnicas, artísticas e artesanais e outras instituições no sentido de promover a profissionalização da pessoa surda dentro dos padrões (modernos e atuantes) de eficiência;

X- promover a defesa e postulação pela substituição processual de interesses difusos e coletivos pertinentes à deficiência.

FONTE: Disponível em: <[www.surdosdobrasil.hpg.ig.com.br/feneis.htm](http://www.surdosdobrasil.hpg.ig.com.br/feneis.htm)>. Acesso em 30 nov. 2008.



Vale a pena visitar o *site* da FENEIS – [www.feneis.com.br](http://www.feneis.com.br). Lá você encontrará várias informações sobre congressos, cursos, material para aquisição, tais como jornal e revistas da FENEIS, legislação, biblioteca virtual, eventos etc.



## RESUMO DO TÓPICO 2

**Nesse tópico você viu que:**

- Vários fatores e personalidades auxiliaram na construção da história e na educação dos surdos.
- A educação dos surdos no Brasil seguiu os passos mundiais que, no início, tinham somente a preocupação de trabalhar com os aspectos da fala.
- 1934 – Dr. Armando Lacerda publica a Pedagogia Emendativa do Surdo.
- 1957 – Acontece a Campanha de Educação dos Surdos Brasileiros.
- Educação de Surdos apresentou três abordagens: a oralista, comunicação total e bilíngue.
- Decreto nº 5626, de 22/12/05, regulamentou a Lei nº 10.436/02, definindo formas institucionais para o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais.
- As duas principais instituições de apoio ao surdo no Brasil são: INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos e a FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos.



- 1 Qual a função da FENEIS e do INES?
  
- 2 Complete o quadro com um resumo das abordagens pelas quais passou a educação de surdos.

| Oralista | Comunicação Total | Bílingue |
|----------|-------------------|----------|
|          |                   |          |
|          |                   |          |

- 3 Faça um breve resumo da retrospectiva mundial e do Brasil sobre a educação de surdos.

Mundial:

---



---



---



---



---



---

Brasil:

---



---



---



---



---



---

- 4 Leia o Decreto nº 5.626, de 22/12/05, e destaque os cinco principais aspectos dessa lei:

- 1) \_\_\_\_\_
- 2) \_\_\_\_\_
- 3) \_\_\_\_\_
- 4) \_\_\_\_\_
- 5) \_\_\_\_\_



## UNIDADE 1

### TÓPICO 3

#### CULTURA, IDENTIDADE, TECNOLOGIA E A COMUNIDADE SURDA

#### 1 INTRODUÇÃO

Neste tópico trataremos da cultura surda, da construção da identidade do surdo e da comunidade surda, dos aspectos tecnológicos e da construção e importância da comunidade surda. Esses aspectos são importantes aos surdos de forma geral, pois fornecem sustentação à vida coletiva desses indivíduos, possibilitando a eles viver de forma mais digna e igualitária na sociedade.



Você deve retomar a leitura dos seguintes cadernos de estudos: Fundamentos da Educação: Temas Transversais e Ética, Sociologia Geral e da Educação, Didática e Avaliação. Esses cadernos trataram do que é cultura e do multiculturalismo de forma geral e servirão como base para a reflexão deste tópico.

#### 2 CULTURA

O sociólogo e antropólogo DaMatta (1986) pontua que cultura é o que nos faz humanos, com ela nos criamos em comunidade de língua, costumes, valores, moral, nossa adaptação ecológica ao ambiente em que vivemos, enfim, ganhamos nossa identificação étnica.

A cultura surda se constitui da mesma forma que a cultura dos ouvintes, ela é necessária para estabelecer a convivência entre os surdos. O surdo, através da sua cultura, se expressa através da sua linguagem, da arte, dos movimentos etc., expondo os seus valores, suas relações, seus costumes, enfim, dando sentido a seu grupo de pertença.

É necessário compreender e respeitar as diferenças culturais existentes entre os surdos e os ouvintes. Segundo Sá (2006), as pessoas não-surdas têm muita dificuldade em admitir que os surdos têm processos culturais específicos, então, muitos continuam a tratar os surdos apenas como um grupo de deficientes ou incapacitados. A cultura dos surdos, apesar de ser um grupo pequeno em relação aos ouvintes, não pode ser encarada como uma subcultura, pois a cultura surda vem fundamentada através de seus comportamentos, valores, atitudes diferentes da cultura dos ouvintes, ela surge em função do grupo. A cultura surda deve ser respeitada em sua forma de constituir-se.

Não queremos dizer que uma cultura seja mais importante que outra, fazendo uma divisão surdo/ouvinte, mas que devemos possibilitar uma reflexão mais ampla sobre a questão. Sá (2006, p. 3) alerta dizendo: “[...] não se trata de colocar a cultura surda de um lado, e a cultura ouvinte de outro, como se estivesse tratando de oposições binárias, mas trata-se da tentativa de proclamar os surdos enquanto grupo social, que também pela característica cultural se organiza”.

Algumas pessoas são resistentes à cultura surda, algumas vezes por incompreensão da construção deste processo, e outras por preconceitos adquiridos, entendendo o surdo como “anormal”. Sá (2006) destaca duas formas de negação dessa cultura: a primeira é a compreensão de que os surdos são todos iguais (portanto, insignificantes) e a segunda, de que a cultura para ouvintes e surdos é igual, a diferença é que os surdos não escutam.

Skliar (1998, p. 28) defende que

[...] é possível aceitar o conceito de cultura surda por meio de uma leitura multicultural, em sua própria historicidade, em seus próprios processos e produções, pois a Cultura Surda não é uma imagem velada de uma hipotética Cultura Ouvinte, não é seu revés, nem uma cultura patológica.

Surdos e ouvintes encontram-se normalmente, no mesmo espaço físico, e partilham de uma cultura ditada pela maioria ouvinte; ambos compartilham uma série de atitudes, costumes e hábitos, ou seja, aspectos próprios da cultura ouvinte; fato que torna os surdos indivíduos multiculturais.

Vemos aqui o multiculturalismo com o propósito de reflexão acerca das relações que a sociedade expressa frente ao que pensa e vivencia enquanto relações de gênero, etnia, classes, pessoas portadoras de necessidades educativas especiais, e as diferenças de cultura. Deve-se levar em conta o que nos alerta Weiduschat (2007, p. 27), “[...] que a educação multiculturalista deve respeitar e integrar as diferentes formas de ensinar e aprender”.

### 3 CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE

A cultura de grupo está intimamente ligada à sua construção de identidade. Como vimos no tópico anterior, a existência da cultura surda serve como auxiliar nesse processo de construção identitário. Buscar modificar o surdo para torná-lo igual ao ouvinte é um desrespeito à sua identidade e sua cidadania. Segundo Sá (2006), o que identifica o grupo da surdez não é a raça ou posição social, é a própria surdez que passa a ser característica determinante da sua identidade.

De acordo com Perlin (1998), identidade pode ser definida como:

- **identidade flutuante:** na qual o surdo se espelha na representação hegemônica do ouvinte, vivendo e se manifestando de acordo com o mundo ouvinte;
- **identidade inconformada:** na qual o surdo não consegue captar a representação da identidade ouvinte, hegemônica, e se sente numa identidade subalterna;
- **identidade de transição:** na qual o contato dos surdos com a comunidade surda é tardio, o que os faz passar da comunicação visual-oral (na maioria das vezes truncada) para a comunicação visual sinalizada – o surdo passa por um conflito cultural;
- **identidade híbrida:** reconhecida nos surdos que nasceram ouvintes e se ensurdecaram e terão presentes as duas línguas numa dependência dos sinais e do pensamento na língua oral;
- **identidade surda:** na qual ser surdo é estar no mundo visual e desenvolver sua experiência na Língua de Sinais. Os surdos que assumem a identidade surda são representados por discursos que os vêem capazes como sujeitos culturais, uma formação de identidade que só ocorre entre os espaços culturais surdos.

A Língua de Sinais apresenta-se como um dos principais aspectos de construção da identidade do surdo, é a manifestação de sua linguagem.

A construção da identidade surda se fortalece a partir do momento em que eles se relacionam com seus pares, pois socializam suas histórias, dificuldades, alegrias. Segundo BRASIL (2002, p. 41), “[...] é principalmente entre esses surdos que buscam uma identidade surda no encontro surdo-surdo[...]”. Esses encontros acabam por resultar no surgimento das comunidades surdas.

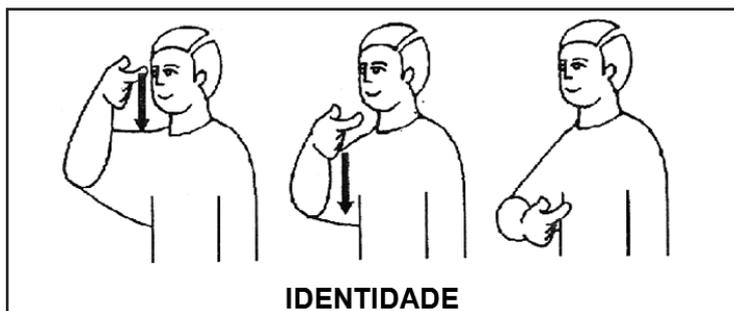


FIGURA 05 - SINAL DE IDENTIDADE  
 FONTE: Capovilla e Raphael (2001, p. 742)

## 4 COMUNIDADES SURDAS

As comunidades surdas se configuram num espaço que possibilita aos surdos momentos de discussão sobre o trabalho, a vida, as questões pessoais, educação etc., são espaços de integração, de compartilhar, e esses fatores se apresentam como uma das principais funções das comunidades surdas. Felipe (2001, p.63) pontua que “[...] as comunidades surdas no Brasil têm como fatores de integração: a LIBRAS, os esportes e interações sociais [...]”, que acontecem no convívio entre os surdos, através da FENEIS, da Confederação Brasileira de Desporto de Surdos (CBDS), entre outras tantas associações, confederações, clubes etc. que realizam essa função.

As comunidades surdas têm demonstrado outro aspecto fundamental e importante para os surdos, que é o espaço de organização social. Através delas, os surdos têm se organizado na luta e conquistas de direitos, a educação, saúde, cultura, trabalho etc., como já vimos anteriormente. Para Felipe (2001),

[...] a comunidade surda não é um ambiente onde se encontram pessoas surdas consideradas ‘deficientes’, que têm problemas de comunicação: mas tem um lugar onde há participação e articulação política dos surdos que se organizam em busca de melhorias e lutam por seus direitos de cidadania e também por seus direitos linguísticos.



A comunidade surda brasileira comemora, em 26 de setembro, o Dia Nacional do Surdo, data em que são lembradas as lutas históricas por melhores condições de vida, trabalho, educação, saúde, dignidade e cidadania. A Federação Mundial dos Surdos já celebra o Dia do Surdo internacionalmente no dia 30 de setembro. No Brasil é no dia 26 de setembro devido ao fato desta data lembrar a inauguração da primeira escola para surdos no país, em 1857, atual INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos.

## 5 COMPORTAMENTO E TECNOLOGIA

A tecnologia vem sendo incorporada na vida cotidiana do surdo e provocando transformações em seu comportamento, assim como na vida dos ouvintes. Em termos tecnológicos podemos citar os “torpedos” como a grande sensação do momento, o que acabou por criar um movimento dos surdos não alfabetizados a buscar a educação. Uma educadora bilíngue nos relatou que os alunos chegam à escola dizendo: “[...] quero aprender a escrever para poder mandar mensagem pelo celular”. Isso demonstra a importância das tecnologias e como elas vêm interferindo no comportamento das pessoas.

### 5.1 TELEFONE PARA SURDOS

TDD (*Telecommunication Device for the Deaf*) é uma sigla em inglês equivalente a aparelho de telecomunicação para surdos.

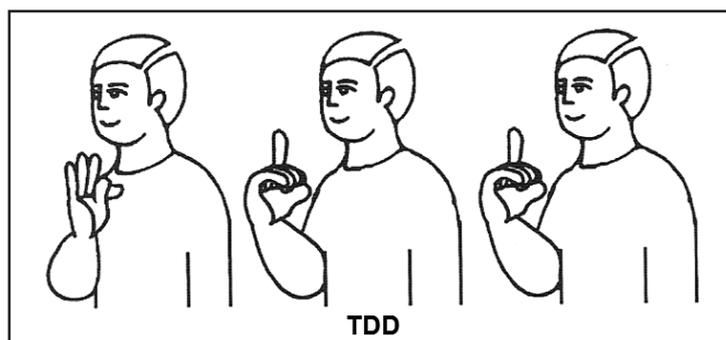


FIGURA 06 - TELEFONE PARA SURDOS  
FONTE: Capovilla e Raphael (2001, p. 1.233)

AANATEL (Agência Nacional de Telecomunicações) possui um serviço de informações de atendimento aos surdos. O sistema funciona através de telefonista, acessado pelo número 0800517801, que visa melhorar os meios de comunicação entre pessoas surdas e pessoas ouvintes.

Funciona da seguinte forma:

Pessoa (A) surda telefona para 0800517801 através de seu aparelho de TDD, uma telefonista atende e faz a ligação para a pessoa (B) que é ouvinte. A partir deste momento, tudo o que o surdo digitar via TDD, a telefonista falará para o ouvinte, e vice-versa, ou seja, tudo o que o ouvinte falar, ela digitará de volta para o surdo. A pessoa ouvinte telefona para 08007802.

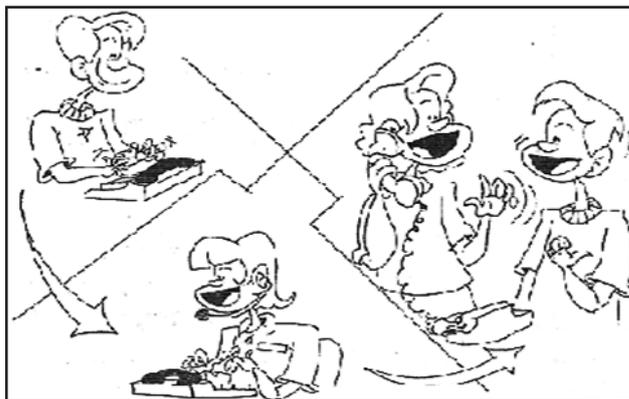


FIGURA 07 –TELEFONE PARA SURDOS  
 FONTE: Felipe (2001)

## 5.2 CELULAR PARA SURDOS

O telefone celular surge como um instrumento que possibilita a aproximação dos surdos com outros surdos e com os ouvintes, sem a necessidade de auxílio de outras pessoas. O avanço dos modelos de celulares através do sistema *vibracall* para chamadas permite ao surdo “ouvir” o telefone chamar.

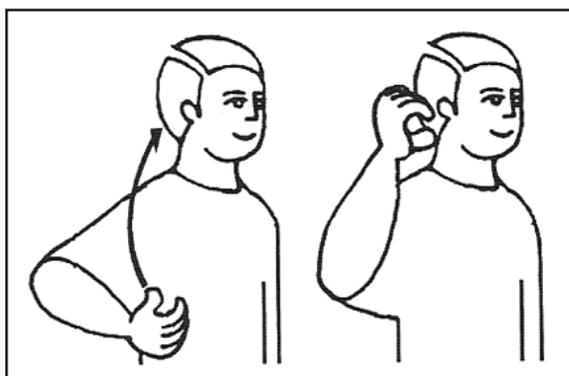


FIGURA 08 –TELEFONE CELULAR  
 FONTE: Capovilla e Raphael (2001, p. 1.236)

Brasil (2002) pontua que os meios tecnológicos atuais vêm contribuindo para a comunicação dos surdos, bem como vêm sendo incorporados na sua vida cotidiana. E essa comunicação vem se dando através de:

[...] *bips*; fax; a telemática (comunicação via *internet* por meio de *e-mails*, *chats*, *msn* etc.); sinalização luminosa para campanhas; relógios de pulsos e despertadores com alarmes vibratórios; legendas ou tela de intérprete na TV; intérpretes *in loco* nas igrejas, escolas, repartições públicas, hospitais, delegacias, comércio em geral etc.; adaptação da arbitragem nos esportes, substituindo os apitos por acenos e lenços entre outros (p.45).



A foto abaixo mostra a utilização de TDD, que atualmente pode ser encontrado em locais como: aeroportos, escolas, universidades etc. O mensageiro Daniel Lima, deficiente auditivo, aprende a usar o aparelho TDD (Foto: Ana Limp).



FIGURA 09 – A UTILIZAÇÃO DE TDD

FONTE: Disponível em: <<http://www.dirad.fiocruz.br/?q=node/118>>. Acesso em: 30 nov. 2008.



### RESUMO DO TÓPICO 3

#### Nesse tópico você viu que:

- A cultura surda se constitui da mesma forma que a cultura dos ouvintes, ela é necessária para estabelecer a convivência entre os surdos.
- A cultura dos surdos, apesar de ser um grupo pequeno em relação aos ouvintes, não pode ser encarada como uma subcultura.
- Algumas pessoas são resistentes à cultura surda, algumas vezes por incompreensão da construção deste processo.
- Surdos e ouvintes encontram-se normalmente, no mesmo espaço físico, e partilham de uma cultura ditada pela maioria ouvinte; ambos compartilham uma série de atitudes, costumes e hábitos, ou seja, aspectos próprios da cultura ouvinte, fato que torna os surdos indivíduos multiculturais.
- A cultura de grupo está intimamente ligada à sua construção de identidade.
- Identidade pode ser definida como: identidade flutuante; identidade inconformada; identidade de transição; identidade híbrida; identidade surda.
- A Língua de Sinais apresenta-se como um dos principais aspectos de construção da identidade.
- As comunidades surdas se configuram num espaço que possibilita aos surdos momentos de discussão sobre o trabalho, a vida, as questões pessoais, educação etc., são espaços de integração, de compartilhar, e esses fatores se apresentam como uma das principais funções das comunidades surdas.
- A tecnologia vem sendo incorporada à vida cotidiana do surdo e provocando transformações em seu comportamento, assim como na vida dos ouvintes.



Escreva um parágrafo com a sua compreensão sobre os temas trabalhados neste tópico: cultura, construção de identidade, comunidade surda, comportamento e tecnologia.



Prezado(a) acadêmico(a), agora que chegamos ao final da Unidade 1, você deverá fazer a Avaliação Somativa referente a esta unidade.

## UNIDADE 2

# LIBRAS E SUAS ESTRUTURAS

## OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

A partir desta unidade você será capaz de:

- compreender os parâmetros utilizados na Língua de Sinais;
- conhecer o alfabeto manual e sua função;
- perceber e conhecer as diferenças entre as estruturas da língua;
- reconhecer os números em LIBRAS.

## PLANO DE ESTUDOS

Esta unidade está dividida em três tópicos. Você encontrará, no final de cada um deles, atividades que contribuirão para a compreensão dos conteúdos explorados.

**TÓPICO 1 – A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS**

**TÓPICO 2 – DATILOLOGIA E NUMERAÇÃO**

**TÓPICO 3 – ESTRUTURAÇÃO DE SENTENÇAS EM LIBRAS**



L  
Í  
N  
G  
U  
A  
  
B  
R  
A  
S  
I  
L  
E  
I  
R  
A  
  
D  
E  
  
S  
I  
N  
A  
I  
S  
-  
L  
I  
B  
R  
A  
S

## UNIDADE 2

### TÓPICO 1

#### A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS

#### 1 INTRODUÇÃO

Nesta unidade trataremos especificamente da construção da Língua Brasileira de Sinais, dos seus parâmetros, da datilologia, e apresentaremos o alfabeto, os números e a construção da estrutura gramatical da língua.

O registro mais antigo que se tem sobre a Língua de Sinais é datado de 368 a.C., feito por Sócrates, filósofo grego. A Língua de Sinais atualmente utilizada foi baseada na Língua de Sinais francesa. Para se comunicar através dessa língua, os sinais são utilizados a partir de combinações, movimentos e expressões que são realizados no momento da comunicação.

A partir do momento em que compreendemos que a LIBRAS é a língua materna dos surdos, a escola deve reconhecer e utilizá-la como meio instrucional no processo de ensino e aprendizagem, fazendo uso de materiais didáticos e métodos específicos que atendam as necessidades educacionais dos surdos.



A Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, assim como acontece em toda língua, também apresenta expressões que diferem de região para região, dentro do mesmo país (os regionalismos), mantendo, mesmo assim a legitimidade de língua. Cada país desenvolve de maneira própria a sua Língua de Sinais, porém, nos últimos tempos criou-se uma língua que busca ser universal, que é chamada de Gestuno.

#### 2 PARÂMETROS

Servem para estruturar as diferentes formas de níveis linguísticos. Apresentam-se em três grandes grupos: o primeiro é a configuração de mãos (CM); o segundo, o ponto de

articulação (PA), e o terceiro, o movimento (M). Veja como aparecem esses parâmetros nos sinais no exemplo a seguir, no sinal de avô.

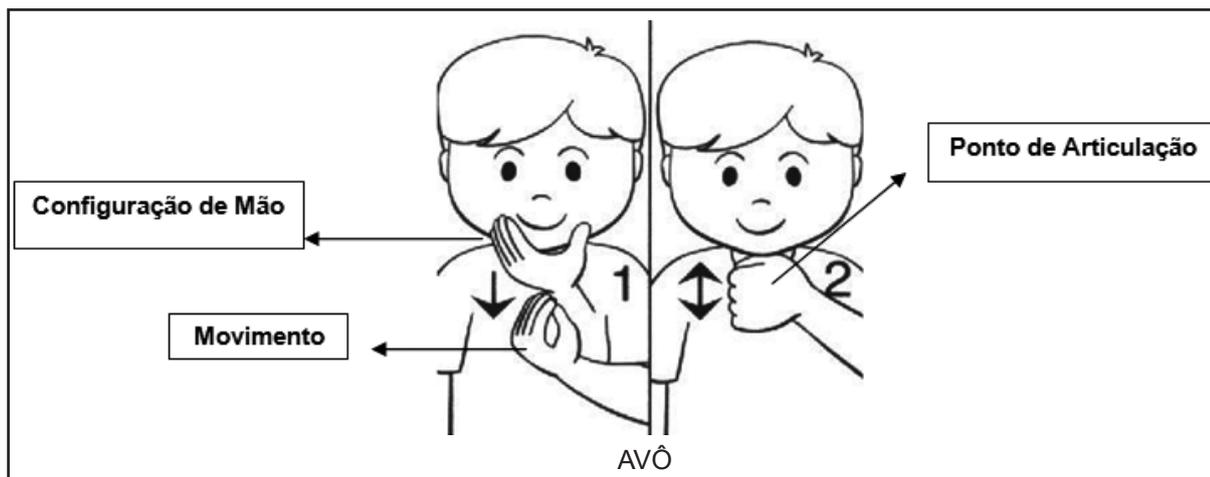


FIGURA 10 – PARÂMETROS

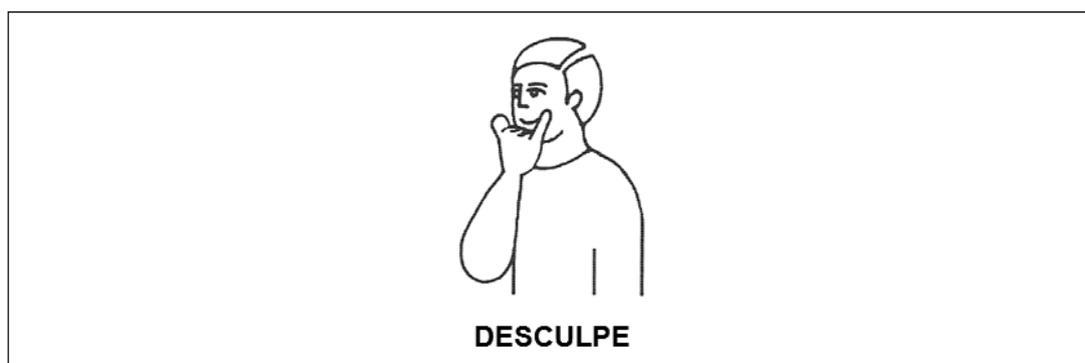
FONTE: SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO – SED; FUNDAÇÃO CATARINENSE DE EDUCAÇÃO ESPECIAL – FCEE. **Vocabulário em língua de sinais.** Florianópolis, [2003?].

## 2.1 CONFIGURAÇÃO DE MÃOS (CM)

A configuração de mãos é o primeiro parâmetro que estudaremos, ela se apresenta através da forma que a mão toma ao ser realizado o sinal ou a letra do alfabeto manual. Algumas letras são usadas várias vezes para demonstrar uma determinada palavra, porém, se diferenciam pelo ponto no corpo em que é expresso.

A configuração de mãos segue a mão predominante da pessoa que está realizando o sinal ou palavra, ou seja, ela pode ser realizada com a mão direita para os destros ou com a mão esquerda para os canhotos, também realizada com as duas mãos.

Os sinais DESCULPAR e IDADE, por exemplo, possuem a mesma configuração de mão (com a letra y). A diferença é que cada uma é produzida em um ponto diferente no corpo.



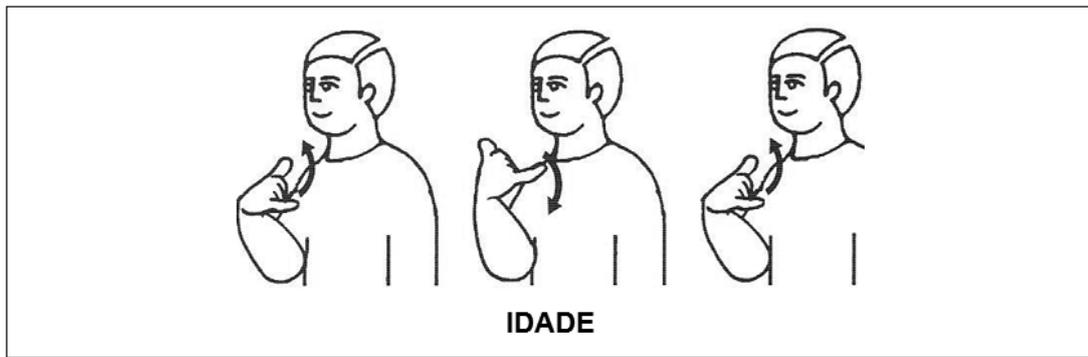


FIGURA 11 – OS SINAIS DESCULPAR E IDADE  
 FONTE: Capovilla; Raphael (2001)

## 2.2 PONTO DE ARTICULAÇÃO (PA)

É identificado através do local onde ocorre o sinal, sendo que este sinal poderá ou não tocar em alguma parte do corpo da pessoa que o está realizando.

## 2.3 MOVIMENTO (M)

Conforme o sinal que se realiza, ele exige movimento ou não, dependendo do que ele representa. O movimento também pode representar intensidade, que também pode apresentar noção de pluralidade, como, por exemplo: posso realizar o sinal de estudar (quero dizer que quero que os alunos estudem), porém, se intensifico esse sinal fazendo um movimento mais rápido, quero dizer que quero que eles estudem muito.

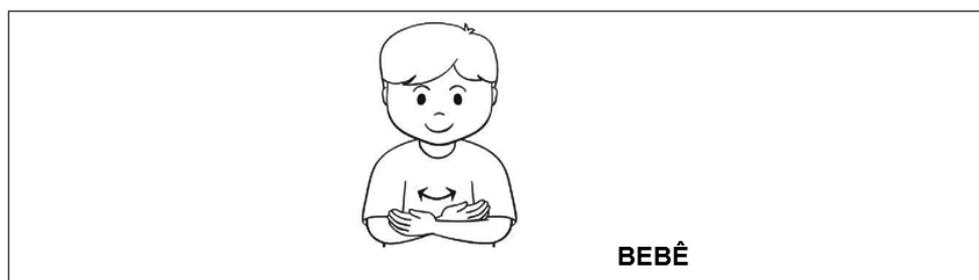
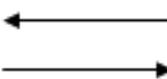


FIGURA 12 – SINAIS  
 FONTE: Capovilla; Raphael (2001)

Vocês encontrarão em muitos locais, tais como livros, placas, textos, artigos, que apresentem sinais em LIBRAS, alguns sinais que indicam o sentido, posição, movimento etc. que o sinal deve ser realizado. Apresentaremos alguns mais comumente utilizados.

**LEGENDA**

|   |   |
|---|---|
|    | Movimento reto com uma das mãos de fora para dentro do corpo. |
|    | Movimento reto com uma das mãos de dentro para fora do corpo. |
|   | Indica que a mão tremulou.                                    |
|  | Indica que a mão assume outras posições.                      |
|  | Movimento de descida só de ida.                               |
|  | Movimento de subir só de volta (ou ida vertical - reto)       |
|  | Movimento de ida ou volta na horizontal.                      |

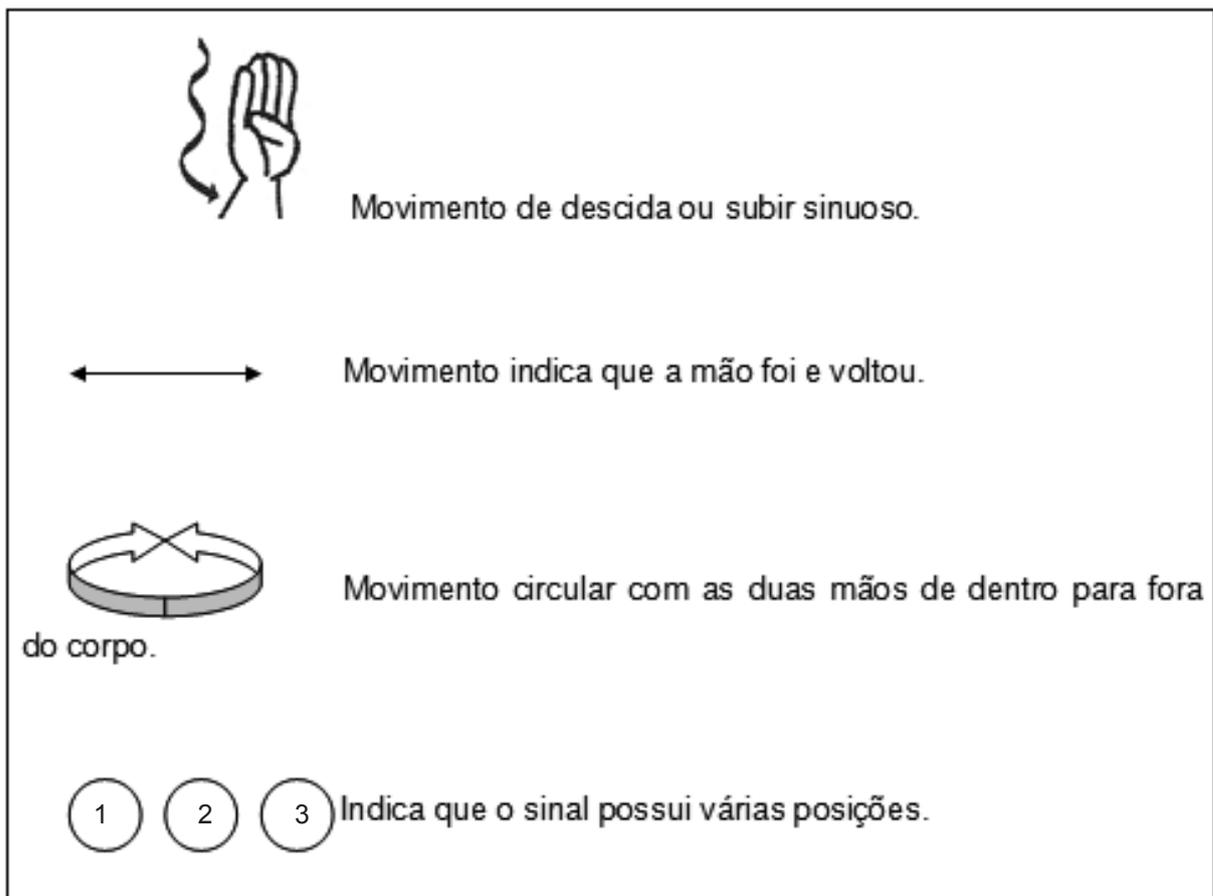


FIGURA 13 – MOVIMENTOS

FONTE: Capovilla; Raphael (2001)

### 2.3.1 Expressão facial/corporal

Para a compreensão de alguns sinais, as expressões que fazemos com o nosso corpo e rosto são fundamentais para o seu entendimento, pois através delas revelamos nossas emoções de alegria, tristeza, frio, raiva, calor etc. e sentido que atribuímos a determinados fatos, situações e objetos. Conforme a expressão que manifestamos, damos a entonação dentro da Língua de Sinais; ou demonstramos negação, dúvida, questionamento ou afirmamos algo.

Ex.: o dedo indicador em [G] sobre a boca, com a expressão facial calma e serena, significa silêncio; porém, se o mesmo sinal for realizado mais rápido, com uma expressão de zanga, significa uma ordem maior: Cale a boca!

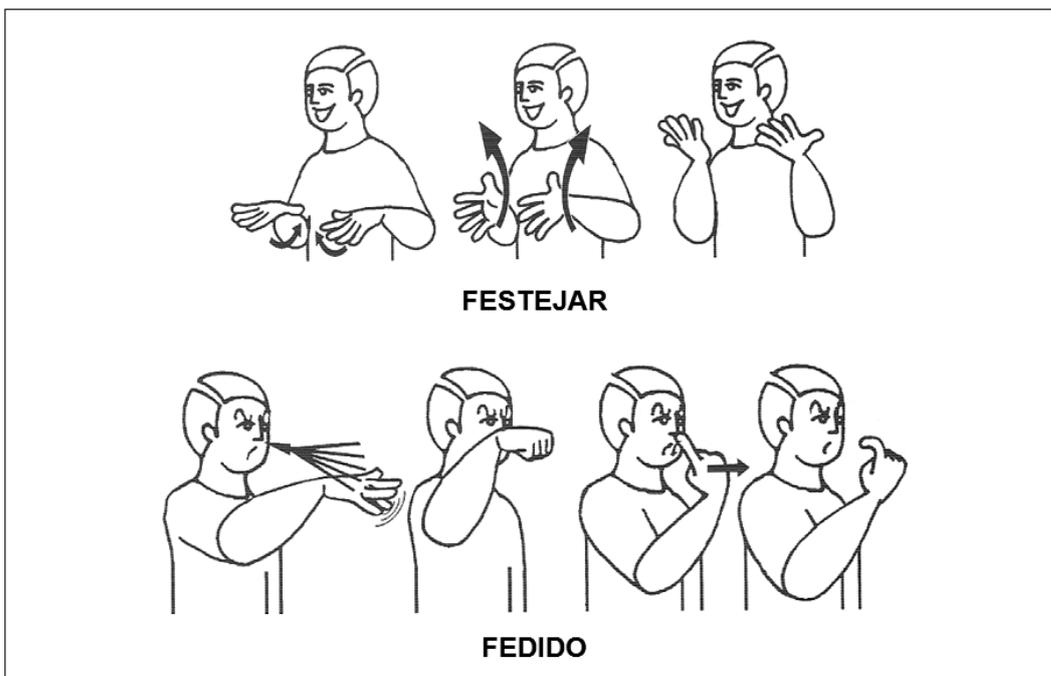


FIGURA 14 – EXPRESSÕES

FONTE: Capovilla; Raphael (2001)

### 2.3.2 Orientação/direção

Os sinais podem ser determinados conforme o local ao qual você quer se referir, como, por exemplo, os verbos IR e VIR, que se opõem em relação à direção do local referido.

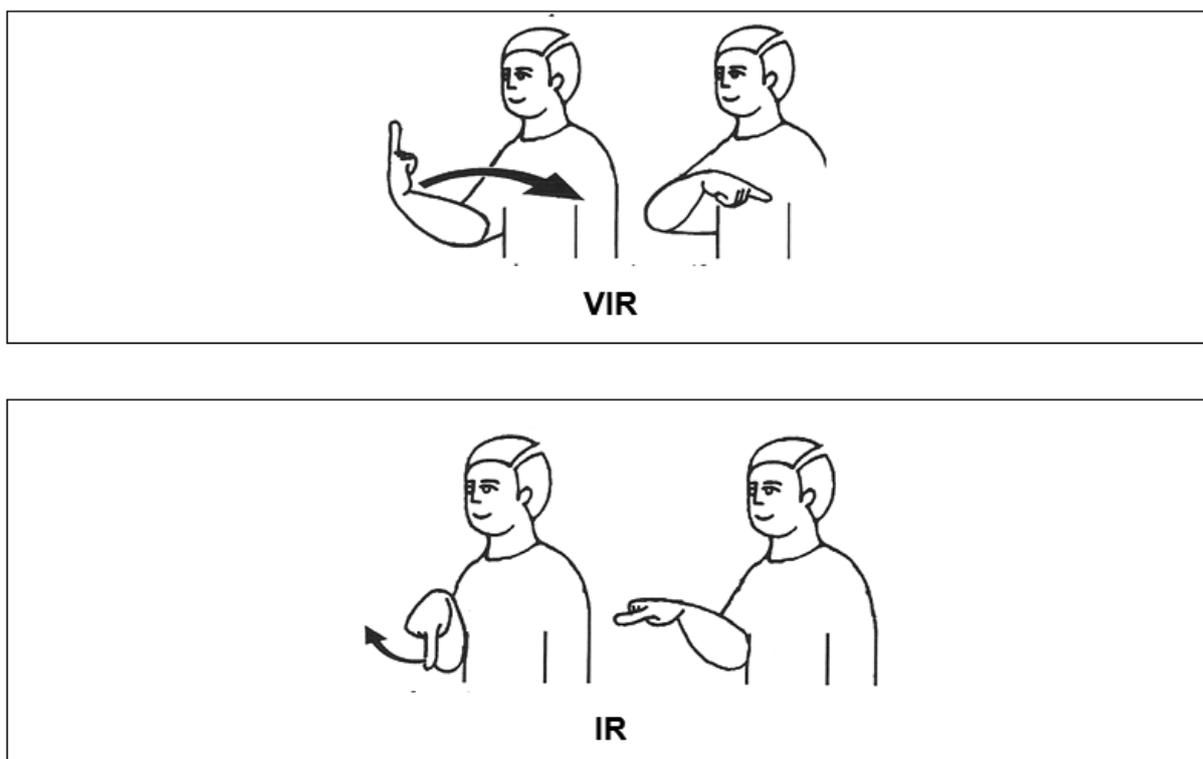


FIGURA 15 – VIR, IR

FONTE: Capovilla; Raphael (2001)

### 3 SINAIS

Agora que sabemos quais os parâmetros existentes na construção dos sinais, vamos estudar o que são os sinais propriamente ditos. Conforme informação disponível no *site* do INES, o que é denominado de palavras ou item lexical nas línguas oral-auditivas é denominado de sinais nas línguas de sinais.

Os sinais surgem a partir de uma combinação de configurações de mão, movimentos e de pontos de articulação, constituindo assim o sistema linguístico da Língua de Sinais, possibilitando a transmissão de ideias, fatos, dos valores, da identidade etc., que se apresentam como fundamentos das comunidades surdas. Para se comunicar em LIBRAS, não basta apenas conhecer os sinais; é necessário conhecer a sua gramática para combinar as frases, e assim realmente estabelecer comunicação.

Vale lembrar, como já dissemos anteriormente, que a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS não é um conjunto de gestos de forma solta e aleatória, mas uma língua com toda a estrutura, níveis linguísticos e organização que compõem a constituição de qualquer outra língua.



Os surdos identificam as pessoas que lhes são próximas, acabam de “batizá-las” com sinais que, quando realizados, indicam que estão falando de determinada pessoa. Esses sinais somente podem ser formalizados e, aí sim, são reconhecidos por uma pessoa surda. Geralmente se utilizam de características pessoais ou traços da personalidade das pessoas.

Os sinais não possuem desinências para gênero e número, sendo assim representados na palavra portuguesa com o símbolo de @. Por exemplo: *amig@*, *muit@* etc.

Com o passar dos tempos pode haver alterações dos sinais, isso acontece em função das transformações sociais que ocorrem. Alguns sinais na LIBRAS são representados pela alusão ao seu significado, por isso são chamados de sinais icônicos, como, por exemplo, telefone. Porém, os sinais arbitrários não possuem nenhuma semelhança com a realidade que representam, por exemplo: perdoar.

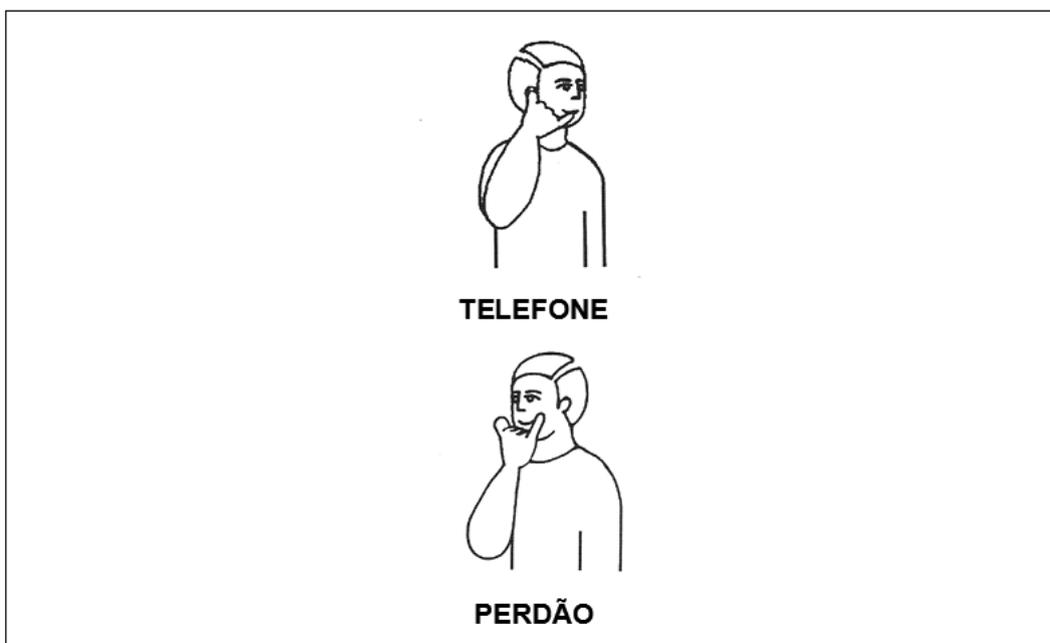


FIGURA 16 – SINAIS ICÔNICOS E ARBITRÁRIOS  
FONTE: Capovilla; Raphael (2001)



## RESUMO DO TÓPICO 1

### Neste tópico você viu que:

- Para se comunicar através dessa língua, os sinais são utilizados a partir de combinações, movimentos e expressões que são realizados no momento da comunicação.
- LIBRAS é a língua materna dos surdos, a escola deve reconhecer e utilizá-la como meio instrucional no processo de ensino e aprendizagem, fazendo uso de materiais didáticos e métodos específicos que atendam as necessidades educacionais dos surdos.
- A Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, assim como acontece em toda a língua, também apresenta expressões que diferem de região para região, inclusive dentro do mesmo país (os regionalismos), mantendo, ainda assim, a legitimidade de língua.
- Parâmetros servem para estruturar as diferentes formas de níveis linguísticos. Apresentam-se em três grandes grupos: o primeiro é a configuração de mãos (CM); o segundo, o ponto de articulação (PA) e o terceiro, o movimento (M).
- A configuração de mãos se apresenta através da forma que a mão toma ao ser realizado o sinal ou a letra do alfabeto manual.
- O ponto de articulação é identificado através do local onde ocorre o sinal, sendo que este sinal poderá ou não tocar em alguma parte do corpo da pessoa que o está realizando.
- Conforme o sinal que se realiza, ele exige movimento ou não, dependendo do que ele representa.
- A expressão que fazemos com o nosso corpo e rosto é fundamental para o entendimento do sinal.
- Os sinais podem ser determinados conforme o local ao qual você quer se referir.
- Os sinais surgem a partir de uma combinação de configurações de mão, movimentos e de pontos de articulação, constituindo assim o sistema linguístico da Língua de Sinais, possibilitando a transmissão de ideias, fatos, dos valores, da identidade etc., que se apresentam como fundamentos das comunidades surdas.
- Para se comunicar em LIBRAS não basta apenas conhecer os sinais; é necessário conhecer a sua gramática para combinar as frases e, assim, realmente estabelecer comunicação.



1 Complete o quadro com os principais aspectos dos parâmetros.

| CONFIGURAÇÃO DE MÃOS (CM) | PONTO DE ARTICULAÇÃO (PA) | MOVIMENTO (M) |
|---------------------------|---------------------------|---------------|
|                           |                           |               |

## UNIDADE 2

### TÓPICO 2

#### DATILOGIA E NUMERAÇÃO

##### 1 INTRODUÇÃO

Neste tópico vamos trabalhar com o alfabeto, números, quantidade e expressão para o ano sideral. Esses temas são a base para o início da aprendizagem da Língua de Sinais. Lembramos que aprender LIBRAS, para os ouvintes, é como aprender uma segunda língua, que exige esforço, dedicação, treino e principalmente o convívio com as pessoas que possuem esta língua como primeira língua. Com isto queremos dizer que é fundamental a convivência com os surdos para o aprimoramento da LIBRAS.

##### 2 O QUE É A DATILOGIA

A datilologia é a utilização das mãos para soletrar o alfabeto, historicamente é considerada como um elemento de comunicação manual. A posição das mãos e dos dedos representa as letras do alfabeto. Algumas línguas de sinais utilizam uma só das mãos para fazer a soletração, outras se utilizam das duas mãos. A datilologia é geralmente utilizada para os iniciantes na aprendizagem da Língua de Sinais.

##### 3 ALFABETO MANUAL

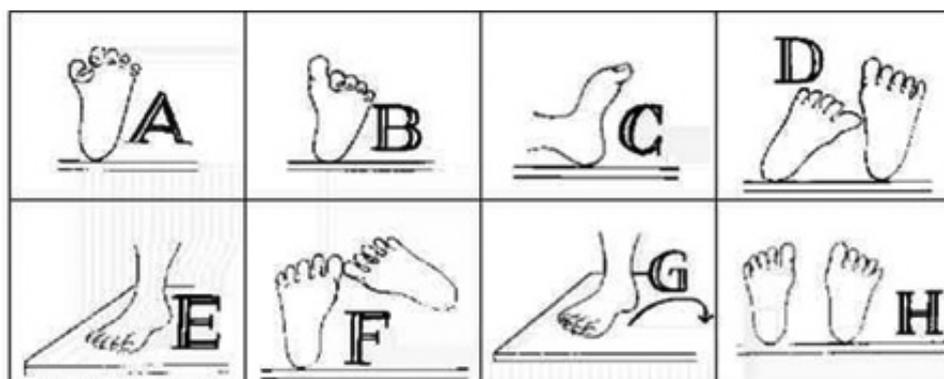
O alfabeto manual é parte integrante da LIBRAS e tem a função de soletrar as palavras. Muitos objetos, palavras, lugares, situações etc. não possuem sinais ou a pessoa não conhece o sinal, sendo neste caso usado o alfabeto para sua nomeação. Cabe salientar que, dependendo do nível de habilidade e rapidez da pessoa que o utiliza, sua compreensão pode tornar-se complexa. Por isso se recomenda que a soletração das palavras ocorra devagar, utilizando-se uma pausa curta entre elas ou movendo a mão para o lado informando que esta palavra já foi soletrada.



FIGURA 17 – ALFABETO EM LIBRAS

FONTE: Disponível em: <<http://libras.files.wordpress.com/2008/07/alfabeto-em-libras.jpg>>. Acesso em 04 dez. 2008.

## ALFABETO SINALIZADO COM OS PÉS



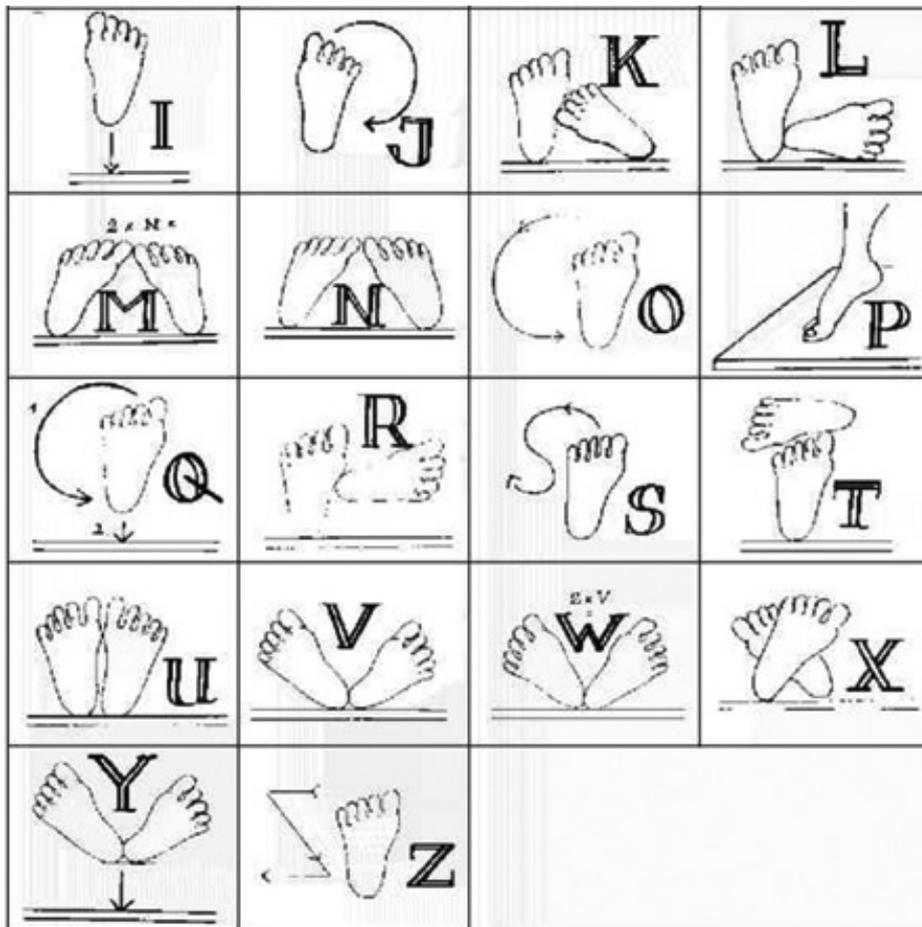


FIGURA 18 – ALFABETO SINALIZADO COM OS PÉS

FONTE: Disponível em: <<http://www.atividadeseducativas.com.br/libras.php>>. Acesso em 04 dez. 2008.

ALFABETO PARA SURDOS E CEGOS





FIGURA 19 – ALFABETO PARA SURDOS E CEGOS

FONTE: Disponível em: <http://www.grupobrasil.org.br/> Acesso em 04 dez. 2008.

## 4 NUMERAIS

As línguas de sinais possuem formas diferentes para representar os numerais quando utilizados como cardinais, ordinais, quantidade, medida, idade, dias da semana ou mês, horas e valores monetários. Em LIBRAS possuem também a sua configuração específica. Segundo Strobel (1998, p. 37), “[...] a sinalização dos numerais depende da situação”.

Vejamos os numerais:

a) **cardinais**: até 10, representações diferentes para as quantidades e cardinais; a partir de 11 são idênticos.

### NÚMEROS

|   |   |  |
|---|---|--|
|  |  |  |
| <b>0</b>  | <b>1</b>  | <b>2</b>   |
|  |  |  |
| <b>3</b>  | <b>4</b>  | <b>5</b>   |

|   |   |   |
|---|---|---|
|  |  |  |
| <b>6</b>  | <b>7</b>  | <b>8</b>  |
|  |   |   |
| <b>9</b>  |   |   |

FIGURA 20 – NÚMEROS

FONTE: Disponível em: <[www.dicionarioliberal.com.br](http://www.dicionarioliberal.com.br)>. Acesso em 04 dez. 2008.

- b) **ordinais**: do primeiro até o nono têm a mesma forma dos cardinais, mas os ordinais possuem movimento, enquanto os cardinais não possuem. Os ordinais do 1º ao 4º têm movimentos para cima e para baixo e os ordinais, do 5º até o 9º, têm movimentos para os lados. A partir do numeral dez não há diferenças.

#### 4.1 EXPRESSÃO PARA O ANO SIDERAL

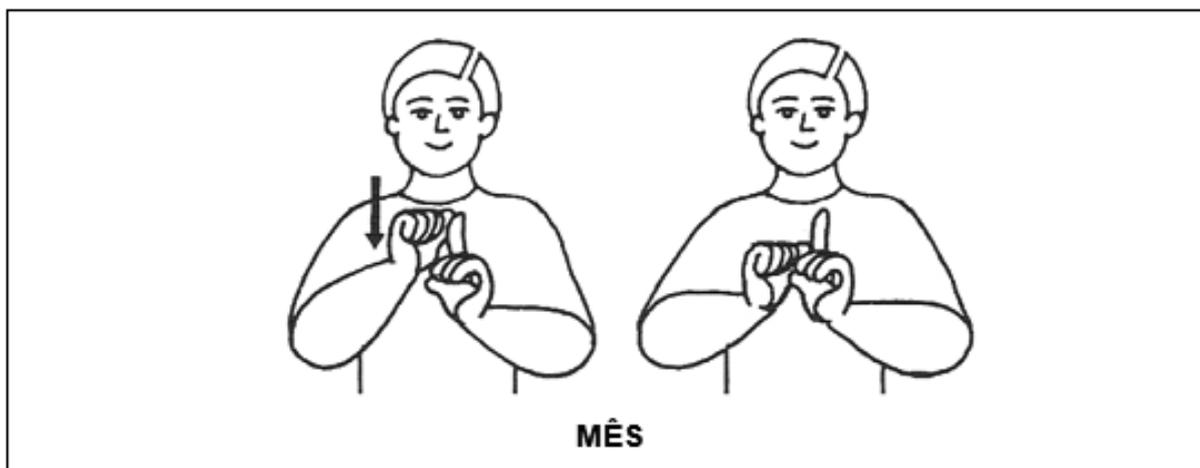
Na LIBRAS há dois sinais diferentes para a ideia “dia”: um sinal relacionado a dia do mês, que é a datilologia D-I-A, e o sinal DIA.



FIGURA 21 – SINAIS

FONTE: Capovilla; Raphael (2001)

Os numerais de 1 a 4 podem ser incorporados aos sinais DIA (duração), SEMANA, MÊS e ANO e VEZ. Exemplos:



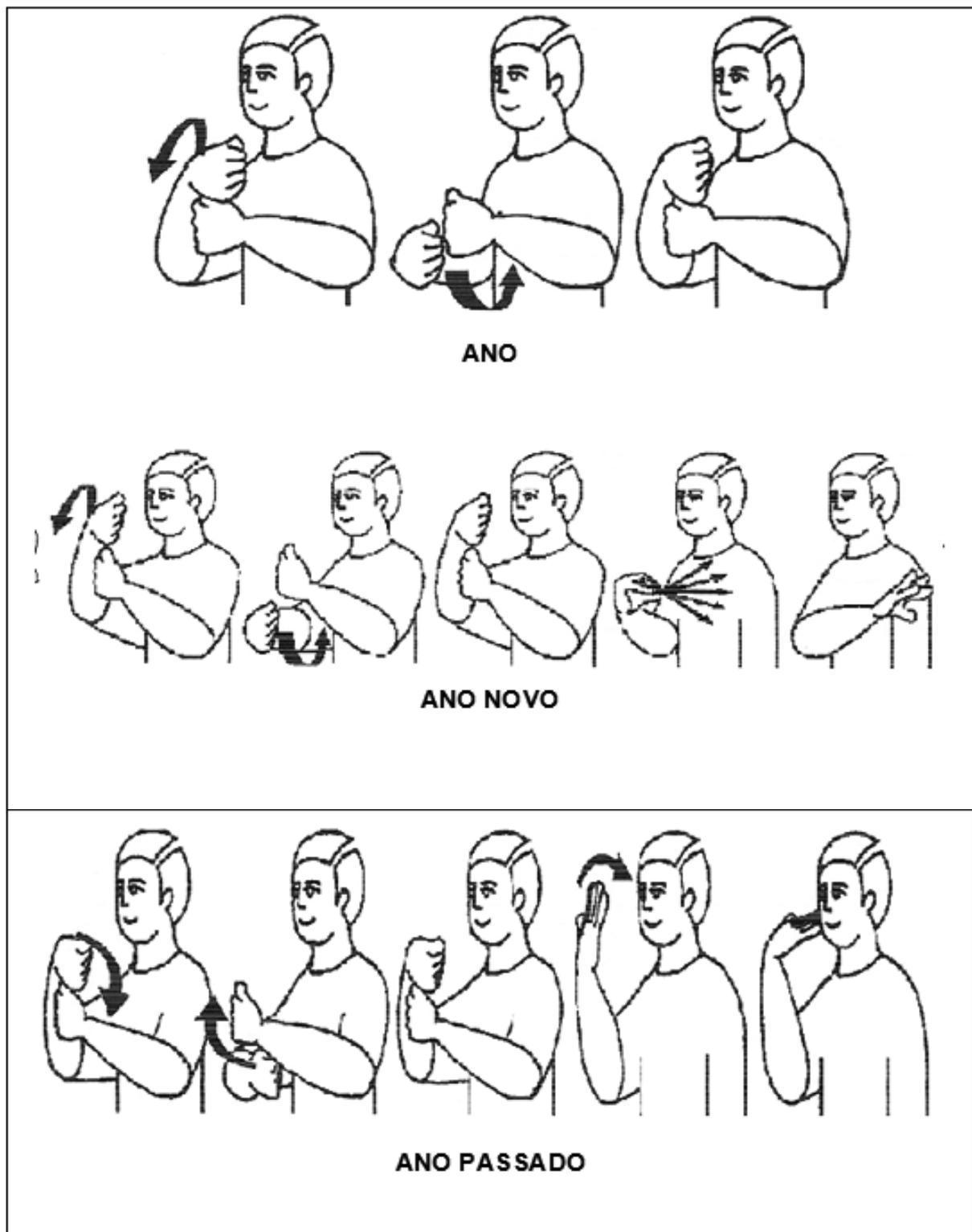


FIGURA 22 – SINAIS  
 FONTE: Capovilla; Raphael (2001)

A partir do numeral 5, não há mais incorporação e a construção utilizada é formada pelo sinal seguido do numeral segue. Esta construção também pode ser usada para os numerais inferiores a 5, que permitem a incorporação mencionada anteriormente. Exemplos:

Aos sinais DIA (duração) e SEMANA podem ser incorporadas a frequência ou duração através de um movimento prolongado ou repetido. Exemplos:

TODOS-OS-DIAS - movimento repetido;  
DIA-INTEIRO “o dia todo” - movimento alongado;  
TOD@-SEMANA 2ª-FEIRA “todas as segundas” - movimento alongado,  
TOD@-SEMANA 4ª -FEIRA “todas as quartas”.

## 4.2 VALORES MONETÁRIOS, PESOS E MEDIDAS

Quando se representam os valores monetários de um até nove reais, usa-se o sinal do numeral correspondente ao valor, incorporando a este o sinal VÍRGULA. Por isso o numeral para valor monetário terá pequenos movimentos rotativos.

Para valores de um mil até nove mil também há a incorporação do sinal VÍRGULA, mas aqui o movimento desta incorporação é mais alongado do que os valores anteriores (de 1 até nove reais). Podem ser usados também para estes valores anteriores os sinais dos numerais correspondentes seguidos de PONTO.

Para valores de um milhão para cima, usa-se também a incorporação do sinal VÍRGULA com o numeral correspondente, mas aqui o movimento rotativo é mais alongado do que em mil. Pode-se notar uma gradação tanto na expressão facial como neste movimento da vírgula incorporada que ficam maiores e mais acentuados: de 1 a 9 < de 1.000 a 9.000 < de 1.000.000 a 9.000.000.

Quando o valor é centavo, o sinal VÍRGULA vem depois do sinal ZERO, mas, na maioria das vezes, não precisa usar o sinal ZERO para centavo porque o contexto pode esclarecer e os valores para centavos ficam iguais aos numerais cardinais.



## RESUMO DO TÓPICO 2

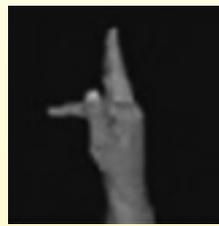
**Neste tópico você estudou que:**

- Datilologia é a utilização das mãos para soletrar o alfabeto, historicamente é considerada como um elemento de comunicação manual.
- O alfabeto manual é parte integrante da LIBRAS e tem a função de soletrar as palavras. Muitos objetos, palavras, lugares, situações etc. não possuem sinais ou a pessoa não conhece o sinal, sendo neste caso usado o alfabeto para sua nomeação.
- A Língua de Sinais possui formas diferentes para representar os numerais quando utilizados como cardinais, ordinais, quantidade, medida, idade, dias da semana ou mês, horas e valores monetários.



1 Volte em seu Caderno de Estudos e exercite o alfabeto manual e os numerais.

2 Agora que você já exercitou, responda qual é a letra e o número.



|   |   |   |
|---|---|---|
|    |    |    |
| _____   | _____   | _____   |
|    |    |    |
| _____   | _____   | _____   |
|  |  |  |
| _____   | _____   | _____   |

3 Identifique a frase a seguir.



\_\_\_\_\_

4 Agora procure fazer na datilologia o seu nome e o dos seus colegas.



## UNIDADE 2

### TÓPICO 3

#### ESTRUTURAÇÃO DE SENTENÇAS EM LIBRAS

##### 1 INTRODUÇÃO

Neste tópico abordaremos alguns componentes da estruturação da LIBRAS. Salientamos novamente que se faz necessário, além do estudo deste Caderno de Estudos, um aprofundamento de conteúdo para profissionais que desejam realmente adquirir essa língua e as questões aqui trabalhadas.

Todas as línguas possuem palavras que são classificadas em relação a seus aspectos morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos. Assim também acontece em LIBRAS. Não se pode esquecer que estamos estudando uma outra língua, que sua compreensão pode ser complexa, exigindo de nós um grande esforço para sua aprendizagem.

Para fundamentar teoricamente este tópico nos utilizamos das informações disponíveis no *site* da INES – [http://www.ines.gov.br/ines\\_livros/37/37\\_005.HTM](http://www.ines.gov.br/ines_livros/37/37_005.HTM) que trabalha as questões referentes às categorias gramaticais na LIBRAS.

##### 2 SISTEMA DE TRANSCRIÇÃO PARA LIBRAS

A Língua de Sinais tem características próprias, como já vimos. Como formas de divulgação e para sua aprendizagem, vem sendo utilizado o vídeo que possibilita que, mesmo à distância, possamos conhecer e exercitar os sinais.



O seu DVD traz vários sinais que exercitaremos...  
Vá se preparando...

Segundo Felipe (2001), a LIBRAS pode ser representada a partir das seguintes convenções:

1. os sinais da LIBRAS, para efeito de simplificação, serão representados por itens lexicais da língua portuguesa (LP) em letras maiúsculas. Exemplos: CASA, ESTUDAR, CRIANÇA etc.;
2. um sinal, que é traduzido por duas ou mais palavras em língua portuguesa, será representado pelas palavras correspondentes separadas por hífen. Exemplos: CORTAR-COM-FACA, QUERER-NÃO "não querer", MEIO-DIA, AINDA-NÃO etc.;
3. um sinal composto, formado por dois ou mais sinais, que será representado por duas ou mais palavras, mas com a ideia de uma única coisa, será separado pelo símbolo ^ . Exemplo: CAVALO^LISTRA "zebra";
4. a datilologia (alfabeto manual), que é usada para expressar nome de pessoas, de localidades e outras palavras que não possuem um sinal, está representada pela palavra separada, letra por letra por hífen.

Exemplos: J-O-Ã-O, A-N-E-S-T-E-S-I-A;

5. o sinal soletrado, ou seja, uma palavra da língua portuguesa que, por empréstimo, passou a pertencer à LIBRAS por ser expressa pelo alfabeto manual com uma incorporação de movimento próprio desta língua, está sendo representado pela datilologia do sinal em itálico.

Exemplos: *R-S* "reais", *A-C-H-O*, *QUM* "quem", *N-U-N-C-A* etc.;

6. na LIBRAS não há desinências para gêneros (masculino e feminino) e número (plural), o sinal, representado por palavra da língua portuguesa que possui estas marcas, está terminado com o símbolo @ para reforçar a ideia de ausência e não haver confusão. Exemplos: AMIG@ "amiga(s) e amigo(s)", FRI@ "fria(s) e frio(s)", MUIT@ "muita(s) e muito(s)", TOD@, "toda(s) e todo(s)", EL@ "ela(s), ele(s)", ME@ "minha(s) e meu(s)" etc.;
7. os traços não-manuais: expressões facial e corporal, que são feitas simultaneamente com um sinal, estão representados acima do sinal ao qual está acrescentando alguma ideia, que pode ser em relação ao:

- a) tipo de frase ou advérbio de modo: *interrogativa* ou...i... *negativa* ou ...neg... etc.

Para simplificação, serão utilizados, para a representação de frases nas formas exclamativas e interrogativas, os sinais de pontuação utilizados na escrita das línguas oral-

auditivas, ou seja: !, ? e ?!

b) advérbio de modo ou um intensificador: muito rapidamente exp.f "espantado" etc.;

|           |               |             |       |
|-----------|---------------|-------------|-------|
|           | interrogativa | exclamativo | muito |
| Exemplos: | NOME          | ADMIRAR     | LONGE |

8. os verbos que possuem concordância de gênero (pessoa, coisa, animal), através de classificadores, estão representados por tipo de classificador em subscrito.

Exemplos: <sub>pessoa</sub> ANDAR, <sub>veículo</sub> ANDAR, <sub>coisa-arredondada</sub> COLOCAR etc.;

9. os verbos que possuem concordância de lugar ou número-pessoal, através do movimento direcionado, estão representados pela palavra correspondente com uma letra em subscrito que indicará:

a) a variável para o lugar: i = ponto próximo à 1ª pessoa, j = ponto próximo à 2ª pessoa, e k' = pontos próximos à 3ª pessoa, e = esquerda, d = direita;

b) as pessoas gramaticais: <sub>1s, 2s, 3s</sub> = 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular;  
<sub>1d, 2d, 3d</sub> = 1ª, 2ª e 3ª pessoas do dual;  
<sub>1p, 2p, 3p</sub> = 1ª, 2ª e 3ª pessoas do plural;

Exemplos: <sub>1s</sub> DAR<sub>2s</sub> "eu dou para "você",  
<sub>2s</sub> PERGUNTAR<sub>3p</sub> "você pergunta para eles/elas",  
<sub>k</sub> dANDAR<sub>k'e</sub> "andar da direita (d) para à esquerda (e);

10. às vezes há uma marca de plural pela repetição do sinal. Esta marca será representada por uma cruz no lado direito acima do sinal que está sendo repetido:

Exemplo: GAROTA +

11. quando um sinal, que geralmente é feito somente com uma das mãos, ou dois sinais estão sendo feitos pelas duas mãos simultaneamente, serão representados um abaixo do outro com indicação das mãos: direita (md) e esquerda (me).

Exemplos: IGUAL (md) <sub>PESSO@-MUIT@</sub> ANDAR (me)  
 IGUAL (me) <sub>PESSOA</sub> EM-PÉ (md)

### 3 VERBOS

Basicamente na LIBRAS existem dois tipos de verbo:

a) verbos que não possuem marca de concordância, embora possam ter flexão para aspecto verbal, é como se eles fossem no infinitivo. Veja os exemplos:

EU TRABALHAR FENEIS “eu trabalho na FENEIS”;  
 EL@TRABALHAR FENEIS “ele/a trabalha na FENEIS”;  
 EL@ TRABALHAR FENEIS “eles/as trabalham na FENEIS.”

b) verbos que possuem marca de concordância. Esses verbos podem ser divididos em três subgrupos:

**b1) Verbos que possuem concordância número-pessoal:** a orientação marca as pessoas do discurso. O ponto inicial concorda com o sujeito e o final com o objeto. Exemplos:

PERGUNTAR “eu pergunto a você”;  
 PERGUNTAR “você me pergunta”.

**b2) Verbos que possuem concordância de gênero:** são verbos classificadores porque a eles está incorporada, através da configuração de mão, uma concordância de gênero: PESSOA, ANIMAL ou COISA. Exemplos:

ANDAR (configuração da mão em G);  
 ANDAR/MOVER (configuração da mão em 5 ou B, palma para baixo);  
 ANDAR (configuração da mão em 5 ou 5, palma para baixo).

**b3) Verbos que possuem concordância com a localização:** são verbos que começam ou terminam em um determinado lugar que se refere ao lugar de uma pessoa, coisa, animal ou veículo, que está sendo colocado, carregado etc. Portanto, o ponto de articulação marca a localização. Exemplos:

COPO MESA<sub>k</sub> coisa arredondada COLOCAR<sub>k</sub>;  
 CABEÇA<sub>k</sub> ATIRAR<sub>k</sub>.

Estes tipos de concordância podem coexistir em um mesmo verbo. Assim, há verbos que possuem concordância de gênero e localização, como o verbo COLOCAR acima; e concordância número-pessoal e de gênero, como o verbo DAR. Concluindo, pode-se esquematizar o sistema de concordância verbal, na LIBRAS, da seguinte maneira:

|                                    |                                   |
|------------------------------------|-----------------------------------|
| 1. concordância número-pessoal     | => parâmetro orientação           |
| 2. concordância de gênero e número | => parâmetro configuração de mão  |
| 3. concordância de lugar           | => parâmetro ponto de articulação |

#### 4 CLASSIFICADOR

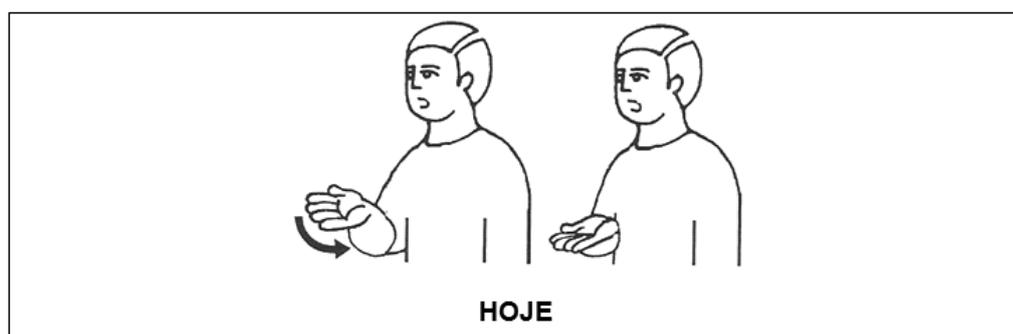
Nas línguas do mundo as classificações podem se manifestar de várias formas. Podem ser: uma desinência, como em português, que classifica os substantivos e os adjetivos em masculino e feminino: menina – menino; pode ser uma partícula que se coloca entre as palavras; e ainda pode ser uma desinência que se coloca no verbo para estabelecer concordância.

Um classificador é uma forma que existe em número restrito em uma língua e estabelece um tipo de concordância. Em LIBRAS, os classificadores são configurações de mãos que, relacionadas à coisa, pessoa e animal, funcionam como marcadores de concordância, ou seja, são formas que, substituindo o nome que as precedem, podem vir junto ao verbo para classificar o sujeito ou o objeto que está ligado à ação do verbo. Portanto, os classificadores na LIBRAS são marcadores de concordância de gênero: pessoa, animal, coisa.

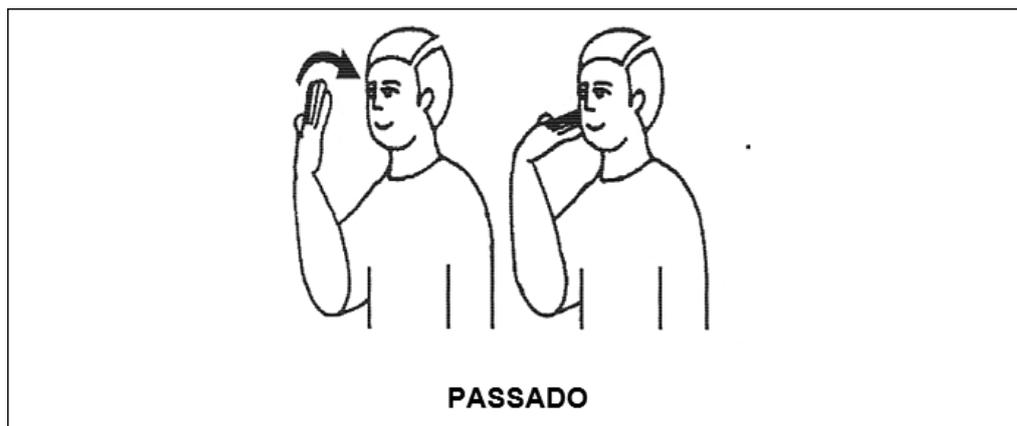
#### 5 ADVÉRBIOS DE TEMPO

Na LIBRAS não há marca de tempo nas formas verbais, é como se os verbos ficassem na frase quase sempre no infinitivo. O tempo é marcado sintaticamente através de advérbios de tempo que indicam se a ação está ocorrendo no presente: HOJE, AGORA; ocorreu no passado: ONTEM, ANTEONTEM; ou irá ocorrer no futuro: AMANHÃ. Por isso os advérbios geralmente vêm no começo da frase, mas podem ser usados também no final. Para um tempo verbal indefinido, usam-se os sinais:

- HOJE, que traz a ideia de “presente”;



- PASSADO, que traz a ideia de “passado”;



- FUTURO, que traz a ideia de futuro.

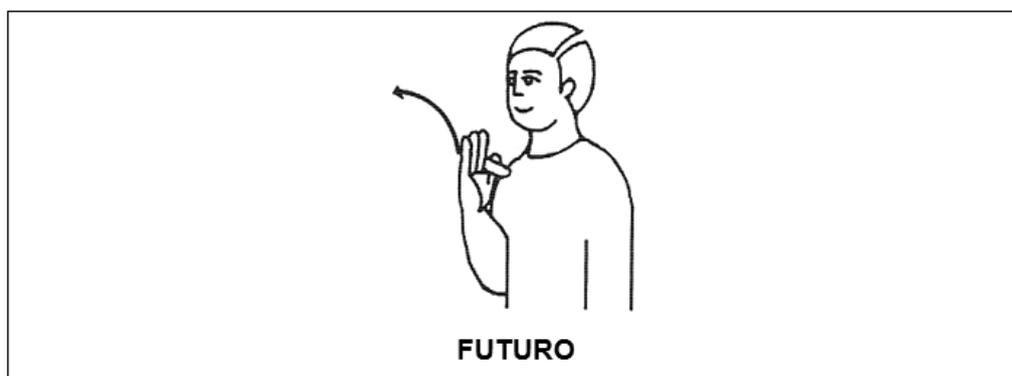


FIGURA 23 - TEMPO VERBAL  
FONTE: Capovilla; Raphael (2001)

## 6 ADJETIVOS

Os adjetivos são sinais que formam uma classe específica na LIBRAS e sempre estão na forma neutra, não havendo, portanto, nem marca para gênero (masculino e feminino), nem para número (singular e plural). Muitos adjetivos, por serem descritivos e classificadores, apresentam iconicamente uma qualidade do objeto, desenhando-a no ar ou mostrando-a a partir do objeto ou do corpo do emissor.

Em relação à colocação dos adjetivos na frase, eles geralmente vêm após o substantivo que qualifica. Exemplos:

LEÃ@ COR CORPO AMAREL@ PERIGOS@  
RAT@ PEQUEN@, COR PRET@, ESPERT@



Vamos dar uma parada e “refrescar a cabeça”... Que tal pegar uma pipoca e assistir a alguns filmes?... Escolha um entre a lista a seguir e divirta-se!

Filhos do Silêncio  
O Milagre de Anne Sullivan  
Meu adorável Professor  
Pontes do Silêncio  
A música e o silêncio

## 7 PRONOMES

### 7.1 PRONOMES PESSOAIS

A LIBRAS possui um sistema pronominal para representar as pessoas do discurso:

- primeira pessoa (singular, dual, trial, quatrial e plural): EU; NÓS-2, NÓS-3, NÓS-4, NÓS-GRUPO, NÓS-TOD@;



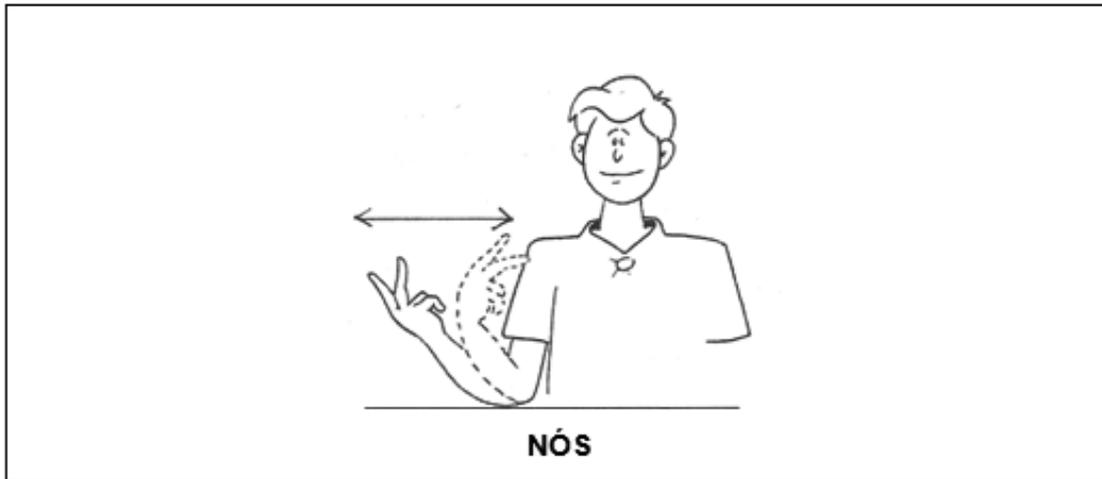


FIGURA 24 – SISTEMA PRONOMINAL  
 FONTE: Felipe (2001)

- segunda pessoa (singular, dual, trial, quatrial e plural): VOCÊ, VOCÊ-2, VOCÊ-3, VOCÊ-4, VOCÊ-GRUPO, VOCÊ-TOD@;



FIGURA 25 – SISTEMA PRONOMINAL  
 FONTE: Felipe (2001)

- terceira pessoa (singular, dual, trial, quatrial e plural): EL@, EL@-2, EL@-3, EL@-4, EL@-GRUPO, EL@-TOD@

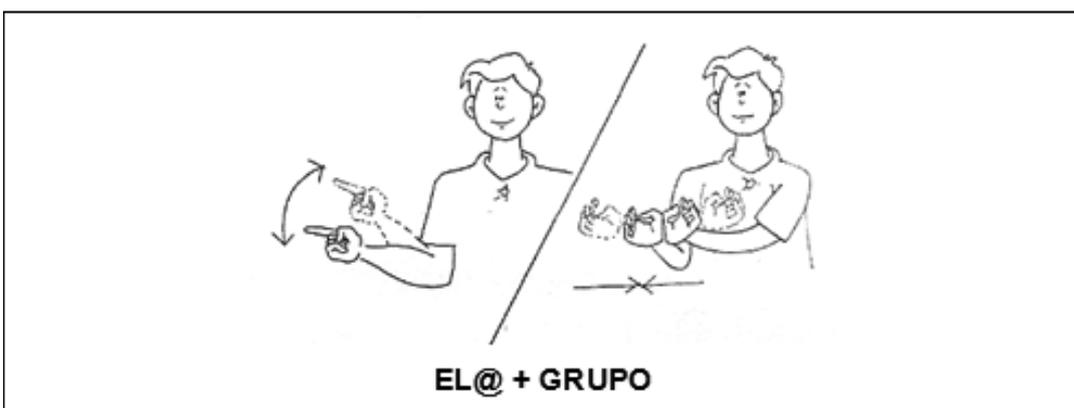
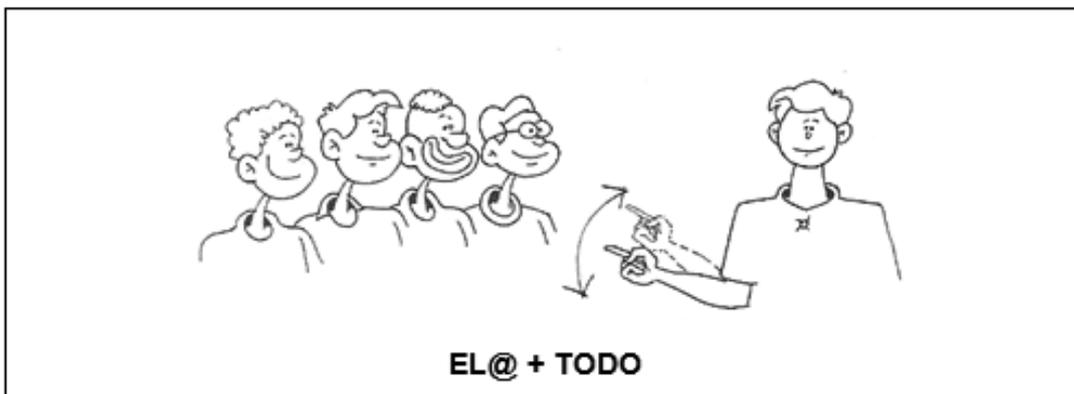
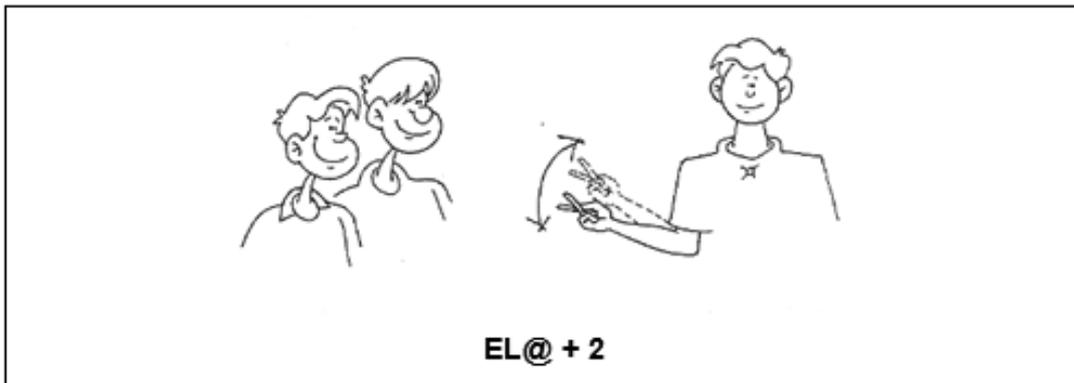
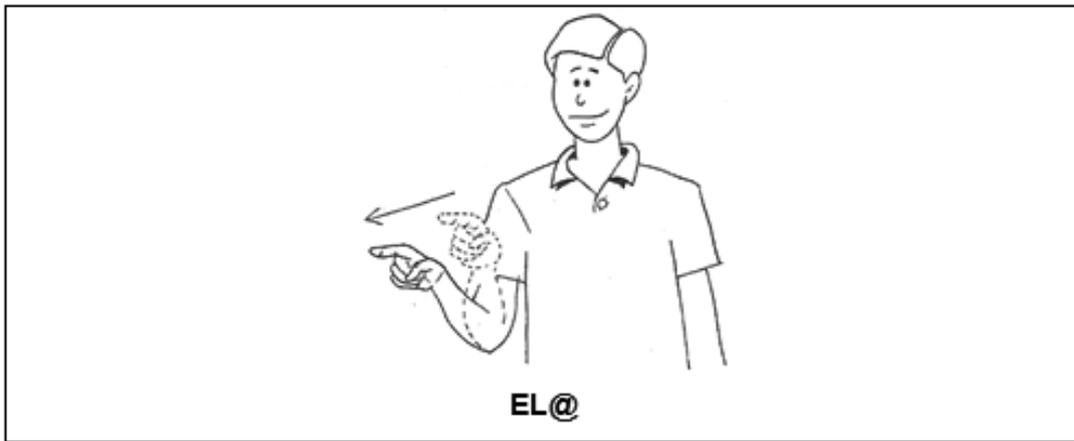


FIGURA 26 – SISTEMA PRONOMINAL

FONTE: Felipe (2001)



Tiago Saretto, na sua apostila: "Oficina de Multiplicadores de Interpretação da LIBRAS", nos diz que os pronomes pessoais em Língua Brasileira de Sinais normalmente são um "índice" (apontar). Explicando:

Ex.: 1ª pessoa singular (EU)  
 2ª pessoa singular (TU)  
 2ª pessoa dual (você dois)  
 2ª pessoa trial (você três)  
 2ª pessoa plural (NÓS)  
 3ª pessoa (apontar para outra pessoa)  
 3ª pessoa dual (apontar para mais duas pessoas)

FONTE: Disponível em: <[http://www.prefeituradejuina.com.br/documentos/admin/downloads/apostila\\_interpretacao\\_libras.pdf](http://www.prefeituradejuina.com.br/documentos/admin/downloads/apostila_interpretacao_libras.pdf)>. Acesso em 15 dez. 2008.

No singular, o sinal para todas as pessoas é o mesmo, ou seja, a configuração da mão predominante é em "d" (dedo indicador estendido, veja alfabeto manual), o que difere uma das outras é a orientação da mão: o sinal para "eu" é um apontar para o peito do emissor (a pessoa que está falando), o sinal para "você" é um apontar para o receptor (a pessoa com quem se fala) e o sinal para "ele/ela" é um apontar para uma pessoa que não está na conversa ou para um lugar convencionalizado para uma terceira pessoa que está sendo mencionada.

No dual, a mão ficará com o formato de dois, no trial o formato será de três, no quatrial o formato será de quatro e no plural há dois sinais: um sinal composto formado pelo sinal para a respectiva pessoa do discurso, no singular, mais o sinal GRUPO; e outro sinal para plural que é feito pela mão predominante com a configuração em "d" fazendo um círculo.



Quando se quer falar sobre uma terceira pessoa que está presente, mas deseja-se uma certa reserva, por educação, não se aponta para esta pessoa diretamente. Nesta situação, o emissor faz um sinal com os olhos e um leve movimento de cabeça para a direção da pessoa que está sendo mencionada, ou aponta para a palma da mão encontrando o dedo na mão um pouco à frente do peito do emissor, estando esta mão voltada para a direção onde se encontra a pessoa referida.

## 7.2 PRONOMES DEMONSTRATIVOS E ADVÉRBIOS DE LUGAR

Na LIBRAS os pronomes demonstrativos e os advérbios de lugar têm o mesmo sinal, somente o contexto os diferencia pelo sentido da frase acompanhada de expressão facial. Estes

tipos de pronome e de advérbio estão relacionados às pessoas do discurso e representam, na perspectiva do emissor, o que está bem próximo, perto e distante. Possuem a mesma configuração de mãos dos pronomes pessoais (mão em d), mas os pontos de articulação e as orientações do olhar são diferentes.

Assim, EST@ / AQUI é um apontar para o lugar perto e em frente do emissor, acompanhado de um olhar para este ponto; ESS@ / AÍ é um apontar para o lugar perto e em frente do receptor, acrescido de um olhar direcionado não para o receptor, mas para o ponto apontado perto da segunda pessoa do discurso; e AQUELE / LÁ é um apontar para um lugar mais distante, o lugar da terceira pessoa, mas diferentemente do pronome pessoal, ao apontar para este ponto há um olhar direcionado.

### 7.3 PRONOMES POSSESSIVOS

Os pronomes possessivos, como os pessoais e demonstrativos, também não possuem marca para gênero e estão relacionados às pessoas do discurso e não à coisa possuída, como acontece em português:

EU => ME@ SOBRINH@;

VOCÊ => TE@ ESPOS@;

EL@ => SE@.FILH@.

Para a primeira pessoa: ME@, pode haver duas configurações de mão: uma é a mão aberta com os dedos juntos, que bate levemente no peito do emissor; a outra é a configuração da mão em P com o dedo médio batendo no peito.

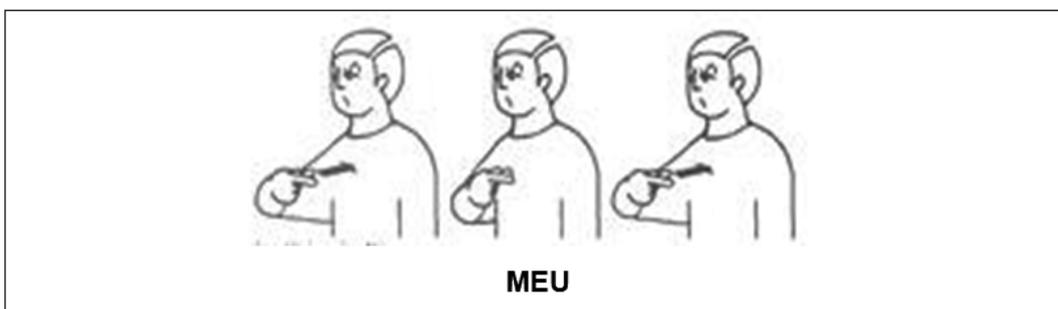


FIGURA 27 – PRONOMES POSSESSIVOS

FONTE: Capovilla; Raphael (2001)

Para as segunda e terceira pessoas, a mão tem esta segunda configuração em P, mas o movimento é em direção à pessoa referida: segunda ou terceira.

Não há sinal específico para os pronomes possessivos no dual, trial, quadrial e plural (grupo), nestas situações são usados os pronomes pessoais correspondentes.

Exemplo: NÓS FILH@ “nosso(a) filho(a)”.

## 7.4 PRONOMES INTERROGATIVOS

### 7.4.1 Que, quem, onde

Os pronomes interrogativos QUE e QUEM geralmente são usados no início da frase, mas o pronome interrogativo ONDE e o pronome QUEM, quando está sendo usado com o sentido de “quem-é” ou “de quem é” são mais usados no final. Todos os três sinais têm uma expressão facial interrogativa feita simultaneamente com eles.

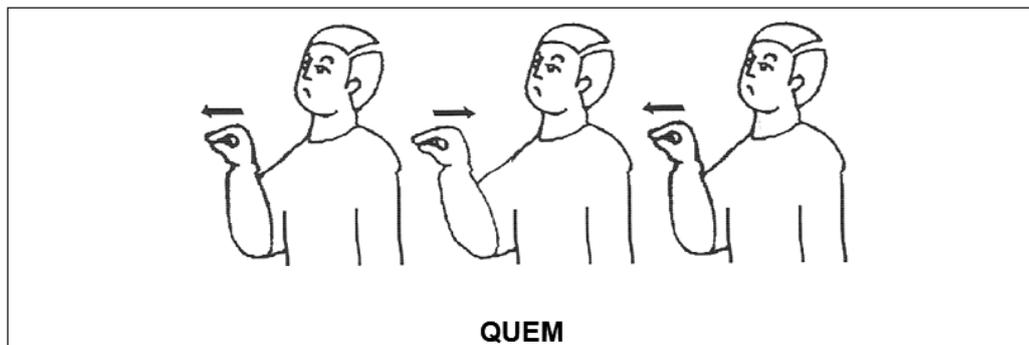
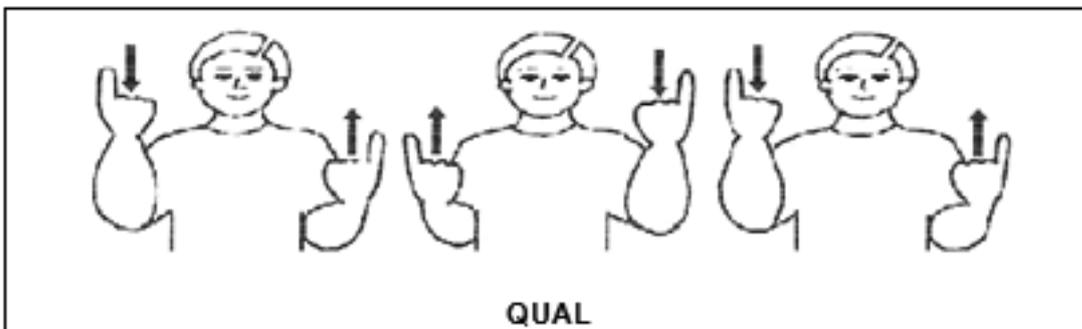


FIGURA 28 – PRONOMES INTERROGATIVOS  
FONTE: Capovilla; Raphael (2001)

### 7.4.2 Qual, como, para-que e por-que

Existe uma tendência para a utilização, no final da frase, dos pronomes interrogativos QUAL, COMO e PARA-QUE, e para a utilização, no início da frase, do pronome interrogativo POR-QUE, mas os primeiros podem ser usados também no início e POR-QUE pode ser utilizado também no final.

Não há diferença entre o “porquê” interrogativo (por que) e o “porquê” explicativo (porque), o contexto mostra, pelas expressões facial e corporal, quando ele está sendo usado em frase interrogativa ou em frase explicativa à pergunta.



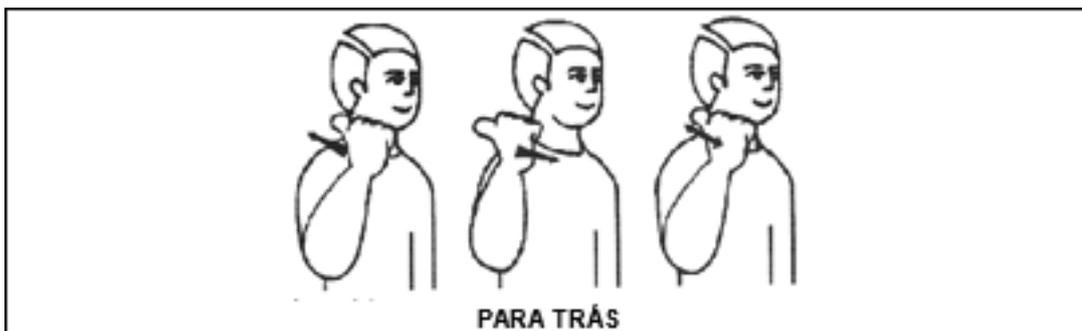


FIGURA 29 – PRONOMES INTERROGATIVOS  
 FONTE: Capovilla; Raphael (2001)

### 7.4.3 Quando, dia, que-hora, quantas-horas

#### Quando e dia

Sempre simultaneamente aos pronomes ou expressões interrogativas, há uma expressão facial indicando que a frase está na forma interrogativa.

A pergunta com QUANDO está relacionada a um advérbio de tempo na resposta ou a um dia específico. Por isso há três sinais diferentes para “quando”. Um que especifica passado: QUANDO-PASSADO (palma da mão com um movimento para o corpo do emissor), outro que especifica futuro: QUANDO-FUTURO (palma da mão com um movimento para fora do corpo do emissor), e outro que especifica o dia: DIA.

#### Que-horas e quantas-horas

Na LIBRAS, para se referir a horas, usa-se a mesma configuração dos numerais para quantidade e, após doze horas, não se continua a contagem, começa-se a contar novamente: 1 HORA, 2 HORA, 3 HORA etc., acrescentando o sinal TARDE, quando necessário, porque geralmente pelo contexto já se sabe se está se referindo à manhã, tarde, noite ou madrugada.

A expressão interrogativa QUE-HORAS? (um apontar para o pulso) está relacionada ao tempo cronológico.

Já a expressão interrogativa QUANTAS-HORAS (um círculo ao redor do rosto) está sempre relacionada ao tempo gasto para se realizar alguma atividade.

## 7.5 PRONOMES INDEFINIDOS

Os pronomes indefinidos NINGUÉM (1) e (3) são usados somente para pessoa, já o pronome NINGUÉM, identificado com o número (2), pode ser utilizado para pessoa, animais e coisas. NENHUM / NADA é utilizado para pessoa, animais e coisas apresentando o sentido de “ não – ter”. Como reforço de uma frase negativa e vindo geralmente após o NADA, pode-se utilizar o pronome NENHUM – POUQUINHO. A expressão “de nada” é usada como resposta para um agradecimento.

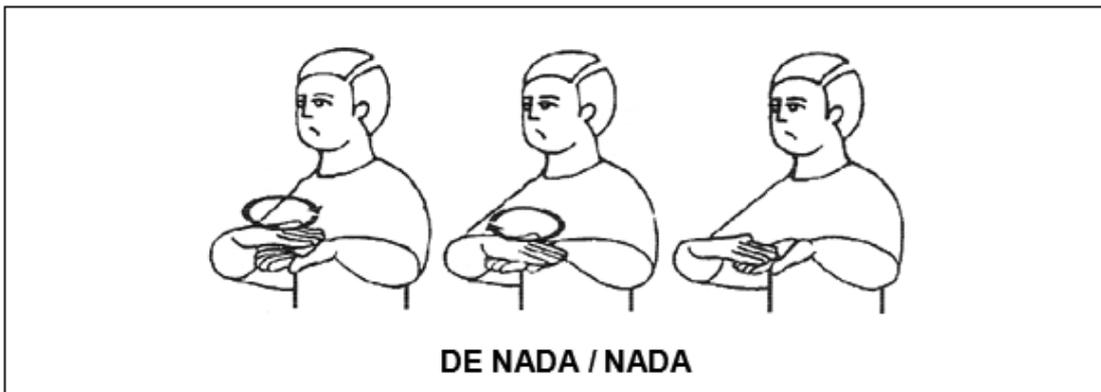
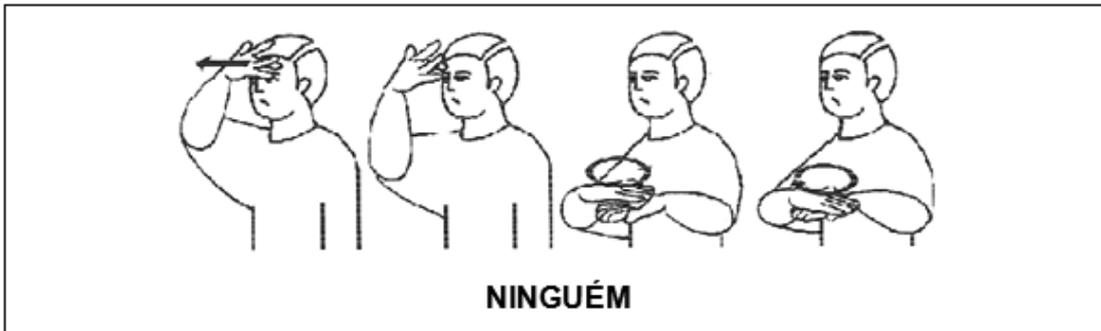




FIGURA 30 – PRONOMES INDEFINIDOS  
 FONTE: Capovilla; Raphael (2001)



Para um maior aprofundamento no assunto, leia o livro **Ensino de Língua Portuguesa para Surdos**: caminhos para a prática pedagógica, v. 2, das autoras Heloisa M.M.L.Salles; Enilde Faulstich; Orlene L. Carvalho e Ana A. L. Ramos, integrante do Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, Brasília, 2004.

## LEITURA COMPLEMENTAR

### O INÍCIO DA ESCOLARIZAÇÃO

Uma das maiores angústias vividas pelos pais de crianças surdas é o encaminhamento de sua escolaridade. A rigor, desconhecem seus direitos e não possuem, portanto, argumentos quando uma porta escolar lhes é fechada. A lei é bastante clara ao afirmar que toda criança tem direito à escola, mesmo as que possuem necessidades educativas especiais, como é o caso dos portadores de deficiência auditiva. Muitas são as histórias de pais que escondem seus filhos em casa, por vergonha ou desespero; muitos desconhecem as instituições especializadas ou não, públicas e particulares que podem atender a crianças especiais. Cabe aos governantes a responsabilidade de divulgar as ofertas educativas existentes, facilitando aos pais a busca de serviços especializados.

Nas escolas especiais ela tem a possibilidade de conviver com pessoas com as mesmas questões; nas escolas comuns ela estará inserida junto às crianças diferentes. É fundamental, em ambos os casos, o envolvimento familiar. Seja qual for a escolha, a família deverá estar atuando na base de sustentação de sua escolaridade e sociabilidade.

Os serviços educacionais iniciam-se pela Educação Infantil, no programa de estimulação precoce e na pré-escola.

### ***O Papel da Família no Início da Escolarização***

Nesta etapa compete aos pais possibilitar à criança surda:

- **Segurança:** A aceitação da criança pelos pais e familiares e a crença nas suas potencialidades fazem com que ela se sinta segura e adquira maior confiança em si mesma e se aceite melhor, procurando autossuficiência e emancipação, mesmo quando estiver na escola, longe de casa.
- **Carinho:** Tão importante quanto a necessidade de segurança é a necessidade de carinho que, quando suprida, possibilita o desenvolvimento da capacidade de contato afetivo adequado com outras pessoas e o estabelecimento de comunicação.
- **Comunicação:** Desde o nascimento, os pais devem estabelecer comunicação com seu filho surdo, como o fazem com os demais filhos ouvintes, sem se deixar bloquear pela surdez. Os pais devem conversar com ele a respeito do que está acontecendo e do que vai acontecer, cuidando, porém, para que a criança fique atenta a quem está conversando com ela. Portanto, a família é um elemento facilitador do processo de desenvolvimento da comunicação do surdo.

L  
Í  
N  
G  
U  
A  
A  
Os pais, bem orientados pelos serviços educacionais, sabem que precisam desenvolver a linguagem de seu filho, ou seja, sabem que as crianças, mesmo surdas, já nascem com capacidade para expressar o que quiserem, por meio do corpo, principalmente dos gestos, e até por meio das palavras.

B  
R  
A  
S  
I  
L  
E  
I  
R  
A  
D  
E  
A família passa então a agir normalmente com a criança surda: comunicando-se com ela o tempo todo, como uma mãe o faz com seu bebê ouvinte, antes de ele aprender a falar; fazendo perguntas, e respondendo por ela, nos primeiros meses de vida; cantando para ela; contando histórias infantis, contando fatos acontecidos e que estão acontecendo. Essas atividades, sempre que possível, são realizadas com o bebê no colo, porque a criança percebe a vibração do corpo de quem está se comunicando com ela.

S  
I  
N  
A  
I  
S  
-  
L  
I  
B  
R  
A  
S  
Os pais facilitam o desenvolvimento da comunicação do e com o filho surdo quando: conduzem a criança a olhar para eles, enquanto estão falando; fazem a criança sentir como são as vibrações produzidas pelos sons emitidos pelos pais e por ela mesma; colocam as mãos da criança sobre o seu nariz, bochechas, garganta e no tórax, enquanto falam, para que ela perceba com as mãos os movimentos decorrentes da fala e as vibrações produzidas pelos sons; falam com movimentos labiais bem definidos, a fim de que ela compreenda o que estão dizendo, pela observação dos lábios; usam expressões faciais, movimentos do corpo,

das mãos, gestos naturais (e até convencionais, conforme a metodologia adotada) para tornar mais clara a mensagem que estão transmitindo; expressam, no rosto, os sentimentos de dor, alegria, surpresa, enquanto estão falando; falam exclusivamente a respeito da situação em que estão vivendo ou dos objetos que estão mostrando; falam naturalmente, com voz normal, num nível moderado de velocidade, sobre o que estão fazendo no momento: da alimentação; do banho; das brincadeiras; de levantar, deitar etc. Usam palavras simples, familiares, do cotidiano; usam frases curtas, simples e completas; solicitam à criança respostas às suas perguntas; estimulam a criança a emitir qualquer som, pedaço de palavra (sílabas tônicas) como resposta às suas perguntas; dão as mesmas ordens, no dia a dia, ajudando a criança a executá-las, num primeiro momento; parabenizam a criança quando tenta emitir palavras novas e/ou corretamente; corrigem a fala distorcida, devolvendo o modelo correto; estimulam a criança a utilizar o desenho como meio de expressão; utilizam a língua de sinais.

### ***Desenvolvimento Psicossocial:***

Os pais, ajudados também pelos professores, devem educar a criança para que tenha um comportamento socialmente adequado, incluindo noções de higiene, de moral e de religião.

Durante os dois primeiros anos, devido às limitações naturais do ser humano, os pais precisam dispensar toda uma série de cuidados necessários ao bom desenvolvimento da criança, que por isso sente-se o “centro do universo”.

À medida que a criança vai adquirindo mais recursos, espera-se que os cuidados dos pais sejam diminuídos, gradualmente, o que dará lugar à caminhada da criança para a autonomia.

Verifica-se que no caso do surdo existe uma forte tendência dos pais em manter esses cuidados nas etapas posteriores. Isso vai provocar uma forma de distorção, pois a característica egocêntrica será transformada em egoísmo.

O egoísmo aparece, porque a criança se acostuma a receber tudo e entende que isso é obrigação dos outros, passando inclusive a cobrar da família esse tipo de atenção. Surge, então, um juízo de valor: “só serve, só é bom o que me agrada”.

Esse juízo de valor pode acompanhar o surdo ao longo de seu desenvolvimento até provocar outras formas de distorção, como a dificuldade em aceitar limites e respeitar normas.

A expectativa dos pais é também fator importante para o desenvolvimento emocional do filho.

A criança certamente procurará corresponder à expectativa das pessoas que admira. Acreditar em sua capacidade é fundamental.

Educar é tarefa importante e difícil e não há receita que ensine como se relacionar com um filho portador de deficiência auditiva. Porém, algumas atitudes apresentam resultados positivos, quais sejam: vê-lo como uma “criança normal”, embora não ouça e necessite de uma atenção particular; acreditar nas capacidades do filho surdo; procurar facilitar-lhe a percepção e compreensão global das situações que ocorrem no ambiente, mantendo-o informado do que está se passando; dar o exemplo é a forma mais segura para a criança surda entender as regras sociais, pois ela aprende com o que vê e não com o que ouve; contribuir sempre para aumentar a autonomia e a segurança do filho surdo, a fim de que tenha mais facilidade para enfrentar o mundo com sua capacidade e seus recursos pessoais, porque não terá os pais por perto o tempo todo, disponíveis para resolver suas dificuldades; estabelecer limites e regras claras, objetivas, adequadas e dosadas.

### **Integração:**

As crianças surdas têm direito a participar da vida familiar, de uma escola comum e da comunidade, mesmo que em cada um desses momentos mereçam uma atenção diferenciada às suas necessidades especiais.

Integração é um processo dinâmico que possibilita ao surdo interagir, conviver e comunicar-se com outras pessoas. Essa integração pressupõe atitudes de cooperação e reciprocidade e evolui de acordo com as tendências internacionais e nacionais. O processo de integração se baseia no princípio de “normalização”, que significa “oferecer aos portadores de necessidades especiais modos e condições de vida diária o mais semelhantes possível às formas e condições de vida do resto da sociedade” (Política Nacional de Educação Especial/ MEC, 1994).

Esse processo ocorre nos seguintes contextos relacionais: *na família, na escola, no trabalho, na sociedade*. O processo de integração social é contínuo e torna-se mensurável à medida que o surdo conscientiza-se de seu papel de cidadão com pleno direito à escolha de vida pública e privada.

O princípio constitucional que diz que “toda criança tem direito à educação” é válido também para crianças surdas. Por isso, é dever da família, da sociedade e do Estado oferecer as condições necessárias para que todas possam percorrer as etapas que constituem os diferentes níveis de ensino: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação Superior.

A continuidade da escolarização visa oferecer à criança surda as mesmas chances que são oferecidas às outras crianças no que diz respeito ao exercício efetivo de sua cidadania, para que possa se desenvolver como pessoa, adquirir meios culturais para se posicionar na comunidade e para adquirir habilidades para o seu entrosamento eficiente e produtivo na sociedade.

FONTE: Disponível em: <[http://www.ines.gov.br/ines\\_livros/9/9\\_002.HTM](http://www.ines.gov.br/ines_livros/9/9_002.HTM)>. Acesso em: 04 dez. 2008.



### RESUMO DO TÓPICO 3

**Neste tópico você estudou que:**

- Basicamente, na LIBRAS, existem dois tipos de verbo: verbos que não possuem marca de concordância e os que possuem marca de concordância. Este último grupo se divide em três subgrupos: verbos que possuem concordância número-pessoal, verbos que possuem concordância de gênero e verbos que possuem concordância com a localização.
- Em LIBRAS, os classificadores são configurações de mãos que, relacionadas à coisa, pessoa e animal, funcionam como marcadores de concordância, ou seja, são formas que, substituindo o nome que as precedem, podem vir junto ao verbo para classificar o sujeito ou o objeto que está ligado à ação do verbo.
- Na LIBRAS não há marca de tempo nas formas verbais, é como se os verbos ficassem na frase quase sempre no infinitivo.
- Os adjetivos são sinais que formam uma classe específica na LIBRAS e sempre estão na forma neutra, não havendo, portanto, nem marca para gênero (masculino e feminino), nem para número (singular e plural).
- Os pronomes em LIBRAS: pronomes pessoais, pronomes demonstrativos e advérbios de lugar, pronomes possessivos, pronomes interrogativos (QUE, QUEM, ONDE, QUAL, COMO, PARA-QUE, POR-QUE, QUANDO, DIA, QUE-HORA, QUANTAS-HORAS).
- É fundamental o envolvimento familiar na educação da criança surda. Seja qual for a escolha, a família deverá estar atuando na base de sustentação de sua escolaridade e sociabilidade



- 1 Quais os dois tipos existentes de verbos em LIBRAS?
- 2 Complete a tabela fazendo um resumo dos subgrupos existentes nos verbos que possuem marca de concordância.

| Concordância número-pessoal | Concordância de gênero | Concordância com a localização |
|-----------------------------|------------------------|--------------------------------|
|                             |                        |                                |

- 3 O que são os classificadores em LIBRAS?
- 4 Destaque as principais características dos advérbios, e dos objetivos.
- 5 Em relação aos PRONOMES, pontue os aspectos principais:

| Pessoais | Demonstrativos e advérbios de lugar | Possessivos | Pronomes Interrogativos |
|----------|-------------------------------------|-------------|-------------------------|
|          |                                     |             |                         |



Prezado(a) acadêmico(a), agora que chegamos ao final da Unidade 2, você deverá fazer a Avaliação Somativa referente a esta unidade.

## UNIDADE 3

# ATIVIDADES EDUCATIVAS: POSSIBILIDADES DE AÇÃO DOCENTE NO ENSINO DOS SURDOS



### OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

A partir desta unidade você será capaz de:

- visualizar procedimentos para a realização de atividades pedagógicas;
- conhecer alguns dos sinais mais utilizados na Língua de Sinais Brasileira.

### PLANO DE ESTUDOS

Esta unidade possui três tópicos. Você encontrará, em cada um deles, atividades que contribuirão para a compreensão dos conteúdos explorados.

**TÓPICO 1 – ATIVIDADES EDUCATIVAS**

**TÓPICO 2 – ATIVIDADES EDUCATIVAS – MATEMÁTICA  
E LÍNGUA PORTUGUESA**

**TÓPICO 3 – JOGOS**

L  
Í  
N  
G  
U  
A  
  
B  
R  
A  
S  
I  
L  
E  
I  
R  
A  
  
D  
E  
  
S  
I  
N  
A  
I  
S  
-  
L  
I  
B  
R  
A  
S

## UNIDADE 3

### TÓPICO 1

#### ATIVIDADES EDUCATIVAS

#### 1 INTRODUÇÃO

Nesta unidade buscamos levar até você um rol de atividades educativas que podem servir como exemplo de atividades a serem trabalhadas com os alunos surdos e também ouvintes. As atividades selecionadas não devem ser vistas como modelos prontos e acabados, mas sim sugestões. Ao final desta unidade você encontrará também uma seleção de sinais realizada por nós, contendo o que acreditamos serem os sinais mais usados e de fundamental importância para o primeiro contato com a Língua de Sinais. Não se esqueça da regionalização dos sinais. Os sinais aqui destacados podem, em outra região do país, ser realizados de forma diferenciada.

Quando trabalhamos com os surdos, devemos levar em consideração alguns aspectos que são fundamentais na ação docente, pois a compreensão da prática pedagógica desenvolvida pelo(a) professor(a) pode contribuir significativamente no processo de ensino-aprendizagem do aluno surdo.

#### 2 AÇÕES NO TRABALHO COM O SURDO

Devemos estar atentos a algumas ações que realizamos quando estamos em contato com os surdos, pois elas podem facilitar o nosso processo de comunicação, lembrando que para uma boa comunicação com o surdo o contato visual deve ser claro e apropriado. Veremos algumas dicas importantes:

- Ao falar com o surdo devemos falar de frente e usar frases curtas.
- Usar tom de voz normal e articulando bem as palavras, não usando muitos gestos e nem qualquer objeto na boca. Não adianta falar mais alto, ele não escutará você mesmo assim.

- Ser expressivo, demonstrar seus sentimentos, não cutucar, bater, puxar, mas, sim, tocar delicadamente a pessoa.
- Ao mudar de assunto, avisar, pois os sinais se constituem dentro de um contexto; se não avisarmos que mudamos de assunto, o contexto ficará trocado.
- Caso perceba que a comunicação não esteja sendo compreendida, use outra forma de comunicação; a escrita, o desenho e objetos são importantes.
- Solicitar dos pais a participação, usar a escrita como forma de passar as informações.
- Colocar no grupo de trabalho pessoas que tenham disponibilidade e paciência.
- No mínimo, aprender alguns sinais básicos da LIBRAS.
- Dependendo da situação, podemos dar leves batidas no chão ou fazer piscar a luz.

Você, enquanto educador, deve trabalhar com sua criatividade levando em conta o nível e habilidades das crianças com as quais você já trabalha ou irá trabalhar. Não podemos cruzar os braços, temos, sim, que buscar o aperfeiçoamento. Numa época de constante desenvolvimento e a tecnologia avançando a cada segundo, é necessário acompanhar a evolução, buscar recursos, novas metodologias, criar espaço especificado para as diferentes disciplinas, possibilitando a facilitação e a integração de todos.

Rodrigues (2008) alerta para o fato de que o trabalho com os surdos exige um ensino baseado na visão e não na audição. Ao trabalhar com o surdo, devemos usar materiais com visual, ter disponibilidade e acreditar que o surdo tem capacidade de se comunicar, aceitar sua escrita e lembrar que ele somente tem dificuldades no comunicar, mas possui capacidade e vontade de aprender.

Brasil (2002, p. 50) apresenta uma relação de materiais didáticos, selecionados entre tantos outros existentes. Alguns são comercializados, outros, distribuídos gratuitamente:

- vídeos de poesias, histórias infantis, fábulas de Esopo (sinalização) e números em LSB, produzidos pela LSB vídeo e produções;
- Vídeos produzidos pelo INES: Histórias Infantis em Língua de Sinais: Introdução às operações matemáticas; o verbo em português e em Libras; Hino Nacional;
- CD-ROM Coleção Clássicos da Literatura em Libras/Português, volume I (Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carroll), editado por Clélia Regina Ramos, Editora Arara Azul;

- material distribuído pelo MEC – Comunicar – proposta de adequação curricular para alunos com necessidades especiais: vídeo I: dicionário visual Libras; vídeo II – parte 1: formulação de frases em Libras; parte 2: pidgin; vídeo III – instalações dos fonemas e aquisição de fala;
- vídeo: Prevenção de HIV – AIDS/DST para pessoas surdas – produção AJA, com recursos do Projeto UNESCO. [www.aja.org.br/aids](http://www.aja.org.br/aids);
- vídeo: A ilha dos sonhos (filme legendado – conteúdos de geografia e matemática), disponíveis nas Edições Paulinas;
- 17 programas infantis da série Vejo Vozes, veiculados e produzidos na TV Cultura;
- livros diversos de Libras, entre os quais: *LIBRAS em Contexto*, distribuído pelo MEC e comercializado pela FENEIS;
- dicionário de Libras:
  - CAPOVILLA, F. C; RAPHAEL, W.D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**. São Paulo, SP: Edusp, FAPESP, Fundação Vitae, Feneis, Brasil Telecom, 2001.
  - Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais, desenvolvido pelo Programa ACESSA São Paulo, produzido em CD-ROM, com oito mil palavras, três mil vídeos, 4,5 mil sinônimos e cerca de 3,5 mil imagens.



## RESUMO DO TÓPICO 1

**Neste tópico você estudou que:**

- Quando trabalhamos com os surdos, devemos levar em consideração alguns aspectos que são fundamentais na ação docente.
- Devemos estar atentos a algumas ações que realizamos quando estamos em contato com os surdos, pois elas podem facilitar o nosso processo de comunicação.
- Para uma boa comunicação com o surdo, o contato visual deve ser claro e apropriado.
- Você, enquanto educador, deve trabalhar com sua criatividade, levando em conta o nível e habilidades das crianças com as quais você já trabalha ou irá trabalhar.
- É necessário acompanhar a evolução, buscar recursos, novas metodologias, criar espaço especificado para as diferentes disciplinas, possibilitando a facilitação e a integração de todos.
- O trabalho com os surdos exige um ensino baseado na visão e não na audição.



Neste capítulo as autoatividades serão realizadas com o auxílio do DVD. Portanto, pegue o seu DVD e exercite os sinais.



## UNIDADE 3

### TÓPICO 2

#### ATIVIDADES EDUCATIVAS – MATEMÁTICA E LÍNGUA PORTUGUESA

#### 1 INTRODUÇÃO

Neste tópico apresentamos a você alguns modelos de atividades que podem ser trabalhadas com alunos surdos e ouvintes iniciantes na Língua de Sinais.

#### 2 ATIVIDADES DIVERSAS

##### VAMOS PESQUISAR ONDE USAMOS OS NÚMEROS?

MEU ENDEREÇO: \_\_\_\_\_



NÚMERO DO MEU TELEFONE: \_\_\_\_\_



MINHA IDADE: \_\_\_\_\_



DATA DO MEU NASCIMENTO: \_\_\_\_\_



NÚMERO DA MINHA ROUPA: \_\_\_\_\_



NÚMERO DO MEU SAPATO: \_\_\_\_\_



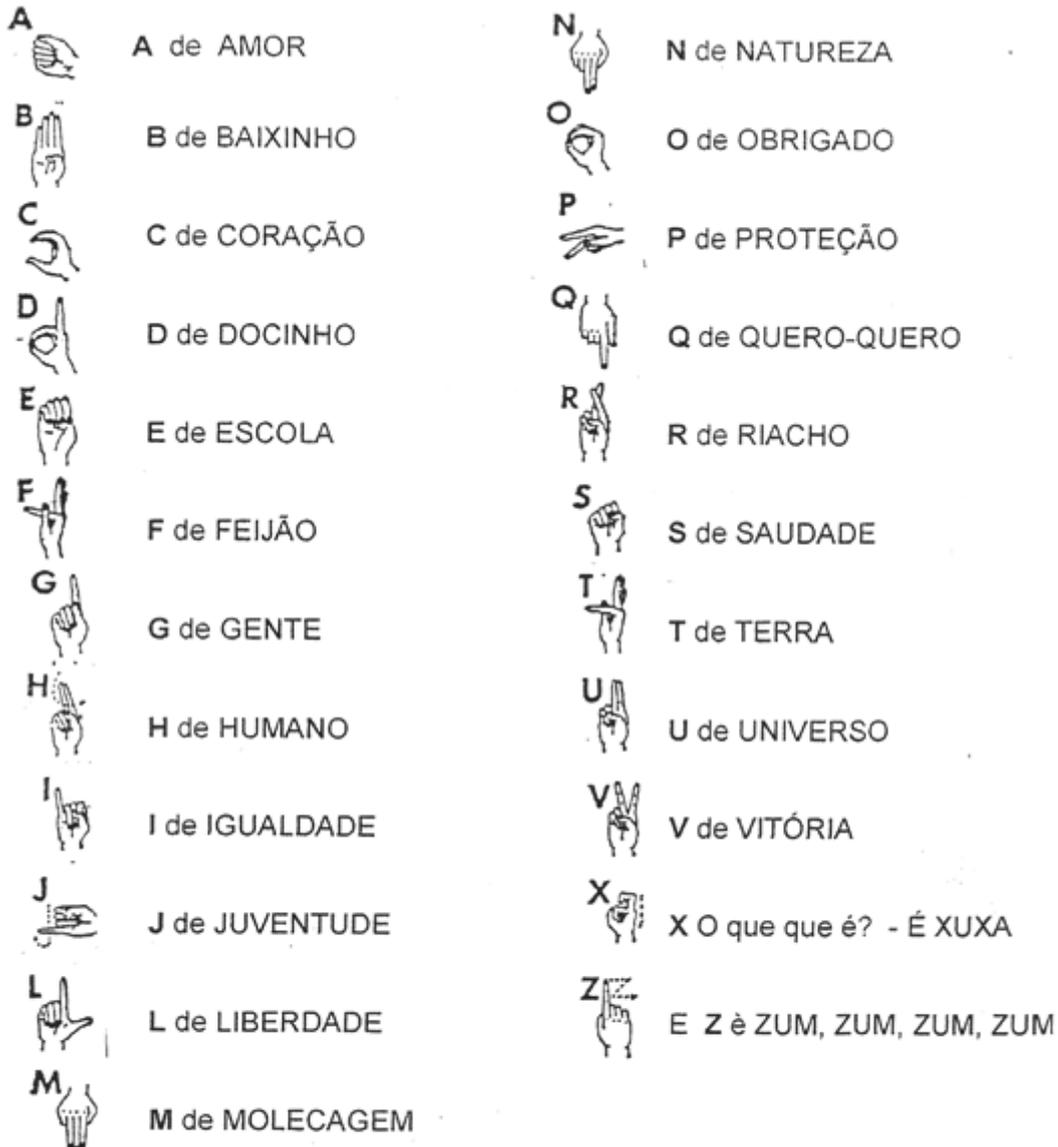
MEU PESO: \_\_\_\_\_



OBJETIVO: APRESENTAR A FUNÇÃO SOCIAL DOS NÚMEROS.

FIGURA 31 – NÚMEROS

FONTE: SED; FCEE [2003?]



VAMOS CANTAR  
VAMOS BRINCAR  
ALEGRIA PRA VALER  
O ABECEDÁRIO DA XUXA,  
VAMOS APRENDER.

FIGURA 32 – MÚSICA

FONTE: SED; FCEE [2003?]

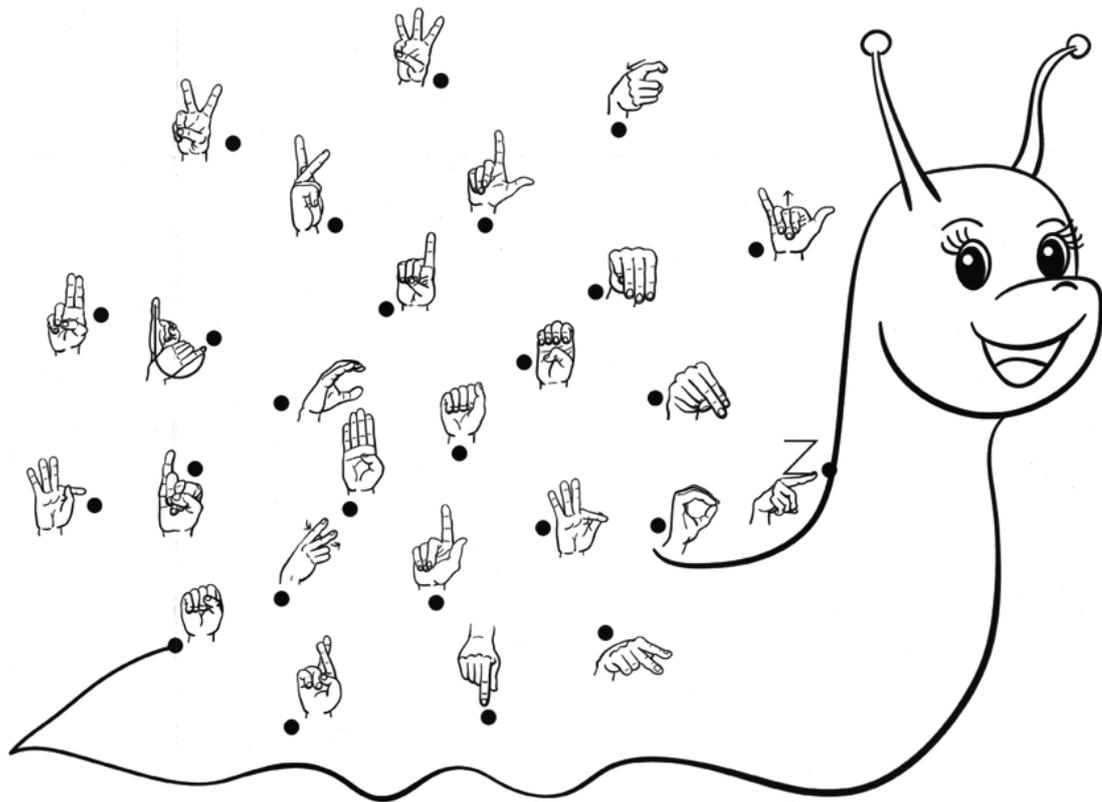


FIGURA 33 – CARACOL  
 FONTE: SED; FCEE [2003?]

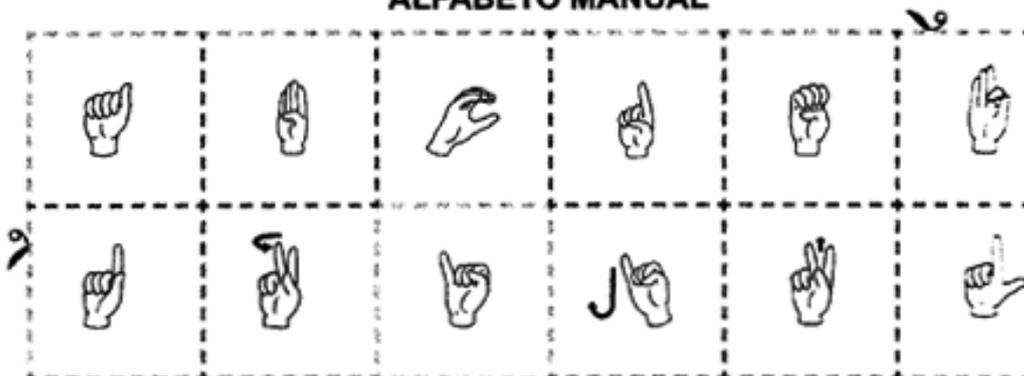
**JOGO DA MEMÓRIA – ALFABETO  
 MANUAL E ALFABETO PORTUGUÊS**

**VAMOS BRINCAR? RECORTE E COLE  
 O ALFABETO (PÁG. 41) EM UMA CARTOLINA.**

**COMO JOGAR:**

- COLOQUE AS LETRAS VIRADAS PARA BAIXO;
- JOGUE INDIVIDUALMENTE OU EM GRUPO;
- CADA ALUNO DEVE LOCALIZAR OS PARES;
- QUANDO ENCONTRAR, PEGA AS CARTAS PARA SI;
- GANHA QUEM CONSEGUIR UM NÚMERO MAIOR DE CARTAS.

**ALFABETO MANUAL**



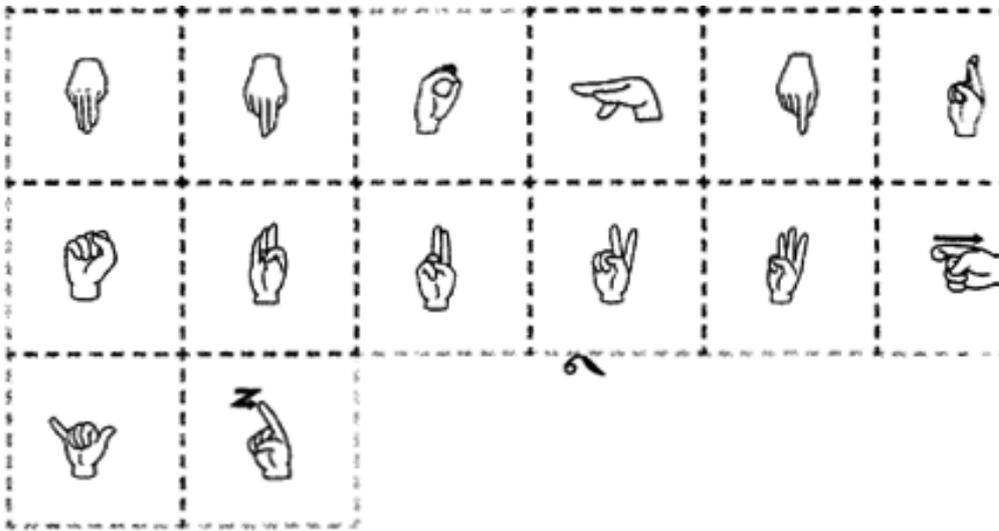
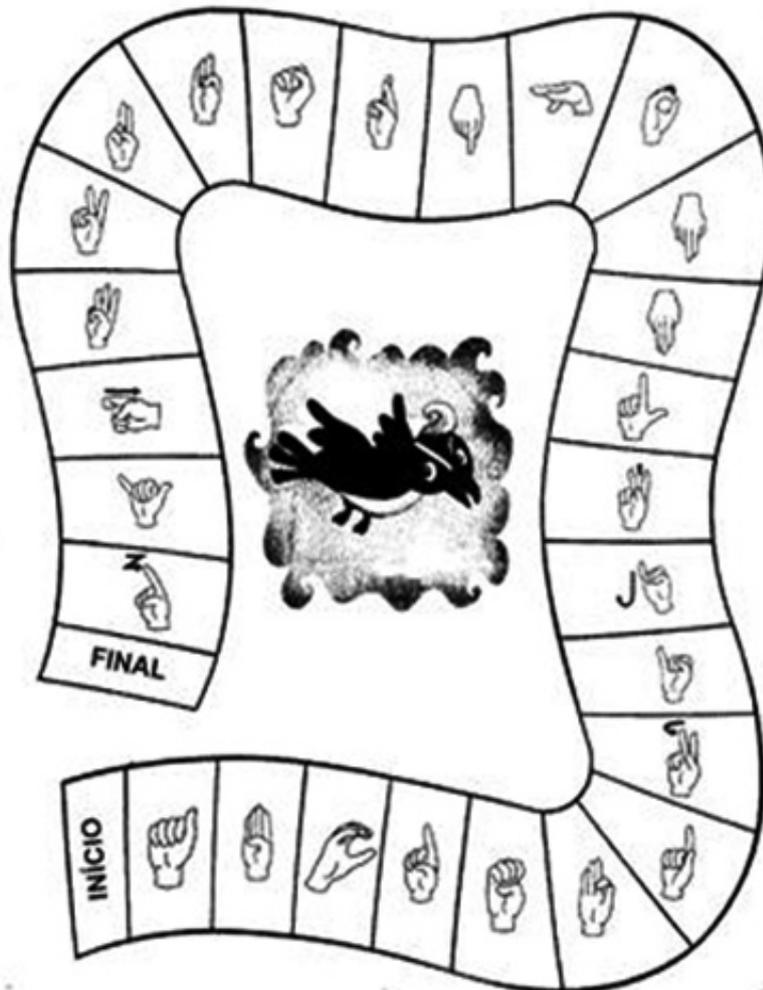


FIGURA 34 – JOGO DA MEMÓRIA  
 FONTE: SED; FCEE [2003?]

### DITADO DE LETRAS

PINTE AS LETRAS DO ALFABETO MANUAL  
 CONFORME O PROFESSOR FOR APRESENTANDO O ALFABETO:



OBJETIVO: FAVORECER O CONHECIMENTO DAS LETRAS DO ALFABETO MANUAL, RELACIONANDO-AS COM AS LETRAS DO ALFABETO.

FIGURA 35 – DITADO  
 FONTE: SED; FCEE [2003?]

COLE OS SINAIS DE ACORDO COM OS NÚMEROS.



|   |  |
|---|--|
| 0 |  |
| 1 |  |
| 2 |  |
| 3 |  |
| 4 |  |
| 5 |  |
| 6 |  |
| 7 |  |
| 8 |  |
| 9 |  |

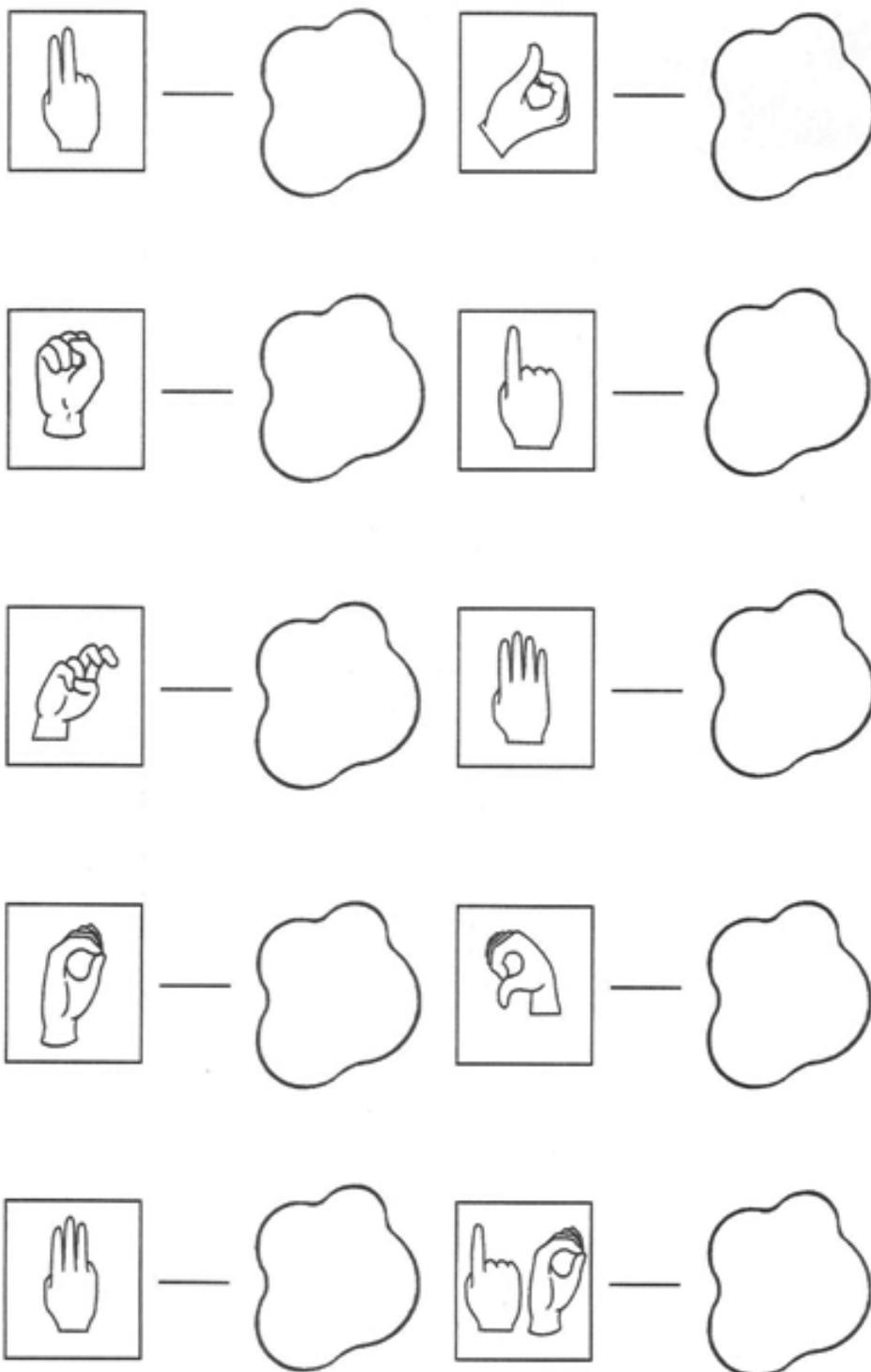


**OBJETIVO:** RELACIONAR OS NÚMEROS COM AS REPRESENTAÇÕES EM LIBRAS.

FIGURA 36 – SINAIS

FONTE: SED; FCEE [2003?]

## DESENHE A QUANTIDADE CORRESPONDENTE



**OBJETIVO:** RELACIONAR NÚMERO À QUANTIDADE.

FIGURA 37 – NÚMEROS  
 FONTE: SED; FCEE [2003?]

### 2.1 ALFABETO MÓVEL

Usando o alfabeto móvel, recorte com as crianças, cole as peças em EVA e produza um alfabeto móvel.

|   |   |   |   |   |  |   |   |
|---|---|---|---|---|--|---|---|
|    |    |    |    |    |    |    |    |
| A   | B   | C   | D   | E   | F  | G   | H   |
|    |    |    |    |    |    |    |    |
| I   | J   | K   | L   | M   | N  | O   | P   |
|  |  |  |  |  |  |  |  |
| Q   | R   | S   | T   | U   | V  | W   | X   |
|  |  |   |   |   |  |   |   |
| Y   | Z   |   |   |   |  |   |   |



FIGURA 38 – ALFABETO MÓVEL  
 FONTE: SED; FCEE [2003?]

## UNIDADE 3

### TÓPICO 3

#### JOGOS

#### 1 INTRODUÇÃO

Os jogos propostos têm por objetivo ampliar o vocabulário das crianças surdas, pois envolvem atividades de linguagem, como também dar destaque às configurações de mão utilizadas na realização dos sinais. É uma forma divertida de fixar esse aspecto tão importante da LIBRAS.

#### 2 JOGOS

##### 2.1 A PULGA SURDA

**Material:** tabuleiro do gato, botões coloridos e um dado.

**Objetivos:** fixação das configurações de mão e alfabeto manual, associação de letras e alfabeto manual, formação de palavras.

**Jogo:** O jogador escolhe um botão colorido que representa sua pulga. Coloque as pulgas na casa “Saída” e sorteie quem começa o jogo. Cada jogador, em sua vez, lança o dado e vai pulando, procurando as letras correspondentes à sequência do alfabeto manual. Ex.: dado 4 – a, b, c, d. O vencedor é a pulga que chegar até a casa “Final”.

**Variação:** Antes de iniciar o jogo, uma figura é escolhida e juntos escrevem seu nome em um lugar visível. Cada jogador lança o dado e vai pulando, procurando as letras da sequência da palavra da figura mostrada. Caso o número de letras da palavra seja inferior ao número do dado, o jogador deve continuar pulando e, portanto, não completa a tarefa. Desse modo o

jogador, para completar a tarefa, precisa acertar no dado o número de letras que precisa para completar a palavra. O vencedor é o dono da pulga que primeiro terminar a palavra.

**Obs.:** O professor pode adequar a escolha das palavras às necessidades de seu grupo de alunos, variando os temas a serem explorados.

## 2.2 O JOGO DAS MÃOS

**Material:** tabuleiro com as categorias, roleta de configuração de mãos, botões coloridos e 1 (um) dado.

**Objetivos:** ampliação do vocabulário e fixação das configurações de mãos da LIBRAS.

**Jogo:** cada jogador coloca sua peça colorida na casa “Saída” e sorteia quem começa. Cada jogador, em sua vez, lança o dado e vai pulando as casas na sequência correta do número sorteado. Ao parar em uma casa, gira a roleta e faz um sinal da LIBRAS com a configuração de mão (CM) sorteada, referente ao tema da casa em que parou (zoológico, alimentos, casa, família etc.). Se acertar, poderá continuar jogando na próxima rodada quando chegar a sua vez. Se errar, fica preso em sua casa uma rodada. Na próxima vez, gira a roleta novamente para mudar a configuração de mão. O vencedor é aquele que chegar primeiro ao final. Ex.: CM [c] sinal: maçã, copo, cunhado(a) etc.

FONTE: Disponível em: <[http://mail.amserver2.com/~consult/libraselegal/index.php?option=com\\_content&task=view&id=17&Itemid=29](http://mail.amserver2.com/~consult/libraselegal/index.php?option=com_content&task=view&id=17&Itemid=29)>. Acesso em 04 dez. 2008.

## 2.3 TESTE DA CAIXINHA

Recorte cada palavra e coloque-as numa caixinha. Faça o sorteio de uma palavra por vez, e em seguida faça o sinal correspondente. Tente agora fazer uma frase utilizando este sinal. Repita este procedimento, e vá anotando o resultado: quantos sinais consegui reproduzir? Quantas frases consegui formar?

Entendeu como fazer? Você pode utilizar vários sinais. Use a criatividade.

## 2.4 COLEÇÃO DE AUTÓGRAFOS

A partir da lista de descrições, solicite aos alunos que solicitem as informações aos colegas utilizando a datilologia e peça a ele(a) que assine o seu nome na coluna ao lado e lhe dê um abraço.

|    | Perguntas                         | Resposta | Assinatura |
|----|-----------------------------------|----------|------------|
| 01 | Qual o nome de seu pai?           |          |            |
| 02 | Qual o nome de sua mãe?           |          |            |
| 03 | Qual o nº do seu celular?         |          |            |
| 04 | Você mora em casa ou apartamento? |          |            |
| 05 | O que você mais gosta?            |          |            |



Vale a pena conferir os livros:

**Como Brincam as Crianças Surdas**, da Editora Plexus, escrito pela pedagoga Daniele Nunes Henrique Silva.

**Ideias para ensinar português para alunos surdos**, das autoras Ronice Müller de Quadros e Magali L. P. Schmiedt.

## 2.5 TELEFONE SEM FIO

Alinhe os alunos em fila um de costas para o outro, o primeiro da fila bate nas costas do colega da frente, que se vira e, em datilologia, diz uma palavra escolhida. Assim, o próximo faz a datilologia para o próximo e assim por diante, até chegar ao último. Quando a corrente chegar ao último, esse deve fazer a datilologia da palavra que chegou até ele para todos. Geralmente o resultado é desastroso e engraçado, a palavra se deforma ao passar de pessoa para pessoa e geralmente chega totalmente diferente no destino. É possível competir dois grupos para ver qual grupo chega com a palavra mais fielmente ao destino.

FONTE: Adaptado de <<http://www.faberludens.com.br/pt-br/book/export/html/226>>. Acesso em: 05 dez. 2008.



Lembre-se de exercitar os sinais!  
Utilize o seu DVD...

## 2.6 SINAIS

### 2.6.1 Cores



Cores

FIGURA 39 – CORES  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



Amarela

FIGURA 40 – CORES  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



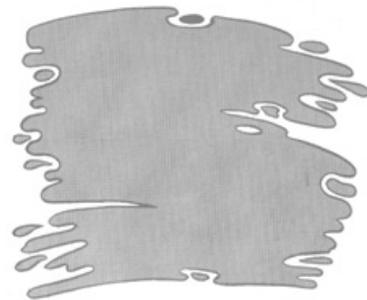
Branca

FIGURA 41 – CORES  
 FONTE: SED; FCEE [2003?]



Azul

FIGURA 42 – CORES  
 FONTE: SED; FCEE [2003?]



Cinza

FIGURA 43 – CORES  
 FONTE: SED; FCEE [2003?]



Laranja

FIGURA 44 – CORES  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



Marrom

FIGURA 45 – CORES  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



Preta

FIGURA 46 – CORES  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



FIGURA 47 – CORES  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



Rosa



FIGURA 48 – CORES  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



Roxa



FIGURA 49 – CORES  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



Verde



FIGURA 50 – CORES  
FONTE: SED; FCEE [2003?]

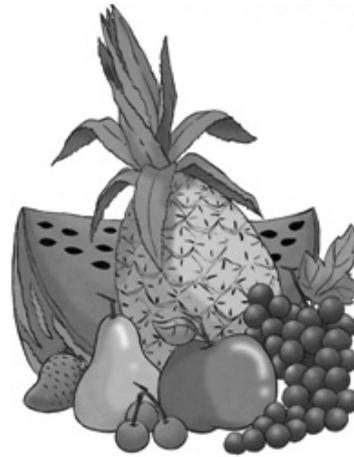


Vermelha

### 2.6.2 Frutas



FIGURA 51 – FRUTAS  
FONTE: SED; FCEE [2003?]

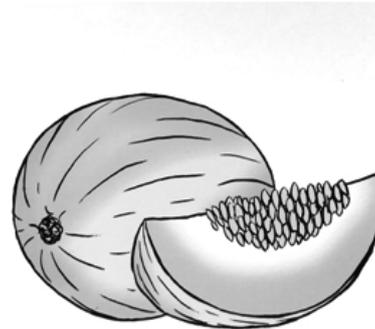
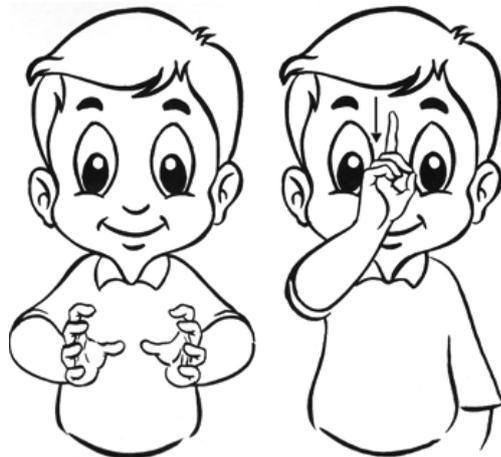


Frutas



Abacaxi

FIGURA 52 – FRUTAS  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



Melão

FIGURA 53 – FRUTAS  
FONTE: SED; FCEE [2003?]

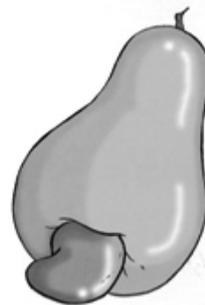


Morango

FIGURA 54 – FRUTAS  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



FIGURA 55 – FRUTAS  
 FONTE: SED; FCEE [2003?]



Caju



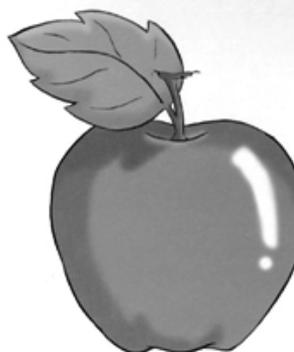
FIGURA 56 – FRUTAS  
 FONTE: SED; FCEE [2003?]



Banana



FIGURA 57 – FRUTAS  
 FONTE: SED; FCEE [2003?]



Maçã



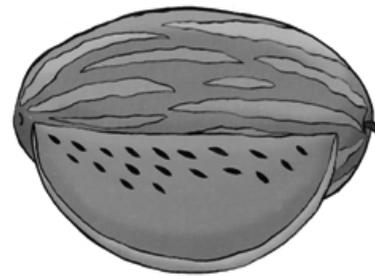
FIGURA 58 – FRUTAS  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



Laranja



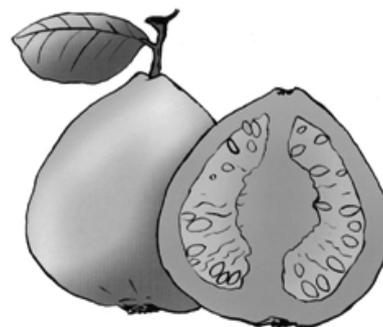
FIGURA 59 – FRUTAS  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



Melancia



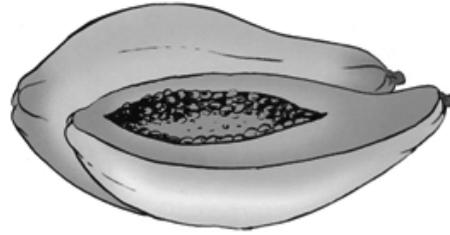
FIGURA 60 – FRUTAS  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



Goiaba



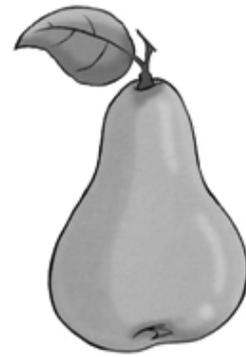
FIGURA 61 – FRUTAS  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



Mamão



FIGURA 62 – FRUTAS  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



Pêra



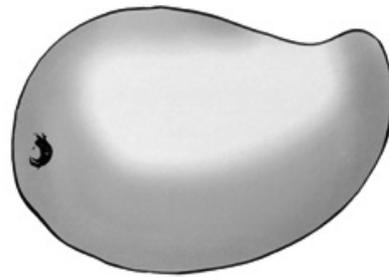
FIGURA 63 – FRUTAS  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



Coco



FIGURA 64 – FRUTAS  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



Manga



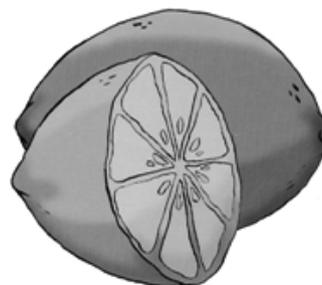
FIGURA 65 – FRUTAS  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



Uva



FIGURA 66 – FRUTAS  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



Limão

## 2.6.3 Animais



FIGURA 67 – ANIMAIS  
FONTE: SED; FCEE [2003?]

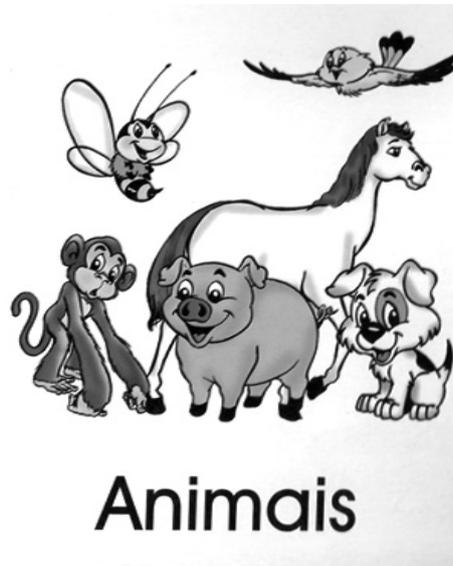
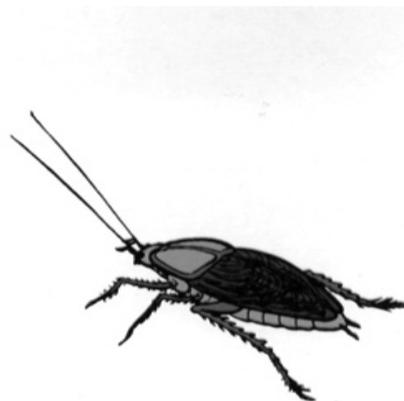


FIGURA 68 – ANIMAIS  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



Barata



FIGURA 69 – ANIMAIS  
 FONTE: SED; FCEE [2003?]



Leão



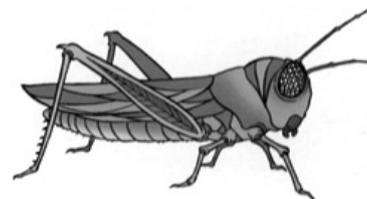
FIGURA 70 – ANIMAIS  
 FONTE: SED; FCEE [2003?]



Cachorro



FIGURA 71 – ANIMAIS  
 FONTE: SED; FCEE [2003?]



Inseto



FIGURA 72 – ANIMAIS  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



Peixe



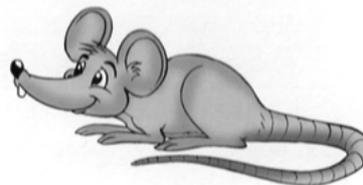
FIGURA 73 – ANIMAIS  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



Gato



FIGURA 74 – ANIMAIS  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



Rato



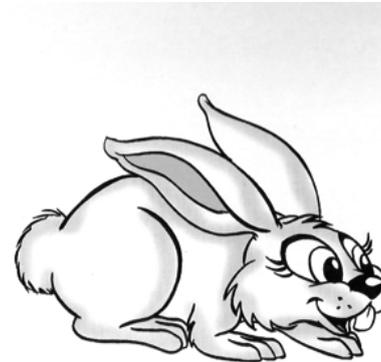
FIGURA 75 – ANIMAIS  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



**Cavalo**



FIGURA 76 – ANIMAIS  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



**Coelho**



FIGURA 77 – ANIMAIS  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



**Macaco**



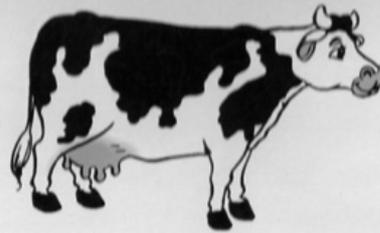
FIGURA 78 – ANIMAIS  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



Abelha



FIGURA 79 – ANIMAIS  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



Vaca



FIGURA 80 – ANIMAIS  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



Galinha



FIGURA 81 – ANIMAIS  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



Pato



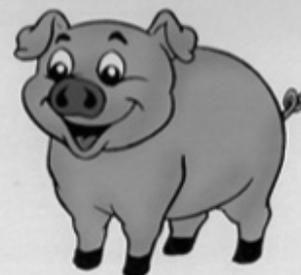
FIGURA 82 – ANIMAIS  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



Passarinho



FIGURA 83 – ANIMAIS  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



Porco

## 2.6.4 Brinquedos



FIGURA 84 – BRINQUEDOS  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



## Brinquedos



FIGURA 85 – BRINQUEDOS  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



## Pião

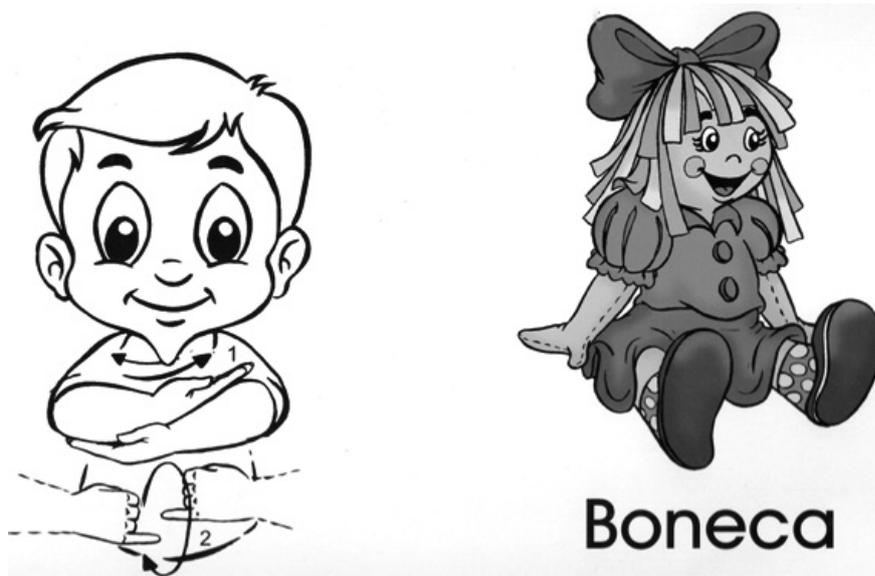


FIGURA 86 – BRINQUEDOS  
FONTE: SED; FCEE [2003?]

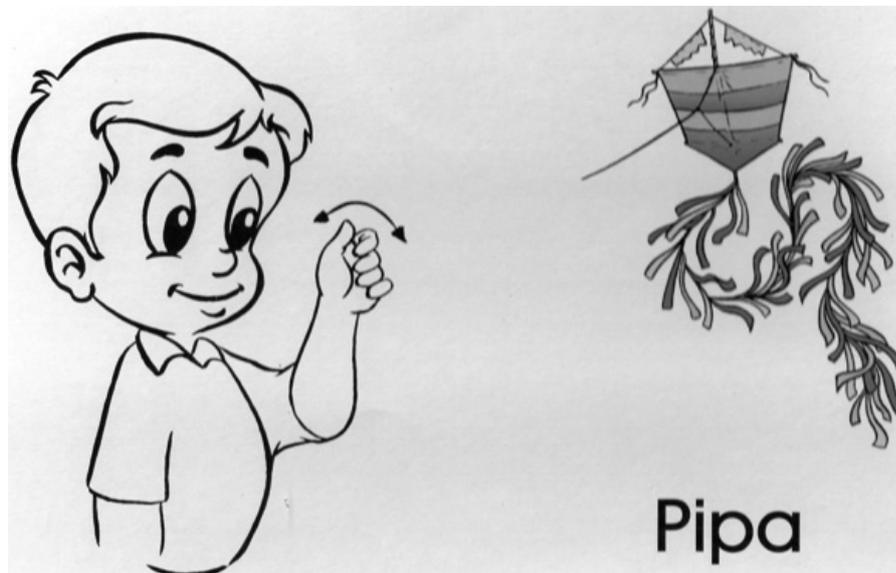


FIGURA 87 – BRINQUEDOS  
FONTE: SED; FCEE [2003?]

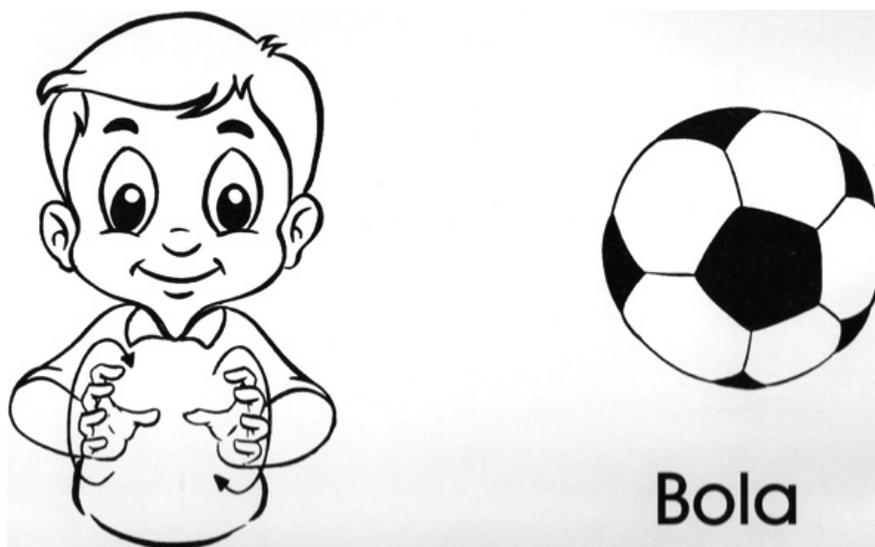
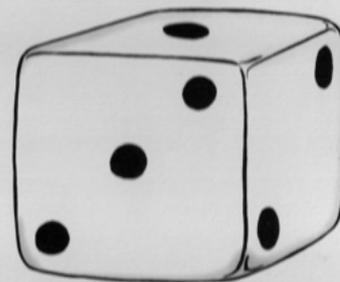


FIGURA 88 – BRINQUEDOS  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



Carrinho

FIGURA 89 – BRINQUEDOS  
FONTE: SED; FCEE [2003?]

Dado

FIGURA 90 – BRINQUEDOS  
FONTE: SED; FCEE [2003?]Casa de  
BonecaFIGURA 91 – BRINQUEDOS  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



FIGURA 92 – BRINQUEDOS  
 FONTE: SED; FCEE [2003?]



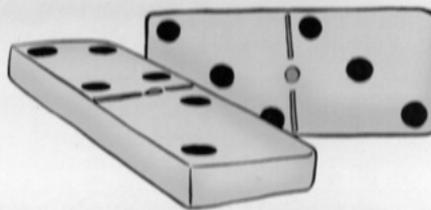
FIGURA 93 – BRINQUEDOS  
 FONTE: SED; FCEE [2003?]



FIGURA 94 – BRINQUEDOS  
 FONTE: SED; FCEE [2003?]



FIGURA 95 – BRINQUEDOS  
 FONTE: SED; FCEE [2003?]



Dominó



FIGURA 96 – BRINQUEDOS  
 FONTE: SED; FCEE [2003?]



Balanço



FIGURA 97 – VESTUÁRIO  
 FONTE: SED; FCEE [2003?]



## Vestuário



FIGURA 98 – VESTUÁRIO  
 FONTE: SED; FCEE [2003?]



## Tênis



FIGURA 99 – VESTUÁRIO  
 FONTE: SED; FCEE [2003?]



## Vestido



FIGURA 100 – VESTUÁRIO  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



**Bolsa**



FIGURA 101 – VESTUÁRIO  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



**Casaco**



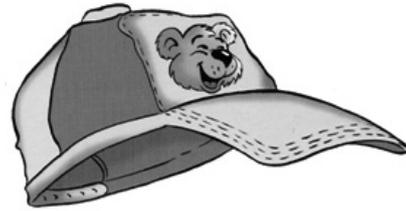
FIGURA 102 – VESTUÁRIO  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



**Meia**



FIGURA 103 – VESTUÁRIO  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



**Boné**



FIGURA 104 – VESTUÁRIO  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



**Camisa/Camiseta**



FIGURA 105 – VESTUÁRIO  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



**Sutiã**



FIGURA 106 – VESTUÁRIO  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



**Bermuda**



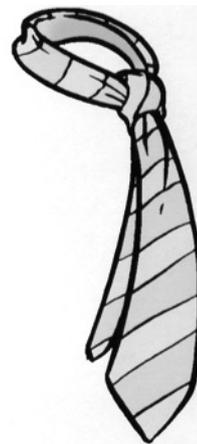
FIGURA 107 – VESTUÁRIO  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



**Calcinha**



FIGURA 108 – VESTUÁRIO  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



**Gravata**



FIGURA 109 – VESTUÁRIO  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



Calça



FIGURA 110 – VESTUÁRIO  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



Saia



FIGURA 111 – VESTUÁRIO  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



Sapato



FIGURA 112 – VESTUÁRIO  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



Chinelo



## Datas Comemorativas

FIGURA 113 – DATAS COMEMORATIVAS  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



## Dia do Trabalho

FIGURA 114 – DATAS COMEMORATIVAS  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



## Dia das Mães

FIGURA 115 – DATAS COMEMORATIVAS  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



FIGURA 116 – DATAS COMEMORATIVAS  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



## Carnaval



FIGURA 117 – DATAS COMEMORATIVAS  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



## Páscoa



FIGURA 118 – DATAS COMEMORATIVAS  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



## Dia do Índio



2



1

## Dia da Árvore

FIGURA 119 – DATAS COMEMORATIVAS  
 FONTE: SED; FCEE [2003?]



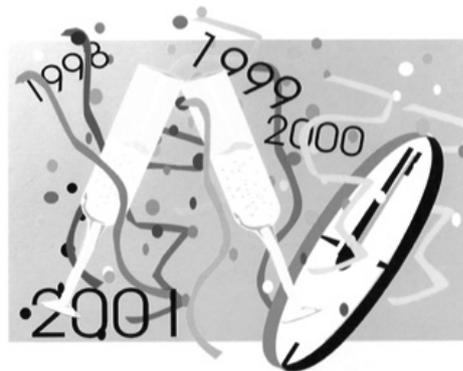
2



1

## Finados

FIGURA 120 – DATAS COMEMORATIVAS  
 FONTE: SED; FCEE [2003?]



## Ano Novo

FIGURA 121 – DATAS COMEMORATIVAS  
 FONTE: SED; FCEE [2003?]



## Festa Junina

FIGURA 122 – DATAS COMEMORATIVAS  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



## Dia do Soldado



FIGURA 123 – DATAS COMEMORATIVAS  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



## Dia do Professor



FIGURA 124 – DATAS COMEMORATIVAS  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



Natal

FIGURA 125 – DATAS COMEMORATIVAS  
 FONTE: SED; FCEE [2003?]



Dia da  
 Criança

FIGURA 126 – DATAS COMEMORATIVAS  
 FONTE: SED; FCEE [2003?]



Independência  
 do Brasil

FIGURA 127 – DATAS COMEMORATIVAS  
 FONTE: SED; FCEE [2003?]

## 2.6.7 Família



## Família

FIGURA 128 – FAMÍLIA  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



## Mãe

FIGURA 129 – FAMÍLIA  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



## Pai

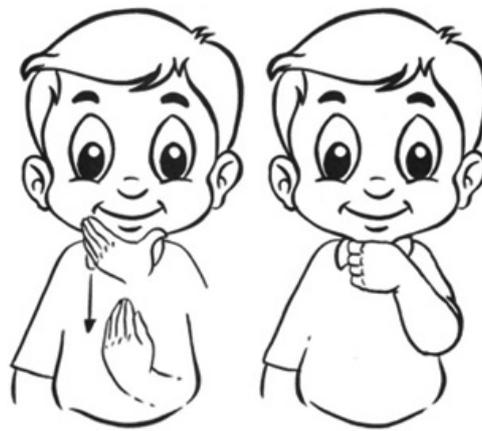
FIGURA 130 – FAMÍLIA  
FONTE: SED; FCEE [2003?]





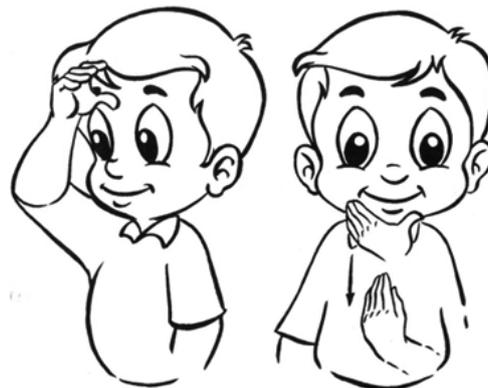
**Avó**

FIGURA 131 – FAMÍLIA  
 FONTE: SED; FCEE [2003?]



**Avô**

FIGURA 132 – FAMÍLIA  
 FONTE: SED; FCEE [2003?]



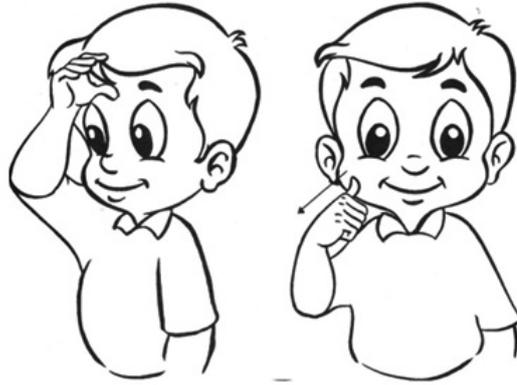
**Tio**

FIGURA 133 – FAMÍLIA  
 FONTE: SED; FCEE [2003?]



## Tia

FIGURA 134 – FAMÍLIA  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



## Filho

FIGURA 135 – FAMÍLIA  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



## Filha

FIGURA 136 – FAMÍLIA  
FONTE: SED; FCEE [2003?]





## Bebê

FIGURA 137 – FAMÍLIA  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



## Irmão

FIGURA 138 – FAMÍLIA  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



## Irmã

FIGURA 139 – FAMÍLIA  
FONTE: SED; FCEE [2003?]





## Menina

FIGURA 140 – FAMÍLIA  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



## Mulher

FIGURA 141 – FAMÍLIA  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



## Homem

FIGURA 142 – FAMÍLIA  
FONTE: SED; FCEE [2003?]





## Prima

FIGURA 143 – FAMÍLIA  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



## Primo

FIGURA 144 – FAMÍLIA  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



## Jovem

FIGURA 145– FAMÍLIA  
FONTE: SED; FCEE [2003?]



## 2.6.8 Escola

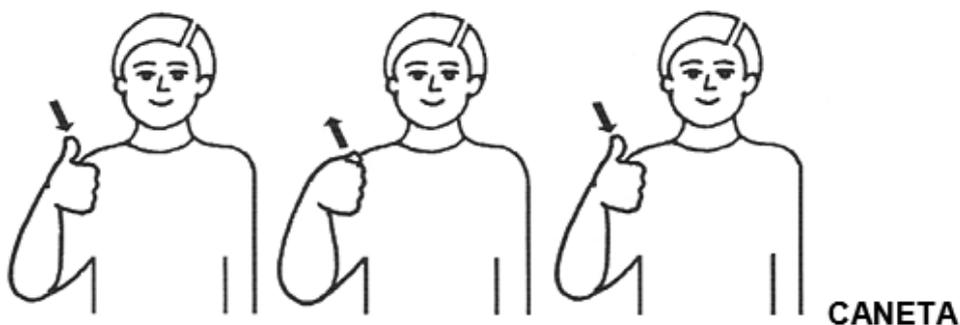
**CANETA**

FIGURA 146 – ESCOLA  
 FONTE: Capovilla; Raphael (2001)

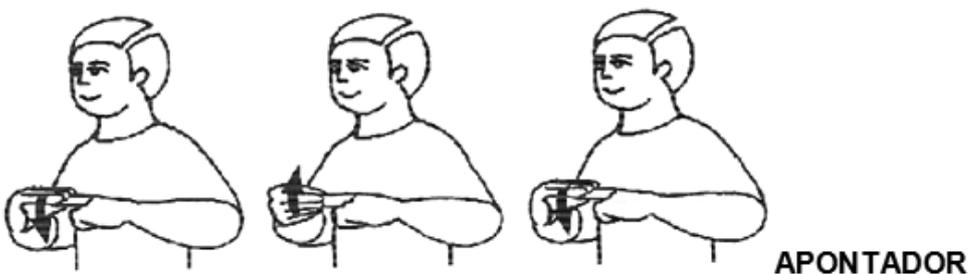
**APONTADOR**

FIGURA 147 – ESCOLA  
 FONTE: Capovilla; Raphael (2001)

**BORRACHA**

FIGURA 148 – ESCOLA  
 FONTE: Capovilla; Raphael (2001)

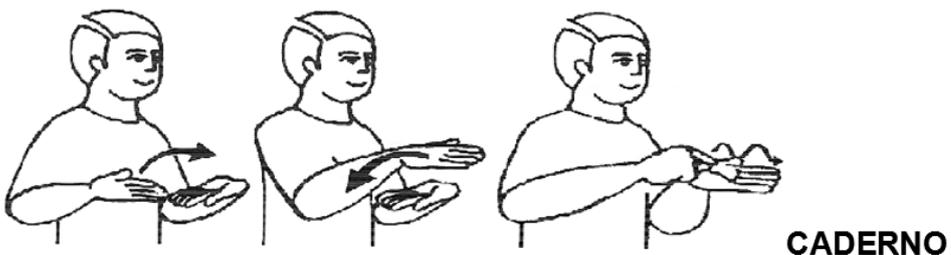
**CADERNO**

FIGURA 149 – ESCOLA  
 FONTE: Capovilla; Raphael (2001)

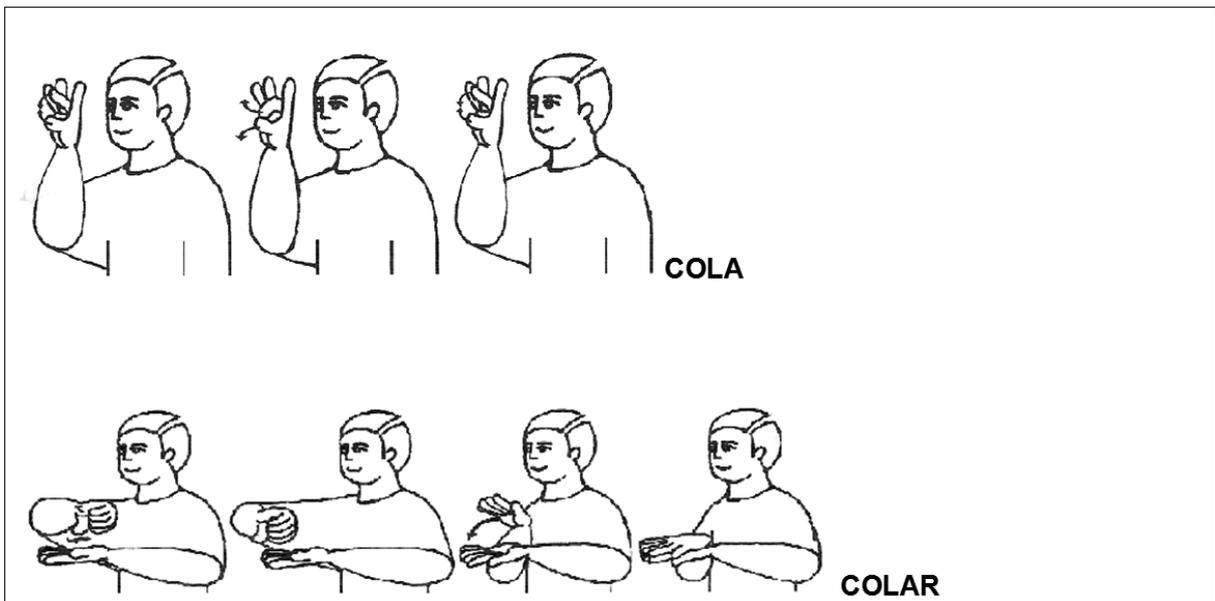


FIGURA 150 – ESCOLA  
 FONTE: Capovilla; Raphael (2001)

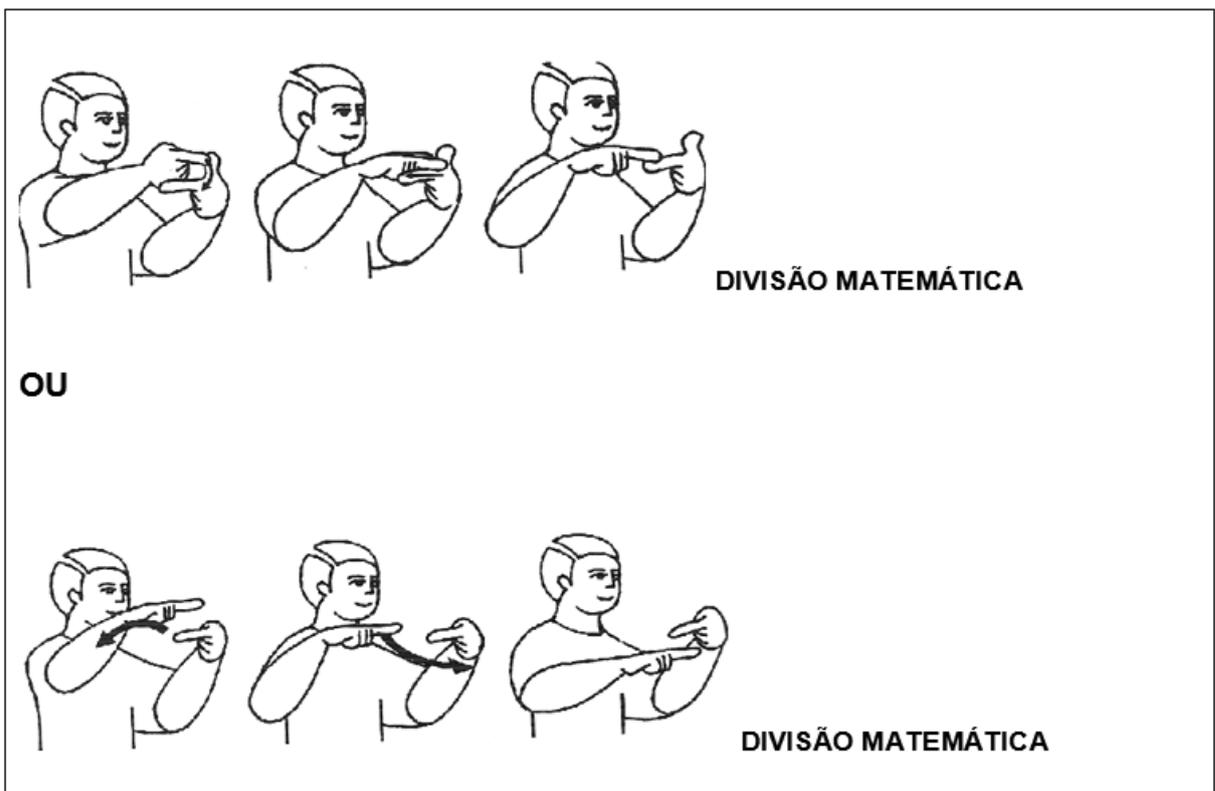


FIGURA 151 – ESCOLA  
 FONTE: Capovilla; Raphael (2001)

**ESCOLA**

FIGURA 152 – ESCOLA  
 FONTE: Capovilla; Raphael (2001)

**ESTUDAR**

FIGURA 153 – ESCOLA  
 FONTE: Capovilla; Raphael (2001)

**LÁPIS****LAPISEIRA**

FIGURA 154 – ESCOLA  
 FONTE: Capovilla; Raphael (2001)

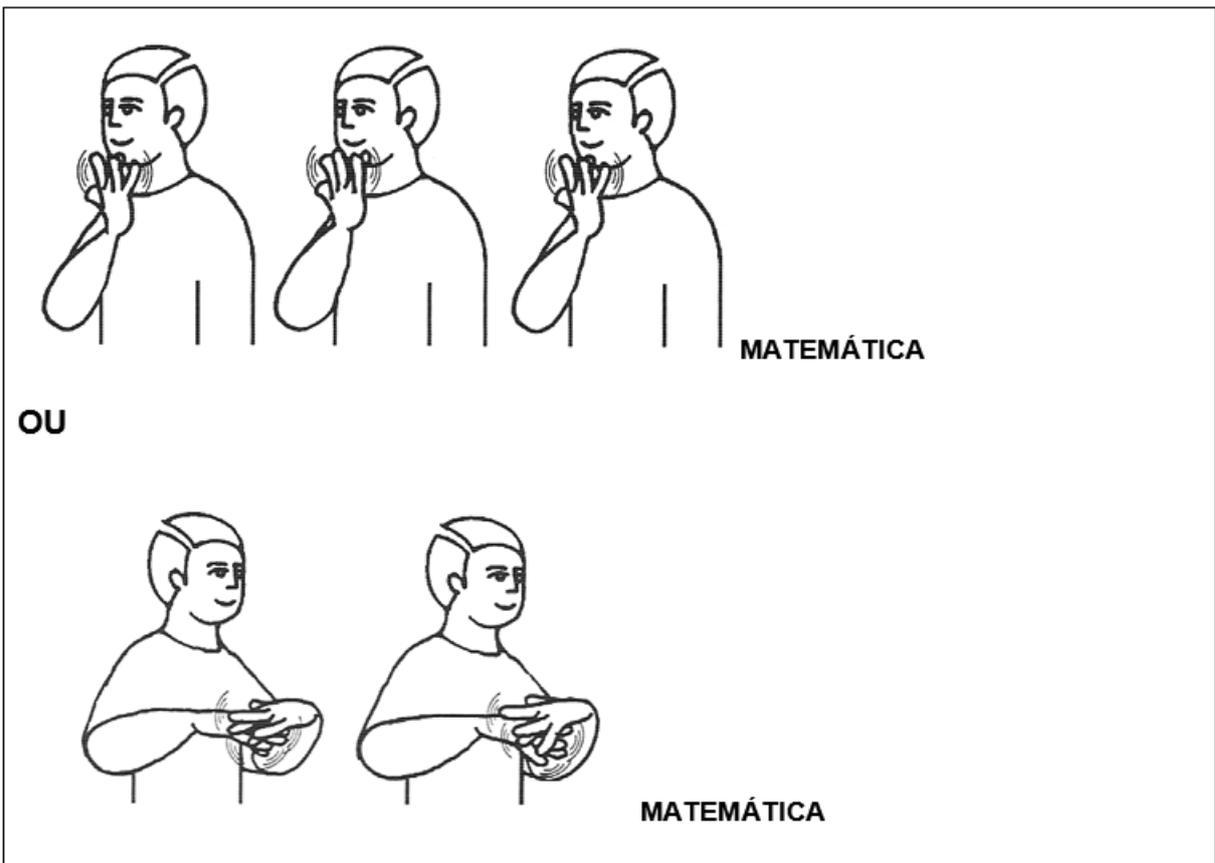


FIGURA 155 – ESCOLA  
 FONTE: Capovilla; Raphael (2001)

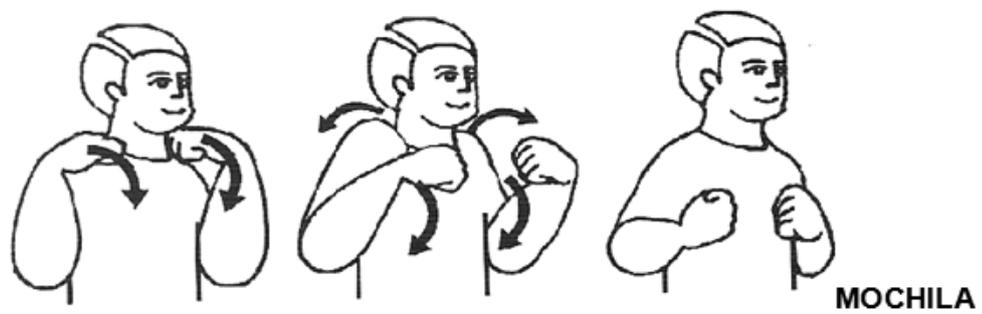


FIGURA 156 – ESCOLA  
 FONTE: Capovilla; Raphael (2001)

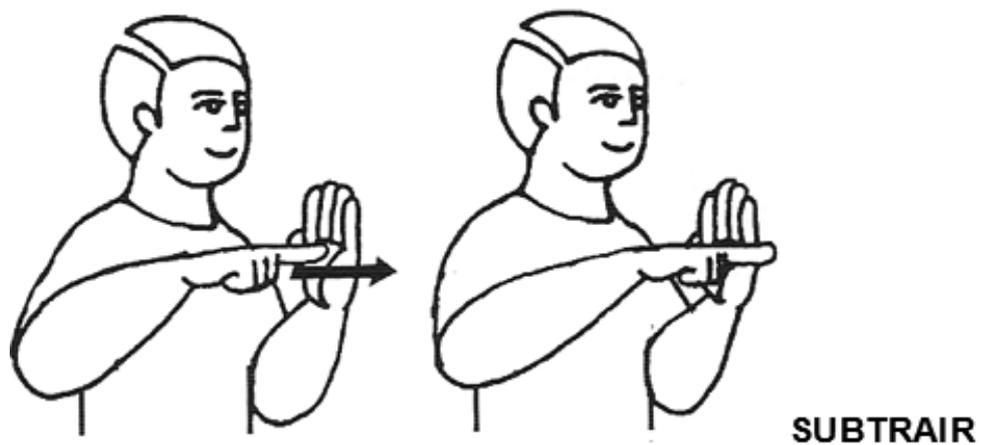


FIGURA 157 – ESCOLA  
 FONTE: Capovilla; Raphael (2001)

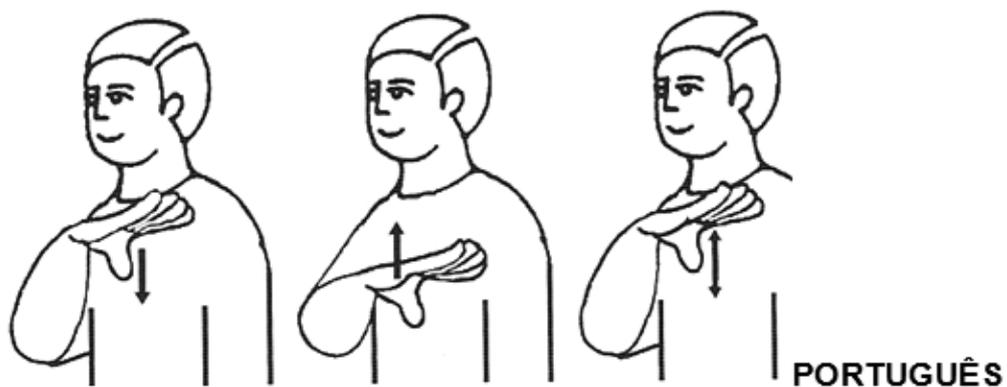


FIGURA 158 – ESCOLA  
 FONTE: Capovilla; Raphael (2001)

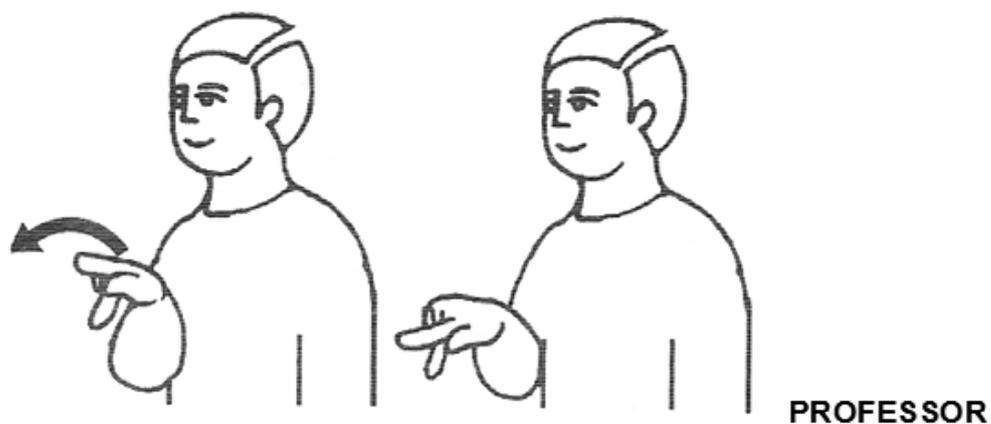
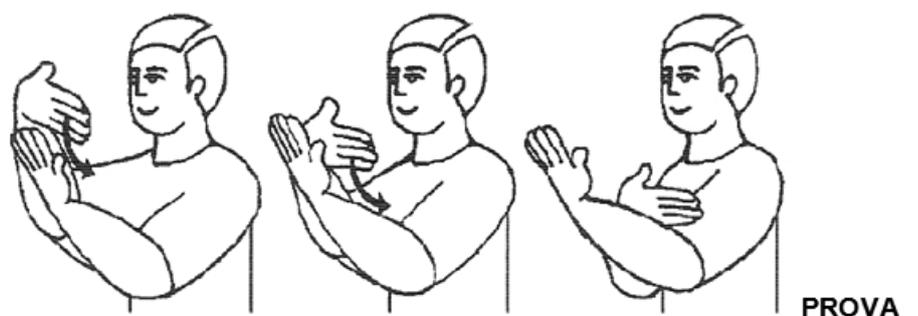


FIGURA 159 – ESCOLA  
 FONTE: Capovilla; Raphael (2001)



OU

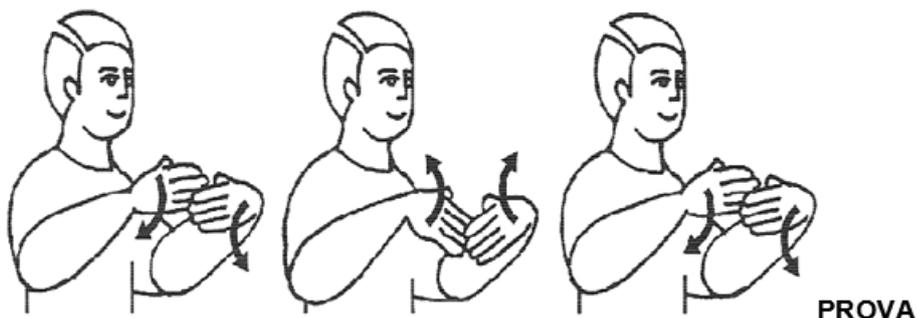
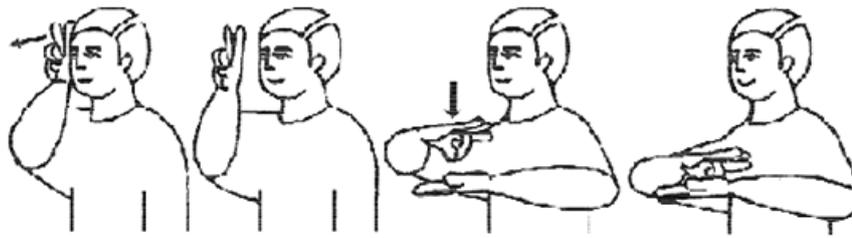


FIGURA 160 – ESCOLA  
 FONTE: Capovilla; Raphael (2001)



HISTÓRIA

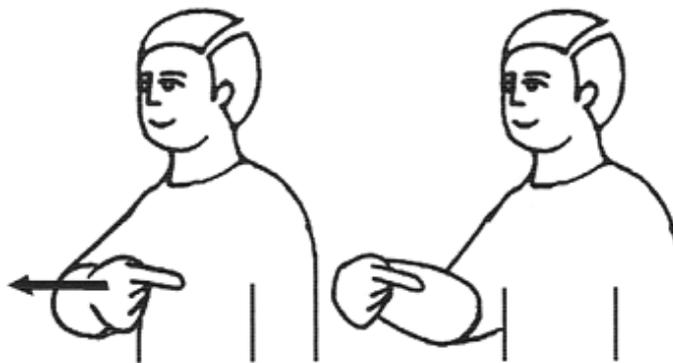
FIGURA 161 – ESCOLA  
 FONTE: Capovilla; Raphael (2001)



SALA DE AULA

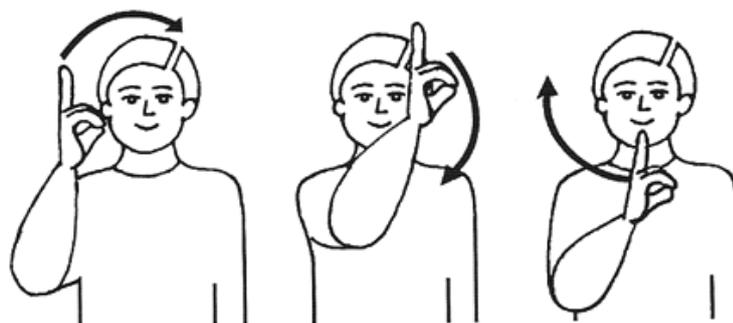
FIGURA 162 – ESCOLA  
 FONTE: Capovilla; Raphael (2001)

2.6.9 Semana



SEMANA

FIGURA 163 – SEMANA  
 FONTE: Capovilla; Raphael (2001)



DOMINGO

FIGURA 164 – SEMANA  
 FONTE: Capovilla; Raphael (2001)

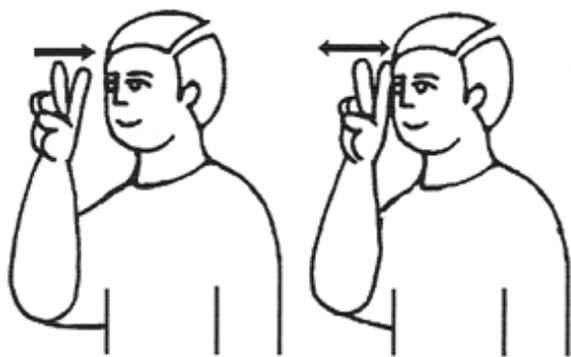
**SEGUNDA-FEIRA**

FIGURA 165 – SEMANA  
 FONTE: Capovilla; Raphael (2001)

**TERÇA-FEIRA**

FIGURA 166 – SEMANA  
 FONTE: Capovilla; Raphael (2001)

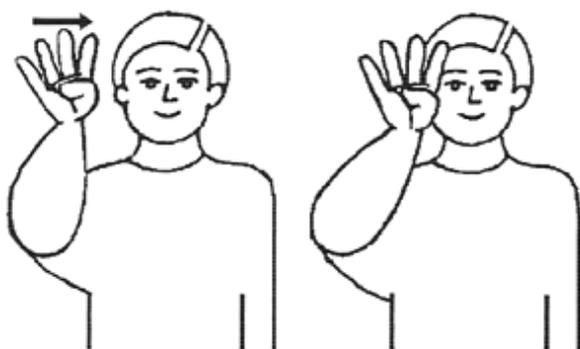
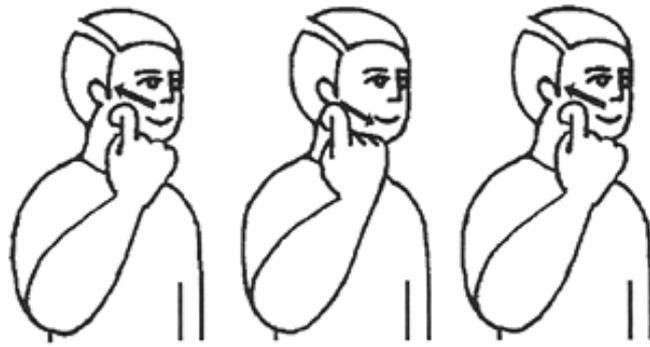
**QUARTA-FEIRA**

FIGURA 167 – SEMANA  
 FONTE: Capovilla; Raphael (2001)

**QUINTA-FEIRA**

FIGURA 168 – SEMANA  
 FONTE: Capovilla; Raphael (2001)



SEXTA-FEIRA

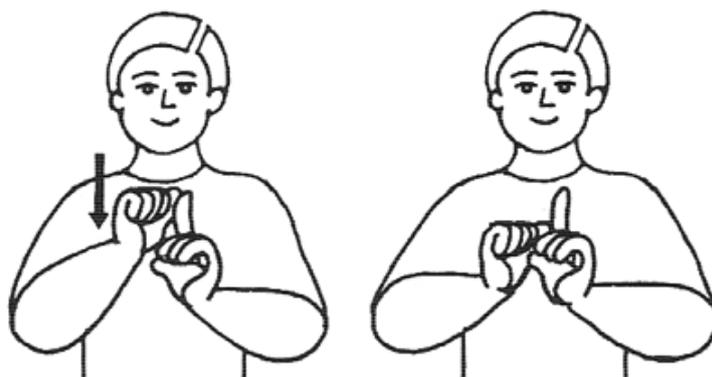
FIGURA 169 – SEMANA  
 FONTE: Capovilla; Raphael (2001)



SÁBADO

FIGURA 170 – SEMANA  
 FONTE: Capovilla; Raphael (2001)

### 2.6.10 Meses do ano



MÊS

FIGURA 171 – MESES DO ANO  
 FONTE: Capovilla; Raphael (2001)



JANEIRO

FIGURA 172 – MESES DO ANO  
 FONTE: Capovilla; Raphael (2001)



FEVEREIRO

FIGURA 173 – MESES DO ANO  
 FONTE: Capovilla; Raphael (2001)



MARÇO

FIGURA 174 – MESES DO ANO  
 FONTE: Capovilla; Raphael (2001)



ABRIL

FIGURA 175 – MESES DO ANO  
 FONTE: Capovilla; Raphael (2001)

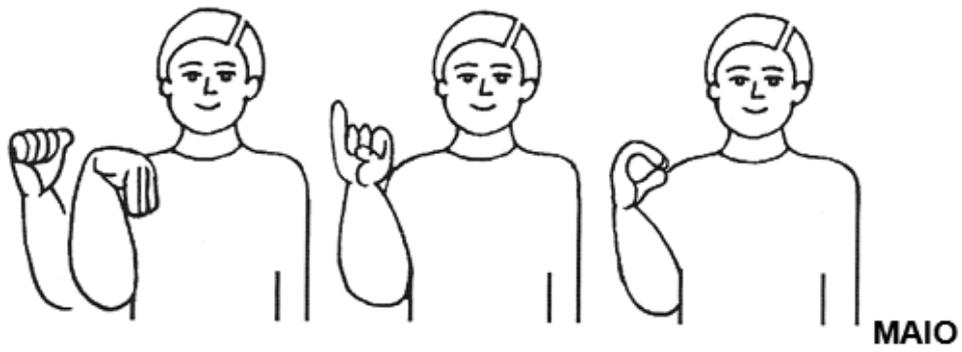


FIGURA 176 – MESES DO ANO  
 FONTE: Capovilla; Raphael (2001)

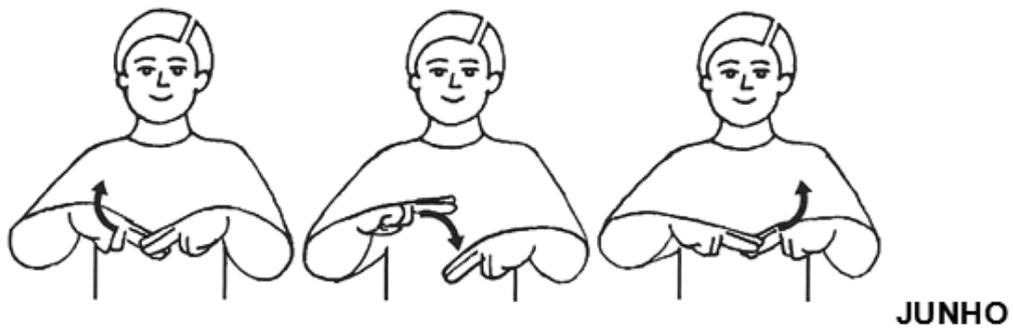


FIGURA 177 – MESES DO ANO  
 FONTE: Capovilla; Raphael (2001)

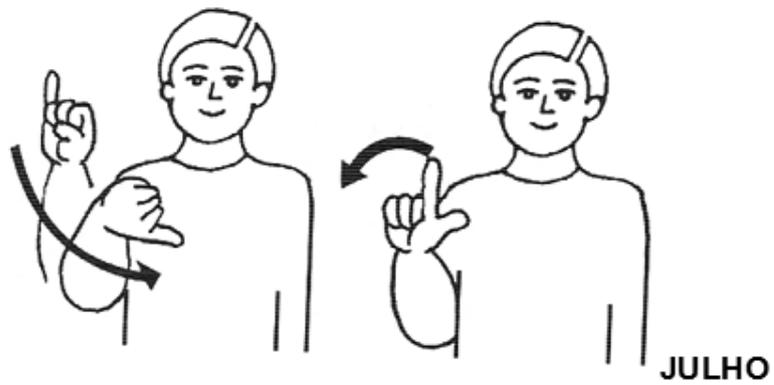


FIGURA 178 – MESES DO ANO  
 FONTE: Capovilla; Raphael (2001)

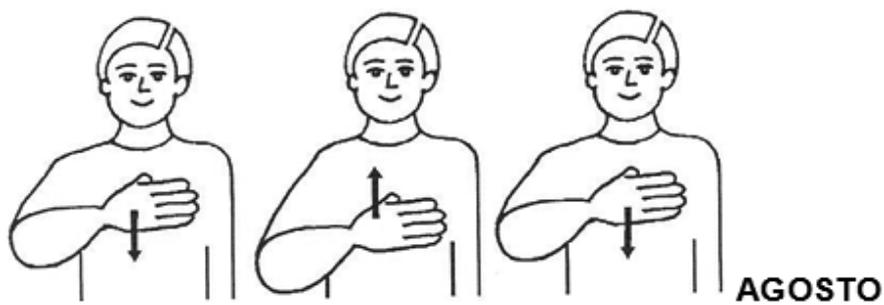


FIGURA 179 – MESES DO ANO  
 FONTE: Capovilla; Raphael (2001)

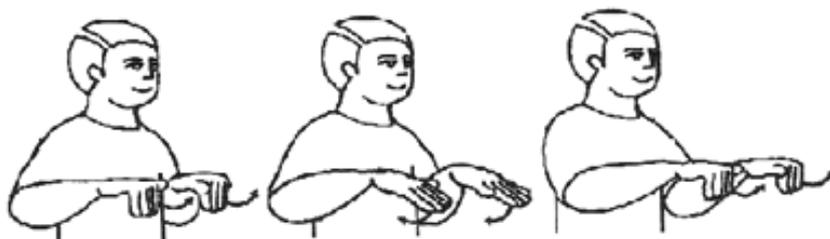
**SETEMBRO**

FIGURA 180 – MESES DO ANO  
 FONTE: Capovilla; Raphael (2001)

**OUTUBRO**

FIGURA 181 – MESES DO ANO  
 FONTE: Capovilla; Raphael (2001)

**NOVEMBRO**

FIGURA 182 – MESES DO ANO  
 FONTE: Capovilla; Raphael (2001)

**DEZEMBRO**

FIGURA 183 – MESES DO ANO  
 FONTE: Capovilla; Raphael (2001)

2.6.11 Boas maneiras

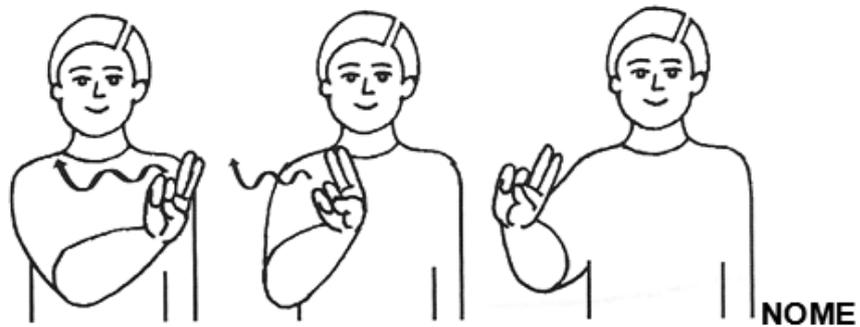


FIGURA 184 – BOAS MANEIRAS  
 FONTE: Capovilla; Raphael (2001)

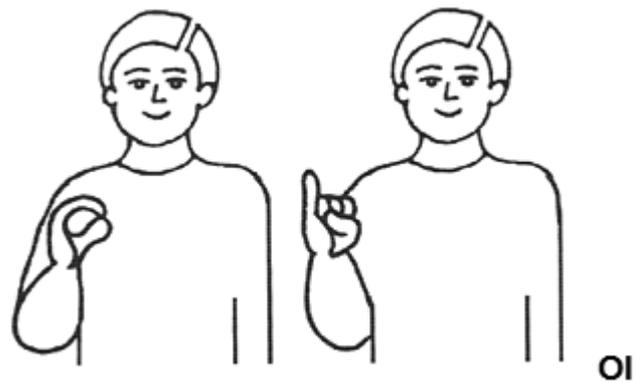
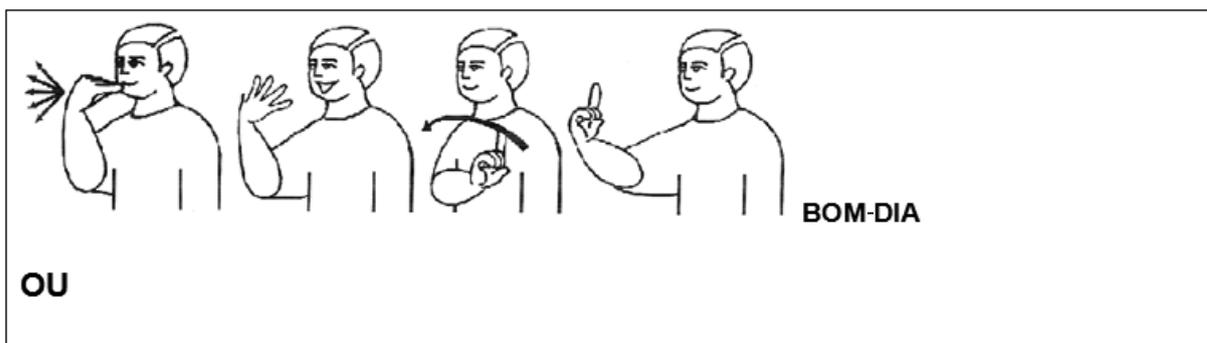
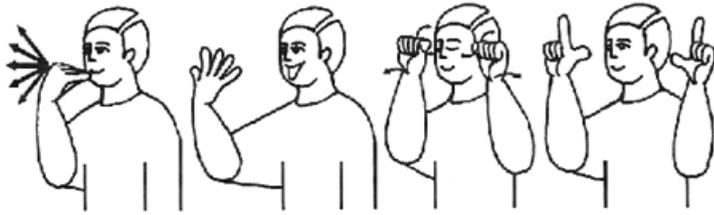


FIGURA 185 – BOAS MANEIRAS  
 FONTE: Capovilla; Raphael (2001)



OU

BOM-DIA



**OU**

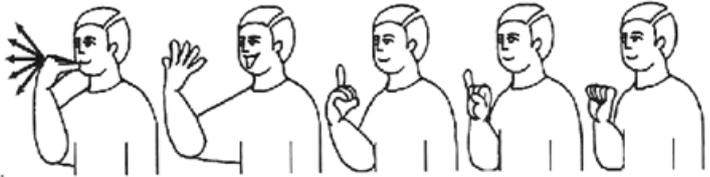
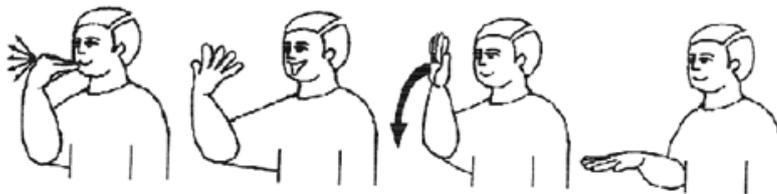


FIGURA 186 – BOAS MANEIRAS  
FONTE: Capovilla; Raphael (2001)



**BOA-TARDE**

FIGURA 187 – BOAS MANEIRAS  
FONTE: Capovilla; Raphael (2001)



**BOA NOITE**

FIGURA 188 – BOAS MANEIRAS  
FONTE: Capovilla; Raphael (2001)



**POR FAVOR**

FIGURA 189 – BOAS MANEIRAS  
FONTE: Capovilla; Raphael (2001)



FIGURA 190 – BOAS MANEIRAS  
 FONTE: Capovilla; Raphael (2001)



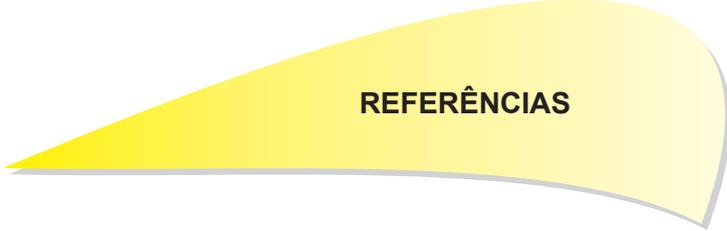
FIGURA 191 – BOAS MANEIRAS  
 FONTE: Capovilla; Raphael (2001)





Prezado(a) acadêmico(a), agora que chegamos ao final da Unidade 3, você deverá fazer a Avaliação referente a esta unidade.





## REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Ensino de língua portuguesa para surdos**: caminhos para a prática pedagógica/Secretaria de Educação Especial – Brasília: MEC/SEESP, 2002.

CAPOVILLA, Fernando Cesar; RAPHAEL, Walkiria Duarte. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue** – Língua de Sinais Brasileira. São Paulo: Editora EDUSP, 2001.

DaMATTA, R. **Explorações**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

FENEIS. Disponível em: <[www.feneis.com.br/](http://www.feneis.com.br/) - 64k>. Acesso em: 30 nov. 2008.

FELIPE, T. A. **LIBRAS em contexto**: curso básico. Livro do estudante. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial, 2001.

FERNANDES, Francisco. **Dicionário Brasileiro Globo**. 56. ed. São Paulo: Globo, 2003.

INES. Disponível em: <[www.ines.gov.br/Paginas/oquefazemos.asp](http://www.ines.gov.br/Paginas/oquefazemos.asp) - 9k>. Acesso em: 28 nov. 2008.

LIMA, Maria do Socorro Correia de. Algumas considerações sobre o ensino de português para surdos na escola Inclusiva. **Revista Letra Magna**. Ano 3, n. 5, 2006.

PERLIN, G. T. T. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SÁ, Nilda Limeira de. Cultura, poder e educação de surdos. In: **Existe uma cultura surda?** São Paulo: Paulinas, 2006.

SILVA, Marília da Piedade Marinho. **A construção de sentido na escrita do aluno surdo**. São Paulo: Plexus, 2001.

SKLIAR, Carlos. Um olhar sobre o nosso olhar acerca da surdez e das diferenças. In: **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SOARES, Maria Aparecida Leite. **A educação de surdos no Brasil**. 2. ed. Campinas. São Paulo: Autores associados, 2005.

STROBEL, Karin Lilian; FERNANDES, Sueli. **Aspectos linguísticos da língua brasileira de sinais**. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Educação Especial. Curitiba: SEED/ SUED/DEE, 1998.

VYGOTSKY, Lev. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WEIDUSCHAT, Íris. **Didática e avaliação**. 2.ed. Indaial: ASSELVI, 2007.

RODRIGUES, Zuleide. Histórico da Educação dos Surdos. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/3639/1/historico-da-educacao-dos-surdos/pagina1.html>>. Acesso em: 20 nov. 2008.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. Departamento de Educação Especial. **Falando com as mãos**. Libras: Língua Brasileira de Sinais.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTE – SED; FUNDAÇÃO CATARINENSE DE EDUCAÇÃO ESPECIAL - FCEE. **Vocabulário em língua de sinais**. Florianópolis, [2003?].